

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL MESTRADO

PAULO AFONSO LOVERA MARMENTINI

O FASCISMO PARA OS COLONOS:  
*IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE* E A DIVULGAÇÃO DO FASCISMO ENTRE  
ITALIANOS E SEUS DESCENDENTES NO RIO GRANDE DO SUL (1934-1938)

SÃO LEOPOLDO

2014

PAULO AFONSO LOVERA MARMENTINI

O FASCISMO PARA OS COLONOS:  
*IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE* E A DIVULGAÇÃO DO FASCISMO ENTRE  
ITALIANOS E SEUS DESCENDENTES NO RIO GRANDE DO SUL (1934-1938)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Cláudio Pereira Elmir

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M351f Marmentini, Paulo Afonso Lovera

O fascismo para os colonos: *Il Giornale Dell'Agricoltore* e a divulgação do fascismo entre italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul / Paulo Afonso Lovera Marmentini. - 2014.  
147 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2014.  
Orientação: Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir

1. Fascismo – Rio Grande do Sul – História. 2. *Il Giornale Dell'Agricoltore* – Caxias do Sul, RS – História. 3. Região colonial italiana do Rio Grande do Sul. 4. Imprensa – Caxias do Sul, RS – História. I. Título.

CDU : 329.18(816.5)(091)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Fascismo – Rio Grande do Sul – História	329.18(816.5)(091)
2. <i>Il Giornale Dell'Agricoltore</i> – Caxias do Sul, RS – História	070(816.5)(091)
3. Região colonial italiana do Rio Grande do Sul	325.54(450:816.5)
4. Imprensa – Caxias do Sul, RS – História	070(816.5)(091)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária  
Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500

PAULO AFONSO LOVERA MARMENTINI

O FASCISMO PARA OS COLONOS:  
*IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE* E A DIVULGAÇÃO DO FASCISMO ENTRE  
ITALIANOS E SEUS DESCENDENTES NO RIO GRANDE DO SUL (1934-1938)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 28 de abril de 2014.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. João Fábio Bertonha - UEM - Universidade Estadual de Maringá

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Brandalise - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramirez - UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai, Darci Primo Marmentini, por despertar em mim o interesse pela política e pelo futebol, e à minha mãe, Lisete Lovera Marmentini, por despertar em mim o interesse pela leitura e pelo estudo.

Aos amigos Cristine Tedesco, Mariana Duarte e Ramon Tisott, por compartilharem as (tantas) agruras e (nem tantas) alegrias da vida acadêmica.

Aos meus professores da Universidade de Caxias do Sul, pelo incentivo ao meu amadurecimento intelectual e pela sabedoria compartilhada.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pelo acolhimento.

À CAPES, pelo financiamento, sem o qual essa pesquisa não poderia ter existido.

Ao orientador dessa pesquisa, Cláudio Pereira Elmir, pela enorme paciência, gentileza e ponderação ao longo dos últimos dois anos e pelas contribuições indispensáveis para a realização deste trabalho.

E, por fim, um singelo, porém sincero, agradecimento a Bob Dylan, Brendan Perry, Dave King, Edgar Froese, Florian Schneider, Jerry Cantrell, Layne Staley, Lisa Gerrard, Mikael Åkerfeldt, Miles Davis, Ralf Hütter, Roger Waters e Trent Reznor, pela inspiração emanada de suas obras.

*We chase misprinted lies  
We face the path of time  
And yet I fight, and yet I fight  
This battle all alone  
No one to cry to  
No place to call home*

*Nutshell – Alice in Chains*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a divulgação e a representação do fascismo nas páginas do *Il Giornale dell'Agricoltore*, periódico de circulação semanal entre os anos de 1934 e 1938, com sede no município de Caxias, Rio Grande do Sul. Procurou-se identificar alguns atributos estruturais do fascismo que possam, intencionalmente, ter sido explorados com mais ênfase que outros no intuito de divulgar e propagandear a ideologia fascista entre colonos, pequenos proprietários de terra de origem italiana no Rio Grande do Sul. Buscou-se ainda estabelecer um paralelo entre a política externa italiana com relação a seus cidadãos no exterior, bem como a política dos consulados italianos e demais órgãos de difusão do fascismo no exterior, como *fasci all'estero*, *dopolavoro*, associações e escolas, e o noticiário do jornal, de modo a identificar também as manifestações do fascismo na região da serra gaúcha. Com isso, pode-se estabelecer que o eixo da propaganda fascista no jornal girava em torno da divulgação de uma imagem idealizada de uma Nova Itália, modernizada e unida em torno de seu líder; do reforço da italianidade, associada diretamente ao fascismo; e da representação do agricultor como elemento catalisador das qualidades relacionadas à italianidade. Pode-se identificar também o período relativo à questão ítalo-abissínia como o auge da propaganda do fascismo, apresentando a Itália de Mussolini como país símbolo da civilização em contraponto à barbárie africana.

**Palavras-chave:** Fascismo. Imprensa. Região Colonial Italiana.

## **ABSTRACT**

The present research aims to analyze the divulgation and the representation of Fascism on the pages of *Il Giornale dell'Agricoltore*, a weekly periodic which was published from 1934 to 1938 in Caxias do Sul, in the State of Rio Grande do Sul. With this purpose, it was tried to identify some structural attributes of Fascism that could, intentionally, have been explored with more emphasis than others, with the purpose of spreading the fascist ideology among local settlers, owners of small properties in Rio Grande do Sul who had come from Italy. It was also tried to establish a parallel between the Italian foreign policy regarding Italian citizens living abroad, and the policy of Italian Consulates and other agencies that diffused Fascism abroad, like *fasci all'estero*, *dopolavoro*, associations and schools, and the news from the newspaper, in order to identify the manifestations of Fascism in the Northeast of the State of Rio Grande do Sul. With this, it could be confirmed that the target of fascist publicity in the newspaper was to propagate an idealized image of a New Italy, modern and united around its leader; the strengthening of the Italian patriot feeling, directly associated with Fascism; and the representation of the farmer as a catalyst of the qualities related to the Italian patriot feeling. It was also possible to identify the period related to the Italian-Ethiopian War as the pinnacle of fascist publicity, presenting Mussolini's Italy as the country symbol of civilization, in a counterpoint to the African barbarism.

**Key-words:** Fascism. Press. Italian Colonial Region.

## RIASSUNTO

Questa ricerca si propone di analizzare la diffusione e rappresentazione del fascismo nelle pagine dell' Il Giornale dell'Agricoltore, una circolazione settimanale tra gli anni 1934 e 1938, con sede nella città di Caxias, Rio Grande do Sul. È stato cercato di identificare alcuni attributi strutturali del fascismo che possono intenzionalmente essere stati esplorati con più enfasi rispetto ad altri, al fine di promuovere e diffondere l'ideologia fascista tra i coloni, i piccoli proprietari di origine italiana del Rio Grande do Sul. È stato cercato anche di stabilire un parallelo tra la politica estera italiana nei confronti dei suoi cittadini all' estero, così come la politica dei consolati italiani e di altre agenzie per la diffusione del fascismo all'estero, dopolavoro, associazioni, scuole e articoli di giornale, in modo a identificare le manifestazioni del fascismo nella regione della Sierra Gaucha. Con questo, si può stabilire che l'asse della propaganda fascista nel documento ruotava intorno alla divulgazione di un'immagine idealizzata di una Nuova Italia, modernizzata ed unita attorno al loro capo; del rinforzo all'italianità, costruzione direttamente associata con il fascismo; e la rappresentazione del contadino come un catalizzatore legato all'italianità. È anche possibile identificare il periodo relativo alla guerra italo-abissina, come l'apice della propaganda del fascismo dall' Italia di Mussolini, come simbolo del paese di civiltà, in contrapposizione alla barbarie in Africa.

**Parole chiave:** Fascismo. Stampa. Regione Coloniale Italiana.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Cédula de identidade argentina de Adolfo Randazzo. Data: 16/08/1926..	18
Figura 2 - Jone Randazzo .....	20
Figura 3 - Foto do edifício sede do jornal .....	22
Figura 4 - Acrósticos sobre a Itália e o Brasil lado a lado.....	43
Figura 5 - Capa da edição especial da Festa da Uva de 1937 .....	51
Figura 6 - Extrato da capa da primeira edição.....	56
Figura 7 - Mussolini guiando trator .....	57
Figura 8 - Carta de Tito Poggi reproduzida pelo periódico .....	58
Figura 9 - Manifestação nacionalista em frente ao clube Juvenil, Caxias, mai. 1942. .....	66
Figura 10 - Membros do <i>fascio</i> em frente à sede da Sociedade <i>Principe di Napoli</i> ..	79
Figura 11 - Uma das primeiras apresentações teatrais do <i>Dopolavoro</i> Caxiense.....	83
Figura 12 - Gráfico de posses coloniais .....	116

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Escolas italianas no Brasil e número de alunos matriculados.....	89
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
2.1 APRESENTAÇÃO DA FONTE: <i>IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE</i> .....	16
<b>1 O FASCISMO NAS PÁGINAS DO <i>IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE</i></b> .....	27
1.1 A IMAGEM DE MUSSOLINI E DA ITÁLIA FASCISTA .....	29
1.2 A RELAÇÃO ENTRE BRASIL E ITÁLIA .....	39
1.3 FASCISMO E ITALIANIDADE .....	45
1.4 AGRICULTORES E O FASCISMO .....	54
<b>2 <i>IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE</i> E AS MANIFESTAÇÕES FASCISTAS LOCAIS</b> .....	61
2.1 OS <i>FASCI ALL'ESTERO</i> .....	62
2.2 AS SOCIEDADES ITALIANAS .....	73
2.3 <i>DOPOLAVORO</i> .....	81
2.4 ESCOLAS .....	86
2.5 ATIVIDADES CONSULARES .....	95
<b>3 A QUESTÃO ÍTALO-ABISSÍNIA</b> .....	103
3.1 HISTÓRICO E CAUSAS DA GUERRA .....	106
3.2 A LEGITIMAÇÃO DO CONFLITO PELO <i>IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE</i> .....	112
3.3 ETIÓPIA: PAÍS DA BARBÁRIE .....	117
3.4 " <i>INGLESI, STI NATI DA CANI</i> ": O CONFLITO DIPLOMÁTICO COM OS INGLESES E AS SANÇÕES ECONÔMICAS .....	123
3.5 REPERCUSSÃO REGIONAL DO CONFLITO .....	130
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	136
<b>FONTES CONSULTADAS</b> .....	141
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	142

## INTRODUÇÃO

Após a 1ª Guerra Mundial, a Itália, mesmo estando ao lado do bloco vencedor ao término do conflito, não viu atendidas as suas principais reivindicações territoriais, gerando uma, assim chamada pelos italianos, “vitória mutilada”. As crises econômicas e políticas decorrentes da Grande Guerra, associadas à Revolução Russa de 1917, fizeram com que os movimentos de esquerda tomassem um impulso como nunca antes havia sido visto na península. Nas eleições de 1919, o Partido Socialista havia sido o mais votado, levando-o a obter o maior número de cadeiras no Parlamento. Nesse sentido, a esquerda era considerada uma ameaça real aos interesses dos grupos dominantes da península.

Todavia, em 1922, o Partido Fascista liderado por Benito Mussolini assumiu o comando político da Itália. Apesar de Mussolini preferir perpetuar a ideia de sua tomada do poder pela força, por meio da “Marcha sobre Roma”, sua ascensão se deu por vias legais. Até então, a Itália experimentara uma sequência de fracos governos liberais que não foram capazes de estabilizar politicamente o país. O fascismo, que havia surgido como partido político em 1919 e que desde o começo de sua trajetória combateu à força seus inimigos, especialmente os socialistas, fez uso recorrente da violência, frente a qual o Estado liberal italiano mostrou-se complacente.

De maneira geral, podem ser elencados dois aspectos que foram cruciais na projeção política do fascismo: a necessidade de um governo forte capaz de controlar as tensões políticas em curso e o apoio recebido por grupos da elite econômica que se mostravam receosos às manifestações do socialismo. Apesar dos discursos de Mussolini irem de encontro à elite burguesa, esta viu no fascismo um “mal necessário” para a manutenção e garantia da representação de seus interesses. Como observou Donald Sassoon, “o *establishment* liberal tinha medo dos fascistas, porém ainda mais da esquerda e dos sindicatos”<sup>1</sup>.

Do outro lado do Atlântico, de acordo com João Fábio Bertonha, os interesses do governo fascista manifestavam-se no Brasil através da importância da “conquista da coletividade italiana e na instrumentalização desta para seus fins”. Segundo o

---

<sup>1</sup> SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 19.

autor, o governo italiano agiu em três níveis para a concretização desses objetivos: na “implantação no país dos órgãos de socialização fascistas” (*fasci all'estero*, *Dopolavoro* e as *Casa d'Italia*), na “potencialização do serviço consular” e na “conquista dos tradicionais foros da vida da colônia”, englobando dentro desse último as escolas, as associações e os jornais<sup>2</sup>. Logo, é possível identificar que houve um grande esforço do governo fascista em retomar os laços com os italianos e seus descendentes que viviam fora da Itália.

A região de colonização italiana do Rio Grande do Sul apresentava um relativo desenvolvimento industrial durante as décadas de 1920 e 1930. Porém, a falta de mão de obra especializada dificultava o processo de industrialização. A solução encontrada pelos empresários da região foi estimular a importação da mão de obra necessária, e nada mais natural que importá-la da Itália. Assim, no entendimento da historiadora Loraine Slomp Giron, vários “imigrantes tutelados” passaram a migrar para a região, tendo em comum basicamente a fidelidade ao fascismo e a formação técnica, embora tenha sido este um grupo bastante heterogêneo do ponto de vista social, oriundos de regiões diversas da Itália.<sup>3</sup>

Segundo Giron, foram nas sociedades italianas existentes na região, inicialmente criadas com o intuito de auxílio mútuo entre seus integrantes, onde os supostos “imigrantes tutelados” exerceram sua influência política em maior grau, formando os *fasci*, que passaram a ser elementos de mediação entre o governo italiano e a comunidade local. Os *fasci* objetivavam principalmente a adesão da elite local ao partido fascista, a propagação das realizações do fascismo entre a população local, organizar um novo movimento sindicalista, participar de movimentos cooperativistas visando integrá-los ao fascismo, controlar atividades de ensino e intermediar viagens e transações comerciais entre a Itália e os imigrantes da região.<sup>4</sup>

Nesse cenário regional, o fascismo foi divulgado e propagandeado para a população por meio de dois veículos principais: a Igreja Católica e a imprensa. A primeira, a partir da solução da questão romana, em 1929, passa a se alinhar politicamente com o fascismo, tornando-se a principal instituição de propaganda do

---

<sup>2</sup> BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b, p. 87.

<sup>3</sup> GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlanda, 1994. p. 82.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 86-7.

regime fascista fora do território italiano (ainda que já houvesse certa aproximação política entre os fascistas e a Igreja antes dessa data). Na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, a Igreja, além de cumprir um papel religioso, também orientava os imigrantes em questões morais e políticas. Assim, a Igreja assumiu um papel decisivo na divulgação e popularização do fascismo, especialmente entre os pequenos proprietários de terras de origem italiana, que constituíam a maior parte da população.

A divulgação pela imprensa se deu através de dois periódicos que circularam na região durante a década de 1930: o *Staffetta Riograndense*, pertencente à ordem dos capuchinhos e alinhado, portanto, ao pensamento político do Vaticano; e *Il Giornale dell'Agricoltore*, dirigido por Adolfo Randazzo, sem ligação formal com a Igreja. Seus editoriais expunham uma linha política abertamente fascista, e ambos tinham como foco o colono, pequeno proprietário de terras de origem italiana. As folhas circulavam prioritariamente em língua italiana, com algumas colunas ou notícias esporadicamente em língua portuguesa.

A proposta desta pesquisa é uma análise desse último periódico, *Il Giornale dell'Agricoltore*, procurando identificar e analisar quais foram os principais elementos ideológicos do fascismo italiano apropriados pelo jornal durante seu período de alinhamento com o mesmo, entre os anos de 1934 e 1938, no contexto específico da serra gaúcha.

João Fábio Bertonha, tendo estudado a rede de divulgação e propaganda do fascismo no Brasil, conclui que “a adesão formal aos órgãos fascistas foi realmente muito pequena no Rio Grande do Sul, se limitando a alguns poucos membros da burguesia e das classes médias”.<sup>5</sup> O autor atribui isso à deficiente campanha propagandística fascista no estado e ao caráter eminentemente rural da região, que dificultava a repercussão do movimento nesta significativa faixa (aproximadamente 80%, em 1928) da população. Essa deficiente propaganda incluía também os veículos de imprensa, que segundo relatórios pesquisados pelo autor, eram motivos de continuadas queixas dos órgãos fascistas gaúchos por não atingirem as populações rurais. Cabe aqui ressaltar que essa é uma observação a partir do ponto de vista de um órgão fascista. Porém, isso não significa necessariamente dizer que os periódicos não tenham influenciado politicamente a postura desses “italianos no

---

<sup>5</sup> BERTONHA, op. cit., p. 222-224.

exterior”. O próprio Bertonha concorda com Giron que, de fato, “uma simpatia generalizada pelo fascismo atingiu a coletividade italiana do Rio Grande do Sul como um todo, envolvendo igualmente a zona urbana e a rural”<sup>6</sup>. Assim, é pouco provável pensar que os periódicos não tenham exercido alguma influência, mesmo que de forma diminuta, nessa visão simpática e positiva à causa fascista observada na população local.

Partindo dessas premissas, as questões norteadoras para o desenvolvimento da presente pesquisa são as seguintes:

- Qual o significado da proposta política do periódico em relação ao fascismo, sua representação<sup>7</sup> e divulgação para a população local?
- Como o periódico repercutia o cenário político não somente a nível local, mas também estadual, nacional e mundial, em questões ligadas ao fascismo?
- Até que ponto pode-se identificar o periódico enquanto um agente da política externa fascista, mediada principalmente pelos consulados?

A análise do periódico se justifica tendo em vista que o jornal é um dos poucos documentos restantes que expressam a movimentação fascista na região. Acredita-se que suas páginas têm muito a dizer sobre esse movimento, onde pode-se encontrar não somente a postura específica do jornal, mas também repercussões de atividades e manifestações fascistas ocorridas em âmbito regional e que dizem respeito também à população local, elucidando a penetração do fascismo na serra gaúcha. É importante ainda ressaltar que não se intenciona aqui uma história da imprensa regional, mas sim situar o periódico como elemento atuante no processo político do período.

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 225.

<sup>7</sup> “As representações, ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real. Elas se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas, produzindo-se um sistema de valores que se erige em norma de referência. Assim é elaborada uma certa categorização social do real, a qual revela não só a relação de ‘desejabilidade’ que o grupo entretém com sua experiência do cotidiano, como também o tipo de comentário de inteligibilidade do real que o caracteriza – uma espécie de metadiscurso revelador de seu posicionamento. Em resumo, as representações apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistema de valores.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 47)

A escolha de periódicos enquanto fonte histórica para a realização de uma pesquisa ou mesmo para ser tomado como objeto de estudo, como observam Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, se dá por “entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”. A imprensa jornalística, a partir dessa ótica, não pode ser abordada pela perspectiva de um “mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.”<sup>8</sup>

O uso da imprensa como fonte histórica requer alguns cuidados metodológicos específicos e uma leitura diferenciada daquela do leitor habitual. Destacam-se aqui alguns pontos levantados por Cláudio Pereira Elmir<sup>9</sup> sobre o manuseio da fonte jornalística. Se o leitor habitual de periódicos desenvolve uma “leitura extensiva” dos mesmos, observando usualmente a quantidade de informações, cabe ao historiador “ler intensivamente”, buscando uma análise qualitativa das informações ali presentes. Também há de se considerar que a intenção exprimida pelo periódico pode ser entendida pelos leitores de uma forma diferente da originalmente pensada por quem a escreveu a matéria. Nesse sentido, Elmir observa que

muitas vezes, a recepção pode não realizar o desejo daqueles que emitiram determinado juízo sobre alguma questão. Devemos levar em conta este tipo de diferenciação para evitarmos concluir através de nossa leitura intensiva relações que o leitor empírico na sua leitura extensiva não estabeleceu com o texto, ou com as ideias.<sup>10</sup>

Outro ponto importante é observar que a imprensa não pode ser a única fonte para a pesquisa histórica, sendo imprescindível a confrontação entre a bibliografia sobre o tema e as informações transmitidas nos periódicos.<sup>11</sup>

Tânia Regina de Luca chama atenção também para que aspectos ligados à diagramação também sejam analisados com cuidado, pois podem ser relacionados

---

<sup>8</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia** no jornal "O Estado de São Paulo". São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p. 19.

<sup>9</sup> ELMIR, Cláudio Pereira. Armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, dezembro de 1995, n. 13, p. 21-22.

<sup>10</sup> Ibid., p. 23.

<sup>11</sup> Ibid., p. 25.

aos “sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação”<sup>12</sup>. Ainda deve-se atentar para a questão da subjetividade presente em notícias e artigos. Segundo Reneé Zicman, “a Imprensa age sempre no campo político-ideológico e portanto toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de Imprensa consultados”<sup>13</sup>. Sendo assim, é imperativo que a análise de veículos de imprensa não se restrinja somente à questão textual, uma vez que muitos outros elementos também entram em jogo.

Esse cruzamento de fontes, porém, nem sempre é possível ou fácil de ser executado. Sobre isso, Jean-Noël Jeanneney, em seu ensaio sobre mídia, argumenta que há dificuldades em se avançar nesse sentido em função de um “desequilíbrio da documentação” que é recorrente nos trabalhos envolvendo veículos de comunicação: por um lado, uma enorme gama de documentos jornalísticos impressos, e por outro, a lacuna de documentos e informações referentes às instituições produtoras do jornal<sup>14</sup>. Apesar dessa quase que inerente dificuldade metodológica, esse empecilho não deve ser simplesmente ignorado e esse “desequilíbrio” deve ser combatido no âmbito das possibilidades do pesquisador.

Quanto ao papel do jornal no cenário político, Jeanneney é enfático:

Se alguém alegar que isso foge do político stricto sensu, eu retrucaria, a partir da minha experiência, que sempre se esbarra no político, de uma maneira ou outra, no interior desses estabelecimentos, porque na vida cotidiana de um jornal, de uma rádio, de uma televisão, se reflete constantemente a vida política do país. Com todas as deformações que se queira, vê-se aí resumido, reunido, com relevos acentuados, o jogo que é jogado no mundo político.<sup>15</sup>

Partindo então desses pressupostos metodológicos, este trabalho visa analisar a representação e o “formato” do fascismo divulgado nas páginas do // *Giornale dell’Agricoltore*, identificando suas principais características e os principais

<sup>12</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 132.

<sup>13</sup> Apud DALMÁZ, Mateus. **A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo**: (1933-1945). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 14.

<sup>14</sup> JEANNENEY, Jean-Noël. Mídia. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 214.

<sup>15</sup> Ibid., 224-225.

pontos abordados pelo periódico, procurando perceber alguns atributos estruturais do fascismo que possam, intencionalmente, terem sido explorados com mais ênfase que outros. Busca-se ainda fazer um paralelo entre a política externa italiana para com seus cidadãos no exterior, bem como a política dos consulados italianos e dos *fasci all'estero* no Brasil e, com mais ênfase, no Rio Grande do Sul, e a atuação e divulgação do fascismo pelo periódico, procurando identificar como o mesmo exercia o papel de veículo disseminador de ideias fascistas que estas instituições desejavam promover.

## 2.1 APRESENTAÇÃO DA FONTE: *IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE*

O *Il Giornale dell'Agricoltore* é, antes de tudo, um jornal de caráter técnico. Destinado ao agricultor, pequeno proprietário de terras de origem italiana, pretende com suas informações aperfeiçoar a produção agrícola da região a partir do conhecimento científico de seu diretor e dos demais componentes que contribuem para a composição do periódico. Em diversas oportunidades destaca sua intenção de combater o que julga ser uma tradição ignorante de cultivo seguida pelo colono, calcada em costumes rudimentares, e que muitos ainda insistem em seguir. O jornal, então, seria uma espécie de órgão difusor da ciência agrônoma para esses pequenos agricultores. Escrito em um italiano gramatical simples – não em dialeto –, de fácil interpretação, com alguns trechos também em português, poderia ser usado como um manual sobre questões técnicas e científicas relativas à agricultura e à criação de animais.

O slogan do periódico, “*Voce dei Rurali della Colonia Italiana del Rio Grande do Sul*”<sup>16</sup>, demonstra ainda a pretensão de ser um porta-voz dos agricultores. Buscando atender seus interesses nas mais diversas situações, não somente no que tange à área agrícola, mas também em questões de ordem econômica, jurídica, comercial, religiosa e política, o semanário postula-se como um representante dos produtores em festejos, conferências, assembleias, palestras e eventos em geral, procurando levar até as autoridades as indagações e as reivindicações dos colonos e trazer em suas páginas o conteúdo desses acontecimentos, conforme o que julga

---

<sup>16</sup> “Voz dos rurais [agricultores] da colônia italiana do Rio Grande do Sul.” Todas as traduções da pesquisa foram feitas pelo autor.

ser importante ao conhecimento dos mesmos. Inicia sua circulação com oito páginas, elevando posteriormente o número para dez, com algumas edições lançadas ainda com doze páginas.

O jornal foi fundado e dirigido durante grande parte de sua existência por Adolfo Randazzo. Seu primeiro número é lançado em 28 de fevereiro de 1934, circulando semanalmente até 1940.<sup>17</sup> Em 1938, porém, o jornal acaba sofrendo as imposições nacionalistas do Estado Novo e passa a ser publicado totalmente em língua portuguesa, mudando o nome para *O Jornal do Agricultor*, inclusive alterando sua direção, que passa a ser exercida por Caetano Pettinelli, e transferindo sua sede para Porto Alegre:

Comunicamos aos nossos distintos amigos, assinantes e anunciantes, que com o proposito de melhor poder atender a parte tecnica, deliberamos transferir n/ jornal para Porto Alegre, onde estaremos aptos e aparelhados para atender a sempre maior difusão dessa folha.

Comunicamos outrosim, que em virtude das novas disposições das leis brasileiras, resolvemos alterar a designação de “Il Giornale dell’Agricoltore” para “**O JORNAL DO AGRICULTOR**”.<sup>18</sup>

Sobre Randazzo, algumas informações encontradas ajudam a elucidar um pouco seu perfil. Adolfo era nascido na Itália, em 8 de abril de 1899, em Cremona, ao norte da península, e, ao que indica sua carteira de identidade argentina<sup>19</sup>, teve uma passagem por esse país, em 1926, antes de chegar ao Brasil.

Sua principal ocupação era a de engenheiro agrônomo, pois assim assinava algumas de suas publicações técnicas no jornal. Giron e Pozenato adicionam mais um dado: “atuava em Caxias na coleta dos cabungos, serviço prestado à Prefeitura Municipal”<sup>20</sup>. De fato, há uma gama razoável de documentos<sup>21</sup>, a partir de 1927, que comprovam consultas e serviços prestados por Adolfo Randazzo, através de sua

<sup>17</sup> O último exemplar conhecido data de 23 de março de 1940 (HENRICHS, 1988, p. 81). A coleção disponível junto ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, em Caxias do Sul, contando com 160 exemplares, não se encontra totalmente completa, tendo por falta alguns números. O último exemplar presente nessa coleção data de 18 de janeiro de 1939.

Os números não disponíveis na coleção do Arquivo Histórico de Caxias do Sul são os seguintes: 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 38, 54, 55, 60, 63, 65, 66, 67, 69, 75, 78, 82, 92, 99, 102, 107, 110, 112, 115, 116, 118, 119, 120, 125, 127, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 146, 152, 155, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 181, 182, 187, 189, 191, 192, 193, 195, 197 e 201.

<sup>18</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 12 mai. 1938, p. 1. (Grifos conforme original.)

<sup>19</sup> Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Fundo Manlio Randazzo, RZZ (001).

<sup>20</sup> GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004. p. 98.

<sup>21</sup> Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Fundo 07.00 Serviços Públicos.

empresa homônima de asseio público, à prefeitura de Caxias. Todos esses contatos referem-se à limpeza urbana, mais especificamente ao recolhimento de lixo e de material fecal (realizado na cidade desde 1913), e estendem-se até o ano de 1948. Porém, há uma lacuna na documentação no que diz respeito aos anos em que Randazzo dirigiu ou esteve ligado ao *Il Giornale dell'Agricoltore* (1934 a 1938), indicando um possível desligamento daquela atividade e dedicação exclusiva ao periódico.

Figura 1 - Cédula de identidade argentina de Adolfo Randazzo. Data: 16/08/1926.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Fundo Manlio Randazzo RZZ (001).

Giron chega ainda a postular Randazzo como um dos “imigrantes tutelados”<sup>22</sup> que teriam vindo ao Brasil com a missão de divulgar e propagandear o fascismo.<sup>23</sup> Pelos anúncios de publicidade, podemos notar que possuía um estabelecimento agrícola em seu nome, onde comercializava principalmente mudas de árvores frutíferas.<sup>24</sup> Outras atividades às quais podemos associar seu nome são a direção do

<sup>22</sup> Apesar de postulado por Giron, nas fontes levantadas por essa pesquisa não foram encontradas evidências conclusivas sobre os motivos que levaram Randazzo a migrar para o Brasil, ou mesmo se esses motivos tinham algum viés político relacionado ao fascismo.

<sup>23</sup> GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlanda, 1994. p. 97.

<sup>24</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 8 mar. 1934, p. 2.

grupo *Dopolavoro*<sup>25</sup>, para o qual também escrevia peças<sup>26</sup>; e a participação na composição do conselho da *Società Italiana Principe Umberto*, na qual é eleito secretário para o ano de 1935<sup>27</sup>. Era casado e possuía um filho, Manlio, com Ione Randazzo<sup>28,29</sup>, que também contribuía para o periódico, escrevendo em todas as edições uma coluna humorística, com textos em dialeto vênето, intitulada *Quattro ciacole fra done*<sup>30</sup>, onde conta casos de personagens caricatos inspirados no colono da região: pobre, simples, ingênuo, por vezes até ignorante, mas honesto e trabalhador.

A presença de nomes importantes em colaborações ao periódico, como Celeste Gobbato, Joaquim Silveira da Mota, engenheiro agrônomo, e sub-assistente do Ministro da Agricultura em Porto Alegre, e José Agostinelli, advogado residente na capital do estado, bem como o frequente intercâmbio de informações com autoridades de várias localidades, especialmente de Pelotas, mostra que Randazzo cultivava uma importante rede de relações não somente em Caxias, mas também em outras importantes cidades do Rio Grande do Sul. A publicação da seção *Lettere ai contadini*, extraída da revista italiana *Il Coltivatore*<sup>31</sup>, escrita pelo agrônomo Tito Poggi, senador italiano e simpático ao fascismo, indica também uma possível ligação com importantes figuras da política italiana da época.

Em termos gerais, a linha editorial do *Il Giornale dell'Agricoltore* objetiva principalmente trazer um conhecimento técnico-científico para um público específico de pequenos produtores de origem italiana, bem como orientá-los e representá-los também em circunstâncias distintas da área agrônoma.

<sup>25</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 30 ago. 1934, p. 4.

<sup>26</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 2 ago. 1934, p. 5; 25 out. 1934, p. 6.

<sup>27</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 1º nov. 1934, p. 6.

<sup>28</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 4 jul. 1935, p. 12.

<sup>29</sup> Casaram-se em 23 de outubro de 1919, ainda na Itália, em Cremona, conforme certidão de nascimento localizada no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Fundo Manlio Randazzo, RZZ (004)

<sup>30</sup> Quatro conversas entre mulheres (a palavra *ciacole*, em dialeto vênето, é usada em sentido quase sempre pejorativo, como fofocar, tagarelar).

<sup>31</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 26 dez. 1935, p. 2.

Figura 2 - Jone Randazzo



Fonte: *Il Giornale dell'Agricoltore*, 23 nov. 1937, p. 10.

Partindo desses pressupostos acima relatados, pode-se inserir o periódico numa das fases do jornalismo gaúcho propostas por Francisco Rüdiger (1998): a do jornalismo literário independente. Essa fase, que teve seu apogeu entre os anos de 1890 e 1920, caracteriza-se pela abordagem informativa, pela difusão de notícias e pela discussão de assuntos da atualidade, sem a preocupação doutrinária característica da fase político-partidária do jornalismo. Segundo o autor,

[o] jornalismo político-partidário sempre acalentou o sonho de formar e também de dirigir a opinião pública; o novo jornalismo literário tende a abdicar deste papel, tomando como parâmetro de seus posicionamentos diante do mundo o ponto de vista vigente previamente no seu público leitor, confundido com a opinião pública.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p. 50.

Nessa tendência, o jornalismo associa-se quase sempre a um setor específico da sociedade, sendo mais comum ver essa associação com setores da indústria e comércio. No caso do *Il Giornale dell'Agricoltore*, como a própria alcunha do jornal denuncia, a associação se dá com o público agricultor.

Rüdiger aponta também a ocorrência de uma “complexificação do conceito de jornalista” nesse período. Antes aplicado exclusivamente aos proprietários e diretores de periódicos de caráter político partidário, o conceito passa a abranger também os encarregados na busca e coleta de informações e na composição de notícias.<sup>33</sup>

Seguindo ainda as observações de Francisco Rüdiger<sup>34</sup>, o jornalismo literário independente já pode contar com uma relativa modernização tecnológica do parque gráfico. A produção artesanal já havia sido em grande parte superada, e os periódicos passaram a contar com uma paginação mais leve e um maior número de páginas por publicação, bem como uma tiragem maior. A circulação pelo interior também foi melhorada com ampliação da malha ferroviária, permitindo o transporte fácil e rápido entre municípios. Essa evolução permitiu também a exploração da publicidade como fonte de renda, impulsionada pelas melhorias na circulação dos jornais e pelas evoluções no maquinário gráfico, que facilitou a veiculação de anúncios com uma melhor diagramação, permitindo recursos ilustrativos e fotografias.

De fato, pode-se observar *Il Giornale dell'Agricoltore* inserido nesse contexto de evolução tecnológica.

O periódico era propriedade da *Grafica Caxiense*, situada no Edifício De Carli, na esquina das ruas Visconde de Pelotas e Júlio de Castilhos<sup>35</sup>. Aí funcionavam a administração, a redação e a oficina gráfica responsável pela impressão do jornal. Anúncios de publicidade da gráfica podem ser encontrados ao longo das edições, dando especial destaque à aquisição de novos equipamentos e ao propagandeamento de prestação de serviços gráficos. O anúncio de compra, em Porto Alegre, de uma “*explendida officina tipografica que està aparelhada para efetuar qualquer transação que possa ter como referencia a arte grafica*”, que conta com “*um grande stock de tipos, vinhetas e adornos que certamente corresponderà*

<sup>33</sup> Ibid., p. 53.

<sup>34</sup> RÜDIGER, loc. cit.

<sup>35</sup> O prédio utilizado pela gráfica ainda mantém-se como edifício de uso comercial, tendo como atual endereço a rua Júlio de Castilhos, 1937, no centro de Caxias do Sul.

as exigências e as expectativas de todo o freguez que aprecia um trabalho de arte”, e a contratação de “bons artistas como sejam: formistas e impressores na capital do Estado”<sup>36</sup> aparecem como uma evidência de que o maquinário apresentava uma relativa tecnologia e que contava com funcionários capacitados, aptos a oferecer serviços gráficos dos mais variados. Outra nota publicitária anuncia ainda que a gráfica “está em condições de executar qualquer serviço do ramo grafico, com Perfeição, Presteza e Pontualidade”<sup>37</sup>. Além da impressão do jornal, a gráfica já funcionava enquanto uma empresa de prestação de serviços, estando definitivamente num estágio superior ao artesanal.

Figura 3 - Foto do edifício sede do jornal



Fonte: *Il Giornale dell'Agricoltore*, 19 nov. 1935. p. 2.

Sua diagramação era formatada de modo não tão leve, aparentando às vezes pouca preocupação com a questão estética, mas os *boxes* de notícias apresentavam-se de forma bem identificada e com clara separação uns dos outros. Recursos ilustrativos eram empregados sempre que possível, especialmente em

<sup>36</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 7 nov. 1935, p. 9.

<sup>37</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 28 nov. 1935, p. 1.

seções fixas do jornal e em textos técnicos, utilizados didaticamente como complemento ao escrito, como por exemplo, ilustrações de fotografias de plantas ou frutos de diferentes tipos, desenhos técnicos indicando formas de construção de criadouros de animais e comparação de diferentes espécies de animais como cobras (venenosas ou não), abelhas para a prática de apicultura e aves para a criação doméstica. Os recursos ilustrativos aparecem ainda – e principalmente – na publicidade, bastante utilizada pelo periódico, que ocupavam aproximadamente de duas a três páginas de cada edição. Majoritariamente, eram feitas propagandas de produtos agrícolas, como adubos, inseticidas, vendas de sementes e mudas, vinícolas e remédios, mas havia também anúncios de advogados, médicos, oficinas mecânicas, entre outros. Propagandas de colônias de terras em diversas localidades, com boas descrições sobre o potencial local e suas vias de acesso, também aparecem nos anúncios.

A circulação da folha não se limitava apenas a Caxias e região da serra gaúcha, mas estendia-se também à região de Porto Alegre, à região sul do estado, especialmente Pelotas e Rio Grande, e às regiões central e norte. De acordo com as seções de cartas e de comunicação da administração com seus leitores, pode-se ainda observar que o jornal possuía assinantes em Santa Catarina e no Paraná, seguindo o mapa da expansão de imigrantes (e migrantes) de origem italiana nesses estados.<sup>38</sup> O periódico possuía ainda inspetores técnico-administrativos que cuidavam de assuntos referentes ao jornal em Bento Gonçalves, Erechim, Farroupilha e Getúlio Vargas, sendo ainda um deles designado para “*a zona desde Herval até Porto União*”<sup>39</sup> e contava com uma agência em Guaporé<sup>40</sup>. *Il Giornale dell’Agricoltore* tinha, portanto, distribuição e alcance bastante amplos, sendo acessível, provavelmente, em quase todos os municípios do Rio Grande do Sul em que houvesse uma colônia italiana.

---

<sup>38</sup> A lista de cidades e localidades com assinantes que aparecem nas postagens administrativas e na seção de cartas é a seguinte: Alfredo Chaves, Anta Gorda, Antônio Prado, Arroio do Só, Arroio Grande, Bagé, Boa Esperança, Bom Jesus, Borges de Medeiros, Cachoeira, Carazinho, Conceição do Arroio, Cruz Alta, Erechim, General Osório, Guaporé, Ijuí, Iraty, Lagoa Vermelha, Marau, Marcelino Ramos, Monte Bérico, Nova Brescia, Nova Esperança, Nova Milano, Nova Petrópolis, Nova Sardenha, Nova Trento, Novo Hamburgo, Marau, Octavio Rocha, Passo Fundo, Pelotas, Perdizes-SC, Pilão-PR, Rio Caçador, Rio Capinzal-SC, Saldanha Marinho, Santa Maria, Santa Rosa, Santo Angelo, São Marcos, Silveira Martins, Tupanciretã, Uruguaiana, Venâncio Aires, Xaxim-SC.

<sup>39</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 13 jun. 1935, p. 8.

<sup>40</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 19 jul. 1934, p. 7.

Relativo à tiragem, não há um número confiável. Informações publicadas no próprio periódico dão conta de que esse número chegava à casa dos 8 mil exemplares.<sup>41</sup> Por outro lado, Mário Gardelin, em uma entrevista, afirma que *Il Giornale dell'Agricoltore* não possuía mais do que uma tiragem de 500 exemplares<sup>42</sup>, número que parece ser baixo demais para dar conta de sua relativamente ampla zona de circulação. Os dados aqui são bastante discrepantes, e não há como estipular um número aproximado, visto que o maquinário gráfico da época ainda não dispunha de um método de contagem apropriado, e os números divulgados eram sempre muito especulativos.<sup>43</sup>

A capa do periódico era, na maioria das vezes, composta por duas seções: os editoriais e as notícias oriundas do serviço telegráfico. Nos editoriais pode-se encontrar o posicionamento do jornal frente a algumas questões, especialmente em relação ao cooperativismo, o qual sempre incentivou durante todas as edições, e ao comércio de vinhos, que ainda sofria com vários empecilhos durante seu transporte à São Paulo<sup>44</sup>. Ao que tange o serviço telegráfico noticioso, Rüdiger aponta como outra das grandes características do jornalismo literário independente.

Os serviços telegráficos substituíram completamente o antigo sistema de intercâmbio de jornais como fonte de notícias, que mantinha o público leitor informado dos acontecimentos do centro do País com atraso de até doze dias. A República modernizou estes serviços, permitindo além da sua regularização, uma tarifa de 50% mais baixa à imprensa. Logo, todas as seções noticiosas dos jornais passaram a se basear nesta fonte, que se alimentava também dos serviços das agências internacionais. Na década de 10, os principais jornais do Estado, em luta pela preferência do público, fecharam acordos com as agências Havas, Americana e Transocean.<sup>45</sup>

De fato, *Il Giornale dell'Agricoltore* fez amplo uso dos serviços telegráficos, que eram contratados primeiramente da agência *Daily Telegraph*<sup>46</sup> e, mais tarde, da *United*

<sup>41</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 20 set. 1934, p. 8.

<sup>42</sup> HENRICHES, Lílíana Alberti (Org.). **Histórias da imprensa em Caxias do Sul**. Museu Municipal/Arquivo Histórico de Caxias do Sul/Pioneiro, 1988. p. 27.

<sup>43</sup> O Instituto de Verificação de Circulação – IVC, órgão que controla a tiragem com métodos mais rigorosos, foi fundado no Brasil somente em 1961. Portanto, antes dessa data, não havia um controle rígido e minucioso na aferição, resultando daí em números bastante imprecisos de tiragem.

<sup>44</sup> O comércio de vinhos com o mercado paulista encontrava inúmeras dificuldades, principalmente relacionadas às adulterações e conseqüente perda de qualidade que o produto sofria no transporte até São Paulo, o que foi um dos grandes problemas enfrentados pelos empresários da região. Ver MACHADO (2001), p. 204 e seguintes.

<sup>45</sup> RÜDIGER, op. cit., p. 55.

<sup>46</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 24 fev. 1934, p. 8.

*Press*<sup>47</sup>. A partir de 1936, pode ser observado também a utilização do *Bollettino quotidiano d'informazioni giornalistiche dell'Agenzia d'Italia*<sup>48</sup> como fonte italiana – e, portanto, fascista – de notícias, especialmente as ligadas ao conflito ítalo-abissínio.<sup>49</sup>

O uso do noticiário dos serviços telegráficos fez-se principalmente com o intuito de veicular notícias da Itália, que tinham especial destaque na diagramação da capa. Esse destaque ao noticiário italiano, veiculado nesse mesmo idioma, é mais uma evidência do direcionamento do jornal aos imigrantes e seus descendentes, que por aí mantinham-se informados dos acontecimentos de sua nação de origem. É também por esse noticiário que circularam as principais notícias e acontecimentos ligados ao fascismo e a Mussolini, construindo uma imagem extremamente positiva de ambos para o colono.

O jornal contava ainda com seções religiosas, humorísticas, pequenos anúncios de classificados e noticiários locais e da região. Além dos já citados textos técnicos sobre agricultura, havia ainda uma seção de cartas destinada a responder dúvidas de leitores sobre o assunto. Quanto ao noticiário local, limitava-se quase sempre a descrever festejos e comemorações ocorridos na região, quando muito estendendo-se a acontecimentos mais singulares, como crimes ou acidentes. Raramente são encontradas fotografias relacionadas ao contexto do noticiário local estampadas nessa seção.

O trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro deles, intitulado “O fascismo nas páginas do *Il Giornale dell'Agricoltore*”, serão levantadas as principais características do fascismo abordadas e repercutidas pelo periódico. Procurar-se-á identificar alguns elementos da ideologia fascista para os quais é dada uma ênfase maior nas páginas do *Il Giornale dell'Agricoltore*, para assim procurar um melhor entendimento das estratégias discursivas utilizadas pelo jornal (e pelo fascismo) na tentativa de angariar uma maior simpatia ou adesão de seus leitores à causa, especialmente, os “italianos no exterior”. Pretende-se também investigar se é possível analisar o *Il Giornale dell'Agricoltore* como uma ferramenta da propaganda fascista e um agente do Consulado Italiano de Porto Alegre na intenção de divulgar

---

<sup>47</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 26 dez. 1935, p. 1.

<sup>48</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 16 jan. 1936, p. 2.

<sup>49</sup> É possível especular que o jornal tivesse ainda outras fontes de notícias, especialmente oriundas de outras agências italianas ou do próprio Consulado Italiano em Porto Alegre. Porém, as notícias veiculadas não oferecem indícios concretos disso.

e propagandear o fascismo entre italianos e seus descendentes residentes no Rio Grande do Sul.

No segundo capítulo, com o título “*Il Giornale dell’Agricoltore* e as manifestações fascistas locais”, procurar-se-á investigar as manifestações do fascismo na região serrana do Rio Grande do Sul perceptíveis nas páginas do periódico. Buscando referências na bibliografia sobre as estruturas de difusão do fascismo no exterior, pretende-se identificar o funcionamento e atuação de organizações, indivíduos e grupos vinculados (*fascio*, *Dopolavoro*, associações, escolas, corpo diplomático), de alguma forma, ao governo italiano, com o objetivo de instrumentalizar a coletividade italiana em prol dos interesses do partido fascista, de acordo como cada um deles é noticiado no jornal.

O terceiro capítulo, intitulado “A ‘questão ítalo-abissínia’”, tem como objeto de análise a abordagem do *Il Giornale dell’Agricoltore* frente ao conflito entre Itália e Etiópia, nos anos de 1935 e 1936, e como foi capitalizado pelo periódico (e pelo fascismo) como instrumento de divulgação da ideologia fascista. Procurar-se-á analisar como o conflito foi legitimado, a forma como a Itália foi representada, sua importância política no cenário global, como se deu a repercussão do conflito na região serrana do Rio Grande do Sul e como o fascismo permeou essas questões ao longo de sua repercussão no periódico.

Dessa forma, acredita-se que é possível, longe de uma conclusão definitiva sobre a manifestação do fascismo nas regiões de colonização italiana no Rio Grande do Sul, esclarecer alguns pontos ainda não elucidados em sua totalidade, especialmente no que tange ao papel da imprensa na questão. Busca-se com essa pesquisa desvendar uma pequena faceta de um problema que possui muitas ramificações e que, portanto, não se esgota aqui.

## 1 O FASCISMO NAS PÁGINAS DO *IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE*

Como já ressaltado anteriormente na introdução desse trabalho, embora o *Il Giornale dell'Agricoltore* não se encaixe em uma definição de periódico político-partidário, isso de maneira alguma significa que fosse apolítico. Apesar de pouco se posicionar em relação a fatos e eventos políticos de nível local, estadual ou nacional, manteve uma firme posição e um compromisso constante em suas páginas com a divulgação e veiculação de notícias relacionadas ao fascismo.

O primeiro número do periódico deixa claro a postura e o compromisso que iriam pautar as publicações:

Iniciamos a publicação do “*Il Giornale dell'Agricoltore*” na data de 24 de fevereiro que marca o quarto anual do glorioso dia em que pessoas da Itália deram início em Caxias à demonstração de trabalho e de progresso desta fértil região, honra e ostentação dos riograndenses, orgulho dos emigrados de 1876, de seus filhos e daqueles italianos que daquela data em diante, com a mente e com o braço, transformaram a Terra do Campo dos Bugres na sorridente, rica, e industrial cidade de Caxias.

[...]

[Somente através do jornal,] inspirado no espírito da Itália Jovem, poderão os nossos co-nacionais ter contato com a Mãe Itália, através de notícias autênticas não deformadas por interesses, e ver a ascensão contínua em cada campo do trabalho italiano em terras hospitaleiras. [...] intencionamos colaborar sempre mais e sempre melhor pela Fraternidade Ítalo-brasileira.

[...]

Começando nosso trabalho, mandamos a nossa devota saudação ao *Duce* da Itália.<sup>50</sup>

Três dos principais elementos que guiarão as diretrizes do jornal são bem explicitados aqui: a exaltação da italianidade, sua associação com o fascismo, e a

<sup>50</sup>“*Iniziamo la pubblicazione del “Giornale dell'agricoltore” nella data del 24 febbraio che segna il quarto annuale de quel giorno glorioso in cui le genti d'Italia diedero inizio in Caxias alla dimostrazione del lavoro e del progresso di questa ubertosa regione, onore e vanto dei Riograndensi, orgoglio legittimo degli emigrante del 1876, dei loro figli e di quegli italiani che da quella data in poi con la mente e col braccio, trasformarono le Terre di Campo dos Bugres nella ridente, ricca, e industriale città di Caxias.*”

“[...] ispirato dallo spirito dell'Italia Giovane, potranno i nostri connazionali tenere il contatto con la Madre Patria, attraverso notizie autentiche non interessatamente deformate, e vedere l'ascesa continua in ogni campo, del lavoro italiano in terra ospitale. [...] intendiamo collaborare sempre più e sempre meglio per la Fraternità Italo-Brasiliana.”

“*Incominciando la nostra fatica mandiamo il nostro devoto saluto al Duce d'Italia.*”  
*Il Giornale dell'Agricoltore*, 24 fev. 1934, p. 1.

relação fraternal entre Brasil e Itália. A preocupação em relacionar o imigrante italiano e seus descendentes ao seu país de origem é pujante. Esse discurso assumido pelo periódico é parte da mudança, posta em prática pelo fascismo, do discurso da política italiana em relação aos emigrantes, que passaram a ser vistos como italianos no exterior.

O alinhamento do periódico com a Itália fascista fica mais evidente ao destacar, ainda na capa da primeira edição, um trecho transcrito de um discurso de Benito Mussolini a agricultores, proferido em 1926. No discurso, o *Duce*, que fala das várias categorias nas quais podem ser divisíveis o povo italiano, elege sua preferida: a que trabalha dura e severamente, com suor, com obediência e em silêncio, e a essa categoria pertencem os autênticos agricultores italianos.<sup>51</sup> Sendo o público alvo do periódico o colono, a preocupação em associar os agricultores ao que o fascismo considera como o elemento ideal da sociedade e a constante associação dos mesmos com a *Madre Italia* revelam a clara disposição do *Il Giornale dell'Agricoltore* em angariar a simpatia e adesão desses trabalhadores ao movimento político já estabelecido na península, e que agora procurava uma forma de expandir suas fronteiras. Em uma palavra, parece claro o alinhamento, pelo menos discursivo, do periódico ao que propunha a política fascista aos seus compatriotas do exterior.

Esse compromisso, porém, não resume-se apenas a esses tópicos, visto que o fascismo, como já apontado, ocupa o centro do noticiário telegráfico veiculado pelo jornal. As notícias, sempre enaltecendo a Jovem Itália, tem o intuito de criar uma nova imagem do país no imaginário dos colonos, diferente daquela velha imagem, presente até então, da Itália que expulsou seus filhos para fora de suas fronteiras através da fome, pobreza e falta de trabalho. Essa *Giovane Italia* aparece renovada pelo fascismo e pelas mãos de seu líder, Benito Mussolini. Assim, nas páginas do jornal, o enaltecimento do fascismo caminha junto com a Nova Itália, organizada, industrializada, com papel importante no cenário político europeu, e com sua população unida em torno de seu *Duce*, o responsável por todas essas transformações positivas. Outras seções do jornal, como o noticiário local e a coluna humorística *Quattro ciacole fra done*, também ocupavam-se – embora não de uma

---

<sup>51</sup> “Ma coloro che io preferisco infine sono quelli che lavorano duro, secco, sodo, in obbedienza e possibilmente in silenzio. A quest’ultima categoria appartengono i veri, gli autentici rurali della nazione italiana.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 24 fev. 1934, p. 1.

forma contínua – da veiculação de notícias e opiniões acerca do fascismo ou de fatos ligados à Itália, à política italiana e a Mussolini.

O objetivo deste capítulo é levantar e identificar os principais pontos e características relacionados ao fascismo abordados ao longo das publicações do *// Giornale dell'Agricoltore*, bem como as estratégias discursivas utilizadas pela propaganda fascista para angariar a simpatia da opinião pública estrangeira. Implicitamente buscando a adesão dos agricultores de origem italiana à ideologia fascista, o jornal acaba por reforçar alguns pontos em detrimento de outros, associando o regime de Mussolini a causas supostamente simpáticas aos agricultores locais. Logo, a associação entre fascismo e agricultura é também constantemente presente em suas páginas.

Partindo disso, procurar-se-á também pensar no *// Giornale dell'Agricoltore* como um possível agente do Consulado Italiano de Porto Alegre em sua intenção política de difundir o fascismo entre as comunidades de origem italiana no Rio Grande do Sul, utilizando a imprensa como um recurso.

### 1.1 A IMAGEM DE MUSSOLINI E DA ITÁLIA FASCISTA

Ambos, fascismo e Mussolini, são temas presentes em virtualmente todas as edições do jornal, até sua “nacionalização”, em 1938. Uma vez posta a posição ideológica do periódico, fica evidente o seu compromisso em divulgar o fascismo, priorizando, tanto qualitativa quanto quantitativamente, seja através de notícias, textos ou pequenas notas, essa temática. Procurar-se-á aqui entender, então, como a imagem da Itália fascista e de seu líder, Benito Mussolini, foi abordada pelo *// Giornale dell'Agricoltore*.

É importante destacar que essas menções, quantitativamente, aparecem muito mais nos primeiros anos de veiculação do periódico. Parece haver uma preocupação maior em informar ao leitor sobre os avanços da Itália fascista nas primeiras cem edições do jornal do que nos números subsequentes. Após, quem ganha importante destaque é a questão ítalo-abissínia (a ser tratada no terceiro capítulo), e o jornal ocupa-se, ainda pelo viés fascista, desse conflito. Findada essa abordagem, é possível observar uma diminuição e uma “suavização” do discurso fascista, talvez fruto da iminente campanha de nacionalização estadonovista.

Desde as primeiras edições do *Il Giornale dell'Agricoltore* não há uma distinção efetiva entre a figura de Mussolini, do fascismo e da Itália governada sob sua égide. Itália e fascismo são uma entidade só. Mussolini é o *Duce*, o líder que, através de sua personalidade e de seus atributos, ao mesmo tempo sintetiza e influencia a nação governada pelo Partido Fascista. Como coloca Robert Paxton,

[o] fascismo não repousava na verdade de sua doutrina, mas na união mística do líder com o destino histórico de seu povo, ideia essa relacionada às ideias românticas de florescimento histórico nacional e de gênio individual artístico ou espiritual.<sup>52</sup>

Essa característica do fascismo é reproduzida no discurso do periódico de maneira bastante clara. O Fascismo difundiu um “alto grau de educação nacional”. No regime fascista, “*não existem classes dominantes, mas somente o povo italiano, na sua infrangível unidade, o povo italiano dominado pela ideia que encontra no Partido [Fascista] a continuidade e no Duce a viva expressão*”.<sup>53</sup>

Líder e povo eram uma unidade em comunhão, sem espaço para conflitos, discórdias, controvérsias ou contestações. O jornal reflete o culto à figura do líder proposta pela política fascista.<sup>54</sup> A nação italiana nutre por Mussolini o “*mais sincero e potente entusiasmo, aclamando ao seu Duce, pelo qual nutre uma fé que nenhum acontecimento no mundo poderia abalar*”.<sup>55</sup> A figura de Mussolini era tão emblemática que comparava-se a de Augusto “*colocando em relevo a semelhança de caráter dos dois grandes homens, Augusto e Mussolini, dizendo que o Duce tem o mesmo temperamento calmo e reflexivo que Augusto havia demonstrado*”.<sup>56</sup> O

<sup>52</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 39.

<sup>53</sup> “[...] alto grado di educazione nazionale. [...] non esistono classi dominanti, ma solo il popolo italiano, nella sua infrangibile unitá, il popolo italiano dominato dall’idea che trova nel Partito la continuitá e nel Duce la vivente espressione.” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 16 jan. 1935, p. 2.

<sup>54</sup> “*Le basi per istituire il culto del duce, come capo assoluto e indiscusso del fascismo, furono poste con l’istituzionalizzazione della religione fascista, trasformando il rapporto fra il duce e i fascisti in una relazione carismatica di dedizione ed obbedienza basata sulla fede e sul riconoscimento a Mussolini della qualità di fondatore e massimo interprete del fascismo e della sua missione storica.*” (GENTILE, 1994, p. 269-270)

<sup>55</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 28 jun. 1934, p. 4.

<sup>56</sup> “[...] mette poi in rilievo la somiglianza dei caratteri dei due grandi uomini Augusto e Mussolini dicendo che il Duce ha lo stesso temperamento calmo e riflessivo che Augusto aveva dimostrato [...]” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 26 ago. 1937, p. 3.

É muito provável que essa comparação tenha sido motivada pelo bimilenário de Augusto, celebrado em 1937. “O bimilenário de Augusto ocorreu após a conquista da Etiópia, quando a Itália fascista assumira uma orgulhosa severidade imperial. Na ocasião, entre tantas outras celebrações, foi organizada em Roma a ‘Mostra da romanidade de Augusto’, uma vitrina extraordinária da Roma antiga e do culto fascista da romanidade: os visitantes eram introduzidos nos usos, costumes,

periódico faz questão de publicar uma carta recebida por Fiorindo Dalla Coletta, habitante de Alfredo Chaves (hoje Veranópolis), escrita por um parente seu residente na Itália, em que relata a situação do país sob o governo fascista:

[...] nos sentimos em irmandade com todos os italianos espalhados pelo mundo pois também esses nos seguem e nos aplaudem com entusiasmo e coragem na nossa grande empresa colonial [Abissínia]. Se vive uma atmosfera de heroísmo e de completa confiança nas obras do chefe do governo.<sup>57</sup>

A imagem da Itália Jovem aparece sempre como contraponto às crises vivenciadas pelos governos liberais anteriores sob o regime parlamentarista.<sup>58</sup> O fascismo trouxera, juntamente com o fim dos conflitos e unidade da nação, a disciplina. A Nova Itália era agora “*disciplinada, máscula, operante, decidida a conquistar o lugar ao sol que a espera e que lhe foi negado*”<sup>59</sup>. A ordem social fora um produto do fascismo, e a comparação com outros países democráticos, onde reinam a desordem, as greves e a insatisfação, apresenta-se como uma estratégia discursiva para reforçar esse ponto:

A desordem social nos países democráticos:

Nos ambientes corporativos fascistas se ressalta o fato interessante de que a Bélgica, a França, a Espanha, e todos os países governados pelos partidos populares são as próprias nações agitadas pelas greves e pelas desordens. Estes movimentos, que se apresentam sob um aspecto econômico, fogem à disciplina sindical. O interessante é que os governos aceitam, nos projetos de lei, reformas econômicas e sociais requisitadas pelos grevistas. O que significa essa contradição? Se deve admitir que as massas operárias desses países não estão satisfeitas com as conquistas materiais e aspiram à mais alta justiça social, sem porém se dar conta o que isso só poderá ser realizado dentro de um novo ambiente espiritual de novas instituições, e sob a direção de homens que conheçam a experiência da Itália fascista.<sup>60</sup>

---

técnicas, cultura do mundo romano, junto aos valores antigos que a Itália fascista tinha tornado contemporâneos. O eco na Itália e no exterior foi enorme.” (GIARDINA, 2008, p. 60)

<sup>57</sup> “[...] *ci sentiamo affrattellati con tutti gli italiani sparsi per il mondo perché anch'essi ci seguono e applaudono con entusiasmo e coraggio alla nostra grande rimpresa coloniale. Si vive in un'atmosfera di ereismo di completa fiducia nell'opere del capo del governo.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 12 mar. 1936, p. 8.

<sup>58</sup> SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 63-94.

<sup>59</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 28 jun. 1934, p. 4.

<sup>60</sup> “*Il disordine sociale nei paesi democratici: Negli ambienti fascisti corporativi si rileva il fatto interessante che il Belgio, la Francia, la Spagna e tutti i paesi governati dai partiti popolari sono proprio le nazioni agitate dagli scioperi e dai disordini. Questi movimenti, che si presentano sotto un aspetto economico, sfuggono talvolta alla disciplina sindacale. L'interessante é che i Governi accettano, nei progetti di legge, riforme economiche e Sociali richieste dagli schioperanti. Che cosa*

A ordem social, portanto, era apenas acessível através da experiência fascista, contraponto à desordem social considerada um aspecto quase natural dos regimes democráticos. Em outro exemplo, Estados Unidos e União Soviética são citados como países em que as reivindicações dos operários não são atendidas, onde empresários americanos e o governo soviético não fazem valer os direitos trabalhistas, algo já proporcionado pelo Partido Fascista. “*Onde isso [direitos trabalhistas] é difícil, na Itália é fácil.*”<sup>61</sup>

Esse ponto leva diretamente à relação do fascismo com a classe operária. As já mencionadas greves, existentes em grande número e intensidade sob o governo de Giolitti<sup>62</sup>, cessaram a partir 1922, quando Mussolini supostamente consegue conciliar operários e sindicatos sob a égide do fascismo, contemplando seus interesses e reivindicações. Benefícios concedidos ao operariado são noticiados pelo periódico, como o trabalho na prevenção a acidentes de trabalho e o apoio aos inválidos<sup>63</sup>, e a adoção do regime de 40 horas semanais de trabalho, que procura “*aliviar a desocupação e prestar assistência às necessidades da população sempre crescente*”, procedimento que “*além de um valor econômico, contém também um profundo significado de solidariedade humana*”.<sup>64</sup>

Na esteira da preocupação com o operariado aparece a preocupação com causas sociais. Diversos são os benefícios à população italiana decorrentes diretamente da ação política fascista que podem ser mencionados. Um deles é a diminuição do custo de vida na Itália (supostamente) em 25%, que, colocado ao lado dos dados referentes a outros países, mostra-se bastante considerável. Tal número só foi possível de ser atingido “*evidentemente pelo efeito da vigilante ação do Regime Fascista e do eficiente funcionamento do organismo corporativo*”<sup>65</sup> (graças

---

*significa questa contraddizione? Si deve ammettere che le masse operaie di quei paesi non sono soddisfatte colle conquiste materiali e aspirano alla piú alta giustizia sociale, senza però tener calcolo che ciò potrà essere realizzato solo dentro un nuovo ambiente spirituale di nuove istituzioni, e sotto as direzione di uomini che conoscano l'esperienza dell'Italia fascista.” Il Giornale dell'Agricoltore, 25 jun. 1936, p. 2.*

<sup>61</sup> “*Dove è difficile ciò, che in Italia è facile.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 16 nov. 1937, p. 3.

<sup>62</sup> SASSOON, op. cit., p. 81 e seguintes.

<sup>63</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 27 mai. 1937, p. 1.

<sup>64</sup> “[...] *alleviare i le disoccupazione e sovvenire i bisogni della popolazione sempre crescente. [...] oltre ad un valore econômico racchiude um profundo significato di solidarietà umana.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 15 nov. 1934, p. 1.

<sup>65</sup> “[...] *evidentemente per effetto della vigilante azione del Regime fascista e dell'effica funzionamento dell'organismo corporativo.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 11 out. 1934, p. 1.

também à redução do salário do funcionalismo público<sup>66</sup>). Um programa de casas populares também é desenvolvido pelo governo, procurando resolver problemas de habitação no país:

As “casas populares” de ontem e as “casas popularíssimas” de hoje são a atuação prática dos comandos do *Duce*, que deseja que se vá sem mais decididamente em favor do povo, em favor do povo que trabalha e canta, que progride e espera que, quando da necessidade, combata e vença.<sup>67</sup>

Outros benefícios sociais, mais voltados para questões familiares, foram a assistência maternidade a mulheres do campo entre 15 e 40 anos e a assistência a trabalhadores pais de família com filhos em idade inferior a 14 anos.<sup>68</sup> Fica implícito nessas medidas o desejo em aumentar a taxa de natalidade

Outro tópico constantemente presente no periódico é o da modernização<sup>69</sup> da Itália através do fascismo. Esse discurso se faz presente, principalmente, com as diversas obras do regime anunciadas com frequência quase frenética: drenagem de pântanos, inauguração de hospitais, escolas, sanatórios, monumentos, estradas, ferrovias, indústrias de todos os tipos, etc. Porém, é com a inauguração de novas cidades que essa modernização atinge seu mais alto patamar. Quando da fundação de Pontinia, o periódico a noticia como fruto da “*série de milagres do espírito de iniciativa e tenaz vontade construtiva do Fascismo*”.<sup>70</sup> Na inauguração de Littoria, a exaltação é da vitória da Itália contra a natureza, na imensa capacidade e vontade de progresso do regime fascista.<sup>71</sup> A construção de áreas de cultivo e de um moderno hospital na Somália italiana<sup>72</sup> mostra que o fascismo também aparece como um exportador desses valores de progresso e modernização, discurso que se intensifica durante a guerra da Abissínia.

<sup>66</sup> “*Basandosi sul fatto di aver sensibilmente diminuito in questi ultimi tempi il prezzo dei generi di prima necessità in tutto il paese, il governo determinò di ridurre gli stipendi di una gran parte di impiegati governativi.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 04 abr. 1934, p. 1.

<sup>67</sup> “*Le <<Case popolari>> di ieri e le <<casepopolarissime>> di oggi sono l’attuazione pratica dei comandamenti del Duce che vuole si vada sempre piú decisamente verso il popolo, verso il suo popolo che lavora e canta, che progredisce e spera e che, all’occorrenza, as combatter e vincere.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 20 mai. 1937, p. 1.

<sup>68</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 24 set. 1936, p. 2.

<sup>69</sup> O discurso do jornal ressalta a modernização de forma recorrente, ainda que sua relação com o fascismo tenha sido bastante ambígua e com variações expressivas. (PAXTON, 2007, p. 30-32)

<sup>70</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 23 ago. 1934, p. 1.

<sup>71</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 27 dez. 1934, p. 1.

<sup>72</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 22 nov. 1934, p. 1.

Essa modernização estendia-se também ao campo militar. As apresentações aéreas “*em perfeitíssima ordem*”, que demonstram “*o grau de aperfeiçoamento da aviação italiana*”<sup>73</sup>, referiam-se também à disciplina da *Giovane Italia* e à capacidade fascista de aperfeiçoar sua indústria bélica, bem como engrandecer a nação através do poderio militar. Em discurso de Mussolini datado de março de 1938 e veiculado pelo periódico, o líder fascista faz questão de frisar a grande capacidade de mobilização militar que a Itália possui, enfatizando que qualquer país que ousar atacar seus direitos terá resposta rápida.<sup>74</sup> Já é possível perceber, às vésperas da deflagração da Segunda Guerra Mundial, a existência de um clima de tensão diplomática entre os países europeus.

O crescimento econômico da Itália<sup>75</sup> foi outro ponto muito ressaltado pelo *Il Giornale dell'Agricoltore*. A imagem do país com economia sólida é a tônica do discurso, apesar dos percalços diplomáticos e pelas sanções impostas por outros países em função da questão ítalo-abissínia. Podem ser observados anúncios como o de “*magníficos*” superávits na economia<sup>76</sup> e de aumento significativo no valor da lira italiana<sup>77</sup>, bem como o aumento considerável na circulação de carros na península<sup>78</sup>.

Também o progresso cultural da Itália foi outro fenômeno abordado como decorrente da política fascista. A existência de institutos científicos de pesquisa fundados por Mussolini, como o *Statistica Ufficiale Italiana*, é celebrada pelo noticiário.<sup>79</sup> Obviamente, esse progresso também possuía um direcionamento político que não é escondido. Ao noticiar a publicação da *Enciclopedia Italiana*,

<sup>73</sup> “[...] *il grado di perfezionamento raggiunto dall'aviazione italiana. [...] in perfettissima ordine.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 11 nov. 1934, p. 1.

<sup>74</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 31 mar. 1938, p. 1.

<sup>75</sup> Esses anúncios, porém, parecem refletir com pouca precisão a realidade da península. “No caso italiano, pode-se até aceitar que o fascismo apoiou a modernização industrial (apesar de seu discurso ruralista) e ajudou, em vários aspectos, a economia italiana a entrar no século XX, mas dificilmente poderíamos dizer que representou, em termos econômicos, algo de fato inovador na história da economia italiana ou mesmo mundial naqueles anos. É possível, até mesmo, pensar que durante esse tempo, a economia italiana se modernizou apesar do fascismo e não por causa dele.”

“Mais importante do que tudo, porém, era que os italianos continuavam pobres e, em relação aos países mais avançados da Europa, subdesenvolvidos. Ainda em 1938, 82% dos italianos viviam no campo, diante de apenas 61% na Grã-Bretanha ou 70% na Alemanha. No período fascista, apenas para citar alguns dados básicos, a produção de aço italiana passou de 730 mil para 2,3 milhões de toneladas/ano, mas só a alemã cresceu de 7,6 para 23,2 milhões. Em 1929, os italianos produziram apenas 55 mil automóveis, enquanto a Alemanha fabricava 130 mil e os americanos, 5 milhões.” (BERTONHA, 2005, p. 132)

<sup>76</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 23 dez. 1937, p. 3.

<sup>77</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 20 dez. 1934, p. 1.

<sup>78</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 27 dez. 1934, p. 1.

<sup>79</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 10 set. 1936, p. 2.

editada por Giovanni Treccani, “*desafiando o prestígio britânico*” na área, as intenções são claras e objetivas:

Segundo o conde Treccani, foram duas as razões que levaram o regime fascista a publicar a Enciclopedia. Em primeiro lugar, a Itália era a única das grandes nações que nunca se abalancara a semelhante tarefa. Em segundo lugar, “os livros e enciclopedias estrangeiras trazem muitas referências inconvenientes sobre a Itália”. “A obra levada a efeito – disse ele – põe em relevo a contribuição da Itália para com todas as etapas do progresso da Civilização, uma civilização que irradia de Roma para todo o mundo”.<sup>80</sup>

Como é possível observar, a intenção de colocar a Itália como um importante agente da civilização ocidental é, mais uma vez, pujante. O fascismo, implicitamente, é a força propulsora que elevou o país a esse novo status.

Esse novo status preponderante da Itália frente o cenário político e cultural global é reforçado também pela frequente veiculação, no *Il Giornale dell’Agricoltore*, de notícias produzidas em outros países elogiando o governo fascista. Exemplos podem ser vistos em notícias como a da visita de jornalistas americanos a Roma, dizendo que “o Fascismo realizou obras soberbas e cumpre uma obra gigantesca pela paz e o bem-estar do mundo”<sup>81</sup>; ou a do escritor e político indiano que, ao visitar a Itália, conclui que o fascismo está “destinado a deixar traços indelévels na história dos povos”, orientando indianos a visitar a Itália “para se certificarem de como a atmosfera é livre de qualquer preconceito de raça”<sup>82</sup>; ou ainda do jornal francês que exalta a organização da marinha italiana e destaca a “vontade potente e vigorosa” nela impressa por Mussolini, assumindo um valor que não tinha no passado.<sup>83</sup>

É na sessão humorística *Quattro ciacole fra done* que pode ser percebida, com mais clareza, a síntese da imagem de Mussolini e do fascismo que o periódico procurava transmitir. Os contos escritos pela esposa de Adolfo, Jone Randazzo, e publicados ao longo de algumas edições, têm o intuito implícito de aproximar o público alvo do periódico – ou seja, o colono – da figura de Mussolini, do fascismo e da Nova Itália, agora muito diferente daquela que conheceu antes de migrar ou por

<sup>80</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 25 nov. 1937, p. 1.

<sup>81</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 30 ago. 1934, p. 1.

<sup>82</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 09 set. 1934, p. 1.

A questão racial não teve grande peso na Itália fascista até o final da década de 1930, quando passou a adotar políticas antissemitas, em alinhamento com a Alemanha nazista. Mussolini referia-se a Alemanha dos anos 30 como um “asilo racista e lunático”. (VINCENT, 1995, p. 155)

<sup>83</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 01 nov. 1934, p. 1.

intermédio de seus antepassados. Através de alguns personagens, Jone procura traduzir todo o noticiário mais formal veiculado constantemente no jornal para uma linguagem mais palatável ao leitor.

Sua pequena história inicia com uma conversa entre os amigos Bortoeto e Menego, que falam do desejo de Catina, esposa de Bortoeto, de viajar a Roma para conhecer o Papa e Mussolini. Menego, então, questiona se Mussolini os receberia em seu escritório, a deixa certa para que Bortoeto conte seu relato de como conheceu o *Duce*: lutando ao seu lado na Grande Guerra. Inclusive, quando Mussolini fora supostamente ferido durante uma batalha, foi o próprio Bortoeto quem primeiro levou água a ele, e doravante, “*sempre, em todos os lugares, ele chamava por Bortoeto*”. Mesmo com as dores que sofria em função dos ferimentos, “*ele era sempre bondoso, sempre paciente, e quanta coragem nos passava!*”. Jamais podia ter imaginado que

aquele MUSSOLINI tão bondoso, tão humilde com todos, até como nós, simples soldados, se tornaria para nós um segundo Deus, a nossa salvação! Penso e digo: se não tivéssemos MUSSOLINI, o que seria de nós, da nossa pobre Itália? [...] E te digo, meu compadre Menego, porque sempre tive fé. MUSSOLINI, acredite em mim, foi mandado por Deus, e para nós ele é e será um segundo Deus! E que Deus o abençoe!

Assim, Bortoeto termina por convencer seu amigo Menego de que sim, Mussolini certamente o receberia em seu escritório, “*e mesmo se não tivesse acontecido isso, ele faria o mesmo, compadre Menego! Saiba que MUSSOLINI é um só, mas o é para todos!*”<sup>84</sup>

É possível perceber claramente a ênfase em Mussolini como uma figura providencial, um “*segundo Deus*” para os italianos, um salvador enviado dos céus, exemplo de bondade e humildade. Também o lado guerreiro de Mussolini é

<sup>84</sup> “[...] *sempre dapertuto el voleva Botoeto.*”

“[...] *lu el gera sempre bon, sempre pasiente, e quanto coragio chel ne dava.*”

“[...] *quel MUSSOLINI cussí bon, cussì umile co tuti, spesie co noaltri semplici soldai, diventava par noaltri un secondo Dio, la nostra salveza!... Penso e digo: se no gavevimo MUSSOLINI cossa saria stá de noaltri, dea nostra povara Italia. [...] E te lo digo mi compare Menego, perché go sempre vudo fele. MUSSOLINI, credi a mi, el zo sta mandá Dio, e per noaltri el ze sta, e el sará un secodo Dio! E che Dio lo benedissa!...*”

“*E se non la fosse cussí, saria lo stesso, compara Menego! Sapi che MUSSOLINI é uno solo, ma el ze par tuti.*”

*Il Giornale dell'Agricoltore*, 28 fev. 1935, p. 10.

ressaltado, como um ex-combatente da Primeira Guerra Mundial, inclusive ferido em batalha.

O caso segue com Bortoeto e Catina viajando à Itália e, chegando a Roma, sendo abordados por um *carabinieri*, que, ao perceber um terrível mau cheiro vindo da mala de Catina, suspeita ser fruto de algum assassinato cometido pelo casal, transportando o cadáver em pedaços dentro da mala.<sup>85</sup> Bortoeto explica-se ao policial, alegando ser apenas um trabalhador que gostaria de encontrar-se com o *Duce*, e que seu amigo Mussolini “*é um grande trabalhador, que trabalha noite e dia pra ao nosso bem, e Mussolini quer o bem de quem trabalha, entendeu, senhor carabinieri?*”<sup>86</sup> Não convencido, o policial ordena a Catina que abra suas malas, e a mesma, nervosa e aos prantos, obedece, tirando todos os vestidos e roupas que carregava consigo.<sup>87</sup> Bortoeto apenas observava, e mesmo irritado, não fazia o que o típico colono faria em seu lugar: não blasfemava. E não blasfemava pois Mussolini havia proibido os italianos de cometerem tal ato. “*Na Itália, hoje, não se brinca; aquele que blasfema é multado ou preso, patrões ou pobres, são todos iguais, a lei é para todos.*” Abertas as malas, descobre-se a origem do mau cheiro: peixes. Catina, sabendo através de relatos de Bortoeto que Mussolini era apreciador de tal iguaria, pensou que seria do agrado do *Duce* receber alguns de presente, comprando-os alguns dias antes, sem o consentimento de seu marido, na passagem do casal por Veneza.<sup>88</sup>

Desfeito o mal entendido, Bortoeto e Catina finalmente chegam ao gabinete de trabalho de Mussolini, e ao adentrarem, ficam impressionados com a decoração requintada da sala, com quadros, pinturas, fotografias e livros. Ao fundo do escritório, avistam o *Duce*, “*com a camisa preta, escrevendo atarefado e que tinha por perto o Il Giornale dell’Agricoltore*”.<sup>89</sup> Mussolini subitamente reconhece os dois, para a alegria de Bortoeto, que comenta com Catina: “*ele não tem uma cabeça e um cérebro, porca miséria! Eu acho que o seu cérebro deve ser como um vulcão cheio de pensamentos.*” Desenrola-se, então, uma pequena conversa entre os três, com o

<sup>85</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 21 mar. 1935, p. 10.

<sup>86</sup> “[...] *mi so sicuro chel me amigo Mussolini ze un gran lavorator, el so serveo lavora note e giorno par el ben nostro, e Mussolini ghe vol bem a chi lavora, galo capio, sio carabinieri?*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 28 mar. 1935, p. 10.

<sup>87</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 04 abr. 1935, p. 10.

<sup>88</sup> “*In’Italia no se schersa adesso; uno che bestema, la ze prezon o multa, siori o poareti, tuti compagni, la legge ze per tutti.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 11 abr. 1935, p. 10.

<sup>89</sup> “[...] *con la camisa nera, chel scriveva tuto indafará e chel gaveva da visin el jornal dell’Agricoltor.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 30 mai. 1935, p. 10.

chefe fascista perguntando como estavam, se o povo estava contente com a *Carta del Lavoro* e com as demais coisas que o fascismo teria colocado em ordem. Após a conversa, Mussolini os acompanha até a porta e os presenteia com uma de suas belas fotos, montado em um cavalo, “*precisamente como aquela que tem a Senhora Jone [Randazzo] lá em Caxias*”. Ao despedir-se, o *Duce* faz questão de salientar para que o casal lhe escrevesse para qualquer necessidade e que, apesar da quantidade de trabalho a fazer, sempre consegue um tempo para ler e responder cartas. Já a sós com Bortoeto, Catina confessa: “*não pensava que Mussolini fosse tão grande e ao mesmo tempo tão humilde*”.<sup>90</sup> E assim termina o conto.

Como pode ser facilmente percebido, a preocupação em adjetivar Mussolini com os melhores atributos morais possíveis é constante no conto. É curioso perceber, porém, que a altivez atribuída por Jone Randazzo a Mussolini é feita através de valores morais tipicamente cristãos, como laboriosidade, bondade e humildade. Além disso, é retratado com uma mansidão incomum, contrapondo-se, em parte, ao próprio noticiário veiculado no jornal, que pouco associava o *Duce* a valores cristãos. O culto em torno da figura de Mussolini como um líder austero, viril, comparado inclusive aos antigos imperadores romanos, dá lugar, nos escritos de Jone, a um homem ainda grandioso e único, porém humilde, acessível e atencioso às demandas populares.

A grande intenção de Jone Randazzo em *Quatro ciacole fra done* parece ser a mobilização do leitor para a causa fascista através de um linguajar acessível, em dialeto vênето, de forma a tornar mais palatável ao pequeno agricultor de ascendência italiana, habitante de uma zona colonial com uma realidade muito diversa da vivenciada na Itália, questões que, teoricamente, num primeiro momento, pouco o interessariam. É provável que o pouco apelo que a propaganda fascista através da imprensa teve no interior do Rio Grande do Sul<sup>91</sup> tenha motivado os próprios periódicos a desenvolverem outras estratégias – como a de Jone – de forma a aproximar o colono do fascismo. Assim, não há, efetivamente, a introdução de uma imagem completamente nova de Mussolini, mas sim que este passa a ser

<sup>90</sup> “[...] *nol ga miga na testa e un servéo come el nostro sastu, porca la miseria. Mi digo che so servèoga da essar come un vulcano pien di pensieri [...]*”

“[...] *proprio precisa come quea che ga la Siora Jone la Caxias.*”

*Il Giornale dell'Agricoltore*, 13 jun. 1935, p. 14.

<sup>91</sup> BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b, p. 223-224.

associado a algum atributos que, do ponto de vista do colono, o tornaria muito mais digno de sua admiração e empatia.

Todo esse extenso rol de informações veiculadas pelo periódico, com uma visão extremamente positiva do regime fascista e de Benito Mussolini, que transformara a Itália em um país modelo de civilização, de ordem e de unidade de um povo em torno de seu líder, é condizente com o “princípio do excesso” sugerido por Jeffrey Schnapp.<sup>92</sup> Essa foi a política seguida pelos órgãos do governo fascista<sup>93</sup> responsáveis pela divulgação e controle de informações sobre o regime dentro e fora da Itália. Embora não seja possível estabelecer de forma contundente a ligação entre o *Il Giornale dell'Agricoltore* e os órgãos representativos da propaganda fascista no Rio Grande do Sul (ou seja, o Consulado), tudo leva a crer de que, de alguma forma, esse contato ocorria.

É possível, portanto, em maior ou menor grau, inserir o periódico dentro dessa política fascista e avaliar todo o montante de informações que diziam respeito à Itália como parte da estratégia de divulgação e propaganda do fascismo de uma imagem idealizada do regime, de seu *Duce* e das transformações positivas que foram levadas a cabo na península italiana.

## 1.2 A RELAÇÃO ENTRE BRASIL E ITÁLIA

O compromisso de divulgar o fascismo entre habitantes do território brasileiro pode trazer consigo uma série de paradoxos e contradições. O nacionalismo italiano, a ovação à Itália e à italianidade e a exaltação do fascismo enquanto ideologia política modelo, quando realizada em território estrangeiro, pode acarretar certos conflitos políticos e/ou certa resistência por parte da população nativa. Cientes desses problemas, o periódico preocupou-se em veicular um discurso que desse conta desse possível descompasso.

<sup>92</sup> Apud PARADA, Maurício. Estados autoritários e meios de comunicação de massa: Itália, Portugal e Espanha – 1922/1937. In: RIBEIRO, Ana Paula; HERSHMANN, Micael. (Org.) **Comunicação e História**. Rio de Janeiro: Maud X, 2008, v. 1, p. 209.

<sup>93</sup> “De fato, na Itália, em 1928, foi criado o Escritório de Imprensa do Ministero degli Affari Esteri e o Escritório de Imprensa do chefe de governo, os quais foram substituídos, em 1934, pelo Subsecretariado de Imprensa e Propaganda. O sistema se ampliou em junho de 1935, quando surgiu o Ministério de Imprensa e Propaganda, e em janeiro de 1937, quando veio à luz aquele que seria o cume da estrutura de propaganda e de divulgação da cultura fascista dentro e fora da Itália, ou seja, o Ministero della Cultura Popolare ou MinCulPop.” (PARADA, 2008, p. 208)

No *Il Giornale dell'Agricoltore* não havia contradições em exaltar a Itália em território brasileiro. Afinal, ambas eram “pátrias irmãs”, aliadas no campo diplomático, e com diversos intercâmbios culturais, políticos e econômicos entre elas. Assim, as relações extremamente amigáveis entre Brasil e Itália terão espaço de destaque no jornal.

Na verdade, de um modo geral, os imigrantes italianos e seus descendentes parecem nunca terem sido forçados a escolher entre uma nação e outra, nem mesmo quando em contato com o movimento integralista. Essa imposição só viria com o Estado Novo, quando o nacionalismo varguista começa a se impor de maneira mais agressiva.<sup>94</sup>

Essa visão de Brasil e Itália como “nações irmãs” calcava-se muito nas boas relações diplomáticas e comerciais que os dois países cultivaram durante o período entre-guerras. A década de 1920 havia sido extremamente promissora na relação entre Brasil e Itália<sup>95</sup>, ao passo que na década de 1930 a diplomacia italiana voltara seus interesses à ideologia fascista, fato que acarretou certa perda de eficiência nessas relações, sem porém quebrar o clima de cordialidade convertido em padrão durante a década de 1920.<sup>96</sup> Portanto, embora não seja correto avaliar o período como um bloco monolítico, sem mudanças e descontinuidades, ainda assim é possível afirmar que as relações entre Brasil e Itália desenvolveram-se em direção a uma aproximação maior entre os dois países.<sup>97</sup>

Essa aproximação no campo diplomático pode ser visualizada com facilidade, por exemplo, quando das sanções internacionais impostas à Itália em virtude da questão ítalo-abissínia. Com o fechamento do mercado italiano aos países sancionistas, às nações não-sancionistas foram atribuídas maior credibilidade e maior proximidade com a Itália. O Brasil foi um desses países que não aderiram às sanções. Nesse cenário, o periódico destaca a “*leal postura do Brasil*”, “*postura essa que a Itália jamais esquecerá*”, e que os brasileiros foram sensíveis em reconhecer “*as necessidades e os direitos da Itália*”.<sup>98</sup>

<sup>94</sup> BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**, 2001a, vol.21, n.40, p. 92.

<sup>95</sup> CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre o Brasil e a Itália**: o papel da diplomacia. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1992, p. 89.

<sup>96</sup> Ibid., p. 113.

<sup>97</sup> Para uma revisão da bibliografia sobre o tema, ver BERTONHA (2001b, p.57-85).

<sup>98</sup> “*Il leale atteggiamento del Brasile, [...] atteggiamento questo che l'Italia mai dimenticherà. [...] un riconoscimento delle necessità e dei diritti dell'Italia.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 31 out. 1935, p. 1.

Em virtude dessa não-adesão brasileira às sanções impostas à Itália, as aproximações no campo comercial também se desenvolveram e foram destacadas no periódico. Grandes compras de café e de outros produtos são mencionadas<sup>99</sup>, mas há especial referência ao comércio de submarinos acordado pelos dois países. Segundo a notícia veiculada no *Il Giornale dell'Agricoltore*, a encomenda pelo governo brasileiro de seis submarinos italianos “*causou boa impressão nos meios industriaes italianos, que a apreciam como signal de amizade italo-brazileira, não afectada pela vaidade das sanções.*”<sup>100</sup> De fato, o comércio relacionado à indústria naval parece ter sido parte importante da aproximação diplomática entre os dois países na década de 1930.<sup>101</sup>

A aproximação no campo cultural aparece também mencionada, principalmente através da constituição, na Itália, da Sociedade dos Amigos do Brasil<sup>102</sup>, presidida por Guglielmo Marconi. Segundo a notícia, Mussolini tomaria parte das reuniões e “*aprova todo e qualquer movimento tendente a aproximar os laços de simpatia que unem os dois países*”<sup>103</sup>. A aproximação cultural entre Brasil e Itália, de fato, foi um ponto alto na relação entre os dois países, principalmente durante meados da década de 1930, com diversas escolas, associações, entidades e universidades agindo em prol desse objetivo.<sup>104</sup>

A relativa proximidade ideológica entre o regime varguista e o fascismo também ajuda a explicar essa questão. Em alguns pontos essa proximidade entre os dois governos é bastante evidente, como na estrutura corporativista da máquina estatal e no uso do sistema propagandístico como controle social. Não é intuito deste trabalho detalhar com maior profundidade essa proximidade, mas, como observa Maria Helena Capelato, fascismo e varguismo (bem como o nazismo e o peronismo) são

<sup>99</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 06 fev. 1936, p. 1.

<sup>100</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 31 out. 1935, p. 1.

<sup>101</sup> CERVO, op. cit., p. 114-117.

<sup>102</sup> Esse foi o nome noticiado no jornal. Porém, a titulação correta é *Associazione Amici del Brasile*. “Em Roma, sob os auspícios do próprio Mussolini, foi constituída a *Associazione Amici del Brasile*, com finalidades culturais e econômicas. Reuniu dezenas de nomes da elite política, diplomática, literária, científica e empresarial, incluindo alguns que já haviam estado no Brasil (Fermi, Bottazzi, Piacentini, Putti, Bontempelli). A convite de Mussolini, o senador e cientista Guilherme Marconi assumiu a presidência, disposto a ramificar a associação, criando seções nas cidades da Itália. Mussolini escolhera-o pelo prestígio e simpatia de que gozava no Brasil, onde fizera, a convite do governo, demonstrações de seu gênio.” (CERVO, 1992, p. 141)

<sup>103</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 07 mai. 1936, p. 3.

<sup>104</sup> CERVO, op. cit., p. 140-141.

diferentes realidades [que] não se mantêm separadas, havendo entre elas um movimento constante de circulação de ideias, imagens e práticas políticas que, ao se transportarem da Europa para a América, são apropriadas e reproduzidas, ganhando novo significado.<sup>105</sup>

Assim, as poucas menções feitas ao governo de Vargas no *Il Giornale dell'Agricoltore*, antes e depois do Estado Novo, aparecem sempre de forma elogiosa. Em 1934, na ocasião da promulgação da Constituição do mesmo ano, em que Vargas é declarado presidente, o periódico já demonstra certo entusiasmo, conclamando os italianos e seus descendentes a parabenizar e desejar votos sinceros a Getúlio Vargas, “*para que o Brasil entre em uma era de paz, prosperidade e ordem*”<sup>106</sup>. Em 1937, com o Estado Novo já decretado, há, na primeira página do jornal, a propaganda do livro “*Na hora da borrasca não se muda o timoneiro*”, de autoria de Geraldo Rocha, que consiste basicamente na biografia de Vargas.<sup>107</sup>

A reverência com que Getúlio Vargas tratava o chefe fascista também é destacada pelo periódico, como no episódio em que Vargas recebe os aviadores italianos que realizaram a travessia do Atlântico, de Roma ao Rio de Janeiro. Entre esses aviadores encontrava-se Bruno Mussolini, então com 19 anos, filho de Benito, que, ao ser cumprimentado por Getúlio Vargas, teria ouvido do mesmo: “*Ah! Esse é o filho do leão?*” Segundo a notícia veiculada no *Il Giornale dell'Agricoltore*, a frase teria repercutido com muito sucesso em Roma, pois seria, antes de tudo, uma comparação justa:

Bruno Mussolini é bem o ‘filho do leão’ não só pela analogia entre o seu progenitor e o rei dos animais, como pela coragem verdadeiramente leonina com que, em plena adolescência, vem realizando façanhas e proezas extraordinárias, como a travessia do Sahara, e, agora, o voo sobre o Atlântico, de Roma ao Rio em uma única etapa.<sup>108</sup>

Os acontecimentos que estreitaram as relações entre Brasil e Itália serviram de pano de fundo para um discurso bastante claro do periódico, preocupado em apresentar os dois países como nações irmãs, amigas, tornando plausível e

<sup>105</sup> CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 37.

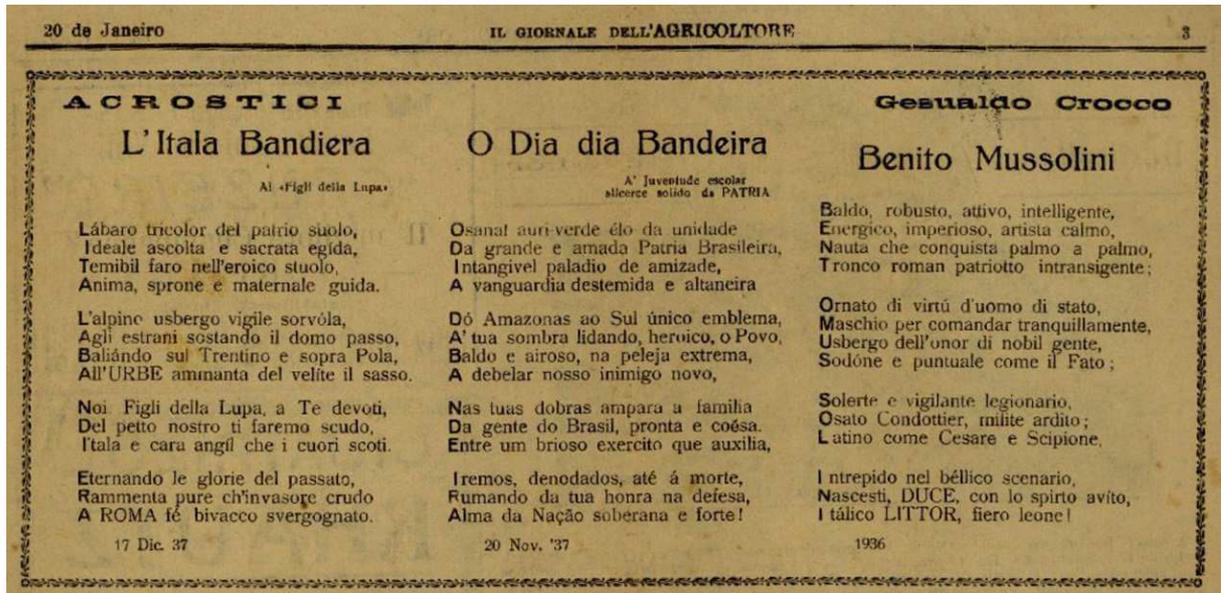
<sup>106</sup> “[...] *perché il Brasile entri in una era di pace, prosperità e ordine*”. *Il Giornale dell'Agricoltore*, 26 jul. 1934, p. 1.

<sup>107</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 23 dez. 1937, p. 1.

<sup>108</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 03 fev. 1938, p. 1.

desejável ao leitor amar e ovacionar ambas com vivacidade e entusiasmo. Isso pode ser observado em acrósticos publicados pelo *Il Giornale dell'Agricoltore* em que são reverenciadas ambas as bandeiras italiana e brasileira e Benito Mussolini:

Figura 4 - Acrósticos sobre a Itália e o Brasil lado a lado



Fonte: *Il Giornale dell'Agricoltore*, 20 jan. 1938, p. 3.

Como é possível observar, Itália, Brasil e o fascismo, representado na figura de seu *Duce*, são exaltados ao mesmo tempo, no mesmo espaço. Não parece haver nenhuma contradição.

Em outros momentos onde isso pode ser percebido é com a chegada de Vincenzo Lojacono ao Rio de Janeiro para assumir o posto de embaixador da Itália no Brasil. O jornal, ao noticiar o acontecimento, “*oferece em reverência as suas boas-vindas, desejando pela maior potência e glória das duas grandes Nações Amigas: a Itália e o Brasil.*”<sup>109</sup> Ou ainda com a fala de Ninin, personagem de Jone Randazzo em seus contos *Quattro ciacole fra done*, que, tratando da questão da situação da Itália perante as sanções internacionais, ressalta que “*o Brasil é um país amigo, que não tem medo nem da Inglaterra, nem dos ingleses, nem do Negus. O Brasil é um amigo sincero e leal da Itália, e o demonstrou com aquelas sanções*

<sup>109</sup> “[...] *porge riverente il suo benvenuto, bene auspicando per la maggiore potenza e gloria delle due grandi Nazioni Amiche: l'Italia e il Brasile.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 20 mai. 1937, p. 1.

*porcas dos ingleses!*<sup>110</sup> É dado também enfoque ao trabalho dos cónsules em manter essa amizade, como pode ser visto na descrição de Guglielmo Barbarisi:

A figura exponencial do Comendador Guglielmo Barbarisi, cuja atuação no alto cargo de Consul da Italia amiga é um fator que representa uma amizade valorosa entre o Brasil e a sua patria valorizando a responsabilidade desse mesmo cargo. Tem, para com essa terra, uma admiração a toda a prova, porque o grande numero de patricios que aqui vivem trabalham e se esforçam aceleradamente pelo engrandecimento do Rio Grande.

Como representante da Italia no nosso Estado o Comendador Guglielmo Barbarisi tem feito sòmente intensificar a velha amizade entre Brasileiros e Italianos, mòrmente no comercio onde conta com a estima valorosa dos seus representantes de ambos os povos.<sup>111</sup>

É também destacada a posição de italianos referente ao Brasil, como quando um periódico italiano noticiou que “*o Brasil está na ordem do dia da simpatia nacional na Itália*”, sublinhando a amizade entre os dois países no momento delicado para a Itália e que assim “*a vida brasileira se eleva na escala da civilidade e se encontra com evidente afinidade com a vontade e os métodos da nação italiana.*”<sup>112</sup> Ou ainda com a carta de Luigi Federzoni a Guerra Durval, respectivamente presidente do senado italiano e embaixador brasileiro na Itália, que fala, em razão da viagem do primeiro ao Brasil, da “*perfeita harmonia existente na colaboração entre italianos e brasileiros*”.<sup>113</sup>

Uma hipótese para explicar essa dupla fidelidade nacionalista pode estar no fato de o fascismo ter intencionado sempre a capitalização da coletividade italiana em território brasileiro para promover uma imagem positiva do regime fascista, aumentando seu prestígio internacional e desenvolver um mercado consumidor de produtos italianos no país. Apesar de, em última instância, Mussolini desejar influenciar a política interna e externa no Brasil, os próprios representantes do governo italiano reconheciam a capacidade limitada de inserção dos integrantes da coletividade italiana na política brasileira. Assim, o objetivo prático da propaganda

<sup>110</sup> “[...] e non dimenticar chel Brasil el ze un paese amico un paese che no ga paura ne de l’Inghilterra ne dei inglesi e ne del Negus. El Brasil ze un’amico sincero e leal dell’Italia, lo ga dimostrá con quelle porche sanzion inglesi!” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 21 mai. 1936, p. 10.

<sup>111</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 28 fev. 1937, p. 5.

<sup>112</sup> “Il Brasile è all’ordine del giorno delle simpatie nazionali dell’Italia. [...] la vita brasiliana si eleva nella scala della civiltà e si incontra con evidenti affinità con la volontà e i metodi della nazione italiana.” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 28 mai. 1936, p. 2.

<sup>113</sup> “[...] perfetta armonia esistente nella collaborazione tra italiani e brasiliani.” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 07 out. 1937, p. 3.

fascista no Brasil limitou-se em manter os laços de italianos e seus descendentes com a sua pátria de origem.<sup>114</sup>

Já na segunda metade da década de 1930, além das pretensões econômicas e culturais, a propaganda fascista também intencionava quebrar a hegemonia exercida pelos Estados Unidos, tanto no Brasil como no continente americano como um todo.<sup>115</sup> Para isso, buscou uma aproximação com o “fascismo brasileiro”, representado inicialmente pelo integralismo. Porém,

[c]om o tempo, tornou-se visível a decepção italiana com a capacidade integralista de trabalhar com Vargas e ampliar seu poder, enquanto seu encanto com o *Estado Novo* varguista cresceu continuamente. [...] por fim, a decisão italiana passou pelo abandono dos integralistas e pelo apoio ao novo regime brasileiro, que recebeu então imensa atenção por parte da propaganda italiana.<sup>116</sup>

Nesse contexto de aproximação com o varguismo, portanto, pode-se buscar a compreensão da exaltação paralela e sem contradições de Brasil e Itália promovida pelo *Il Giornale dell'Agricoltore*.

### 1.3 FASCISMO E ITALIANIDADE

Notavelmente presente no discurso do *Il Giornale dell'Agricoltore* encontra-se a tentativa de estabelecer uma relação intrínseca entre a italianidade e o fascismo. Com o regime fascista sendo considerado o principal agente responsável pela Nova Itália, um país renovado, unido, modernizado, de reconhecida influência no cenário político global, a identidade italiana legítima e ideal passa a ser atrelada também ao fascismo.

A associação entre italianidade e fascismo foi, na verdade, uma das grandes empresas do regime não somente para com os italianos no exterior, mas também dentro da própria península. Tomando para si a tarefa de ser reunir, de maneira definitiva, todos os italianos em torno da Itália, os fascistas trabalharam de modo

---

<sup>114</sup> BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b, p. 72-74.

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 78.

obsessivo para criar identificações automáticas entre os termos “Itália” e “italianidade” com os termos “fascismo” e “ideologia fascista”.<sup>117</sup>

Estender a ideia de italianidade para além das fronteiras da península e atribuí-la também aos italianos no exterior não foi, porém, uma iniciativa completamente inovadora do regime fascista. A preocupação em manter o imigrante ligado à sua pátria de origem já era possível de ser constatada entre os representantes diplomáticos italianos desde os primeiros anos do movimento migratório ao Brasil. Como observa Luiza Iotti, “o discurso da italianidade esteve presente nos documentos consulares antes mesmo de transformar-se em discurso oficial do Estado italiano, a partir de 1888.”<sup>118</sup> Nesse período, o incentivo à italianidade tinha por objetivo “interligar emigração, comércio e manutenção da identidade cultural”<sup>119</sup>. Nesse período, os imigrantes não consideravam-se italianos, mas sim vênnetos, lombardos, trentinos, friulianos, milaneses, etc. A identidade, portanto, não era nacional, mas associava-se a questões regionais.

A concepção de italianidade no Rio Grande do Sul<sup>120</sup> já vinha sofrendo um processo de construção antes do fascismo, decorrente de uma série de circunstâncias e manifestações presentes nas colônias: a percepção de alteridade, do “outro”, dos italianos diferenciando-se dos outros grupos étnicos estabelecidos no estado; a vida associativa, manifestada em círculos e sociedades italianas, bem como em atividades recreativo-culturais; e a atuação da Igreja católica na promoção de espaços de sociabilidade entre os imigrantes, bem como na manutenção de suas tradições através do ensino e da imprensa.<sup>121</sup>

<sup>117</sup> Id. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 62.

<sup>118</sup> IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder**: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares. Caxias do Sul: EDUCS, 2001, p. 93.

<sup>119</sup> Ibid., p. 53.

<sup>120</sup> Os valores de diferenciação que configuraram uma identidade étnica entre italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul, conforme aponta Carla Brandalise (2010, p. 109), são os seguintes: “uma assim considerada ‘ética superior’ em relação ao trabalho, conjugado com a honestidade e o sacrifício, a poupança e a abnegação enquanto características naturais; a apologia ao *self-made man*; a celebração dos feitos laboriosos da comunidade que transformara, com seu árduo esforço coletivo, a floresta em civilização; a inabalável convicção religiosa na Igreja romana como condutora moral; a exaltação de um passado alegórico, sob a forma de uma ‘tradição rural veneta do século XIX, ressurgida no sul do Brasil; a hagiografia de uma sociedade cooperativa, pacífica, isenta de conflitos.”

<sup>121</sup> BRANDALISE, Carla. Concepção de “italianidade” no Rio Grande do Sul: noções étnicas de pertencimento: mitos e conflitos. In: CAPPELLIN, Paola et al (Org.). **Entre mercado e memória**: famílias e empresas de origem italiana no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010. p. 117-120.

A originalidade do fascismo esteve, então, em identificar-se com a ideia de italianidade, associando assim a pátria italiana ao regime fascista.<sup>122</sup> Essa concepção de italianidade assumirá, através do fascismo, um sentido mais amplo do que o original, como explica Emilio Gentile:

o termo *italianità* foi adotado pelo nacionalismo e pelo fascismo, não apenas para designar a inclusão, através da cidadania, no estado italiano, como também, em uma acepção que pretendia ser politicamente mais acentuada. Ela deveria indicar o sentimento e a consciência de pertencer à nação italiana e exaltar a vontade, em meio aos italianos que viviam fora da Itália, de preservar na sucessão de gerações, os vínculos de língua, de cultura, de interesses e de afeição com a nação de origem.<sup>123</sup>

A ação política do Estado italiano no sentido de construir a ideia de italianidade toma, portanto, nova dimensão com o fascismo.

Outro elemento importante introduzido pelo fascismo foi a mudança na concepção do emigrante, passando a ser designado agora como “italiano no exterior”.

A rigor, pensando nessa ação basilar que a identidade nacional tem nos processos de transformação da etnicidade, a transformação terminológica de *emigrante* para *italiano no exterior* trouxe consigo uma profunda mudança na auto-representação do próprio ítalo-brasileiro. Se, no primeiro momento, percebe-se a ideia de um desenraizamento, *aquele que deixa a terra de nascimento*, o segundo conceito mantém um vínculo de cidadania que acompanha o emigrante em qualquer lugar em que ele venha a se estabelecer. Para além da alteração conceitual, o fascismo irá apostar nessa recuperação do *vínculo pátrio* como uma maneira de se aproximar dessa massa de peninsulares que vivia no exterior.<sup>124</sup>

Esse nova concepção é ressaltada em alguns momentos pelo periódico, como na notícia da abolição do *passaporto rosso*<sup>125</sup>, onde é tornada clara a nova visão do governo italiano fascista dos emigrados:

<sup>122</sup> BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b, p. 29.

<sup>123</sup> Apud BRANDALISE, op. cit., p. 122.

<sup>124</sup> BENEDUZI, Luís Fernando. Uma aliança pela pátria: relação entre política expansionista fascista e italianidade na comunidade italiana do Rio Grande do Sul. **Dimensões**, Vitória-ES, v. 26, p.89-112, 2011b, p. 93.

<sup>125</sup> Documento de expatriação emitido pelo governo italiano a emigrantes, abolido em 1928.

A iniciativa [de abolição do *passaporto rosso*] traz consigo a marca de uma visão verdadeiramente fascista da função e da capacidade da italianidade no exterior. Em outras épocas, o expatriado era um elemento avulso da Pátria e que somente era levado em conta no quadro das exportações inúteis calculadas na balança comercial no capítulo de “remessa dos emigrados”. Os economistas liberais não viam no emigrado de *passaporto rosso* senão um produto humano destinado a fornecer recursos de fácil e seguro emprego.

[...]

O Fascismo considera o italiano no exterior um elemento ativo da vida nacional sob todos os ângulos. Depois de os ter protegido com uma legislação adequada os direitos e tutelado com acordos internacionais os recursos sociais, o Regime deu ao nosso trabalhador o sentimento de uma missão serenamente planejada. Hoje o integra [o emigrado] no fervor de uma valorização colossal, chamando-o para dar seu músculo e a sua experiência.<sup>126</sup>

O contraste entre a política para com os emigrados do governo fascista e dos governos liberais anteriores é bem explorada, mostrando essa como uma política voltada exclusivamente ao lucro, pouco ou nada preocupada em manter os laços com a Pátria-mãe. O fascismo, mais do que integrar esse emigrado, atribui-lhe uma missão política para levar a cabo em território estrangeiro.

Na esteira dessa modificação de concepção do emigrante proposta pelo regime fascista vem também uma mudança na percepção do próprio movimento migratório, especialmente no Rio Grande do Sul. Se antes era visto de maneira negativa, como resultado das precárias condições de vida e da incapacidade de sobreviver em solo italiano, o ato de emigrar e o estabelecimento em solo gaúcho passam a ser vistos por um viés positivo e até mesmo heroico. Esse imigrante não é mais um miserável, expulso de sua pátria mãe pela pobreza, mas um industrioso, que soube desbravar, ocupar e tornar produtiva uma terra até então inóspita. Deste modo, ao revisitar de forma positiva o fenômeno migratório, alguns traços culturais do grupo passam a ser concebidos como especiais, delineando assim uma origem

<sup>126</sup> “L’iniziativa porta il segno d’una visione veramente fascista della funzione e delle risorse dell’italianità all’estero. In altre epoche, l’espatriato era un elemento avulso dalla Patria e che solo contava nel quadro di quelle esportazioni inutili conteggiate nella bilancia commerciale sotto il capitolo <<rimesse degli emigranti>>. Gli economisti liberali non vedevano nell’emigrato del passaporto rosso, se non il prodotto umano destinato a fornire un cespite di facile e sicuro impiego. [...] Il Fascismo considera l’italiano all’estero un elemento attivo della vita nazionale sotto tutti i suoi angoli. Dopo averne protetto con una legislazione adeguata i diritti e tutelato con accordi internazionali le risorse sociali, il Regime ha dato al nostro lavoratore il sentimento d’una missione serenamente meditata. Oggi lo integra nel fervore di una valorizzazione colossale chiamandolo a dare il suo muscolo e la sua esperienza.” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 15 out. 1936, p. 2.

em comum unificadora, que aos poucos configura-se como um grupo étnico diferenciado dos demais.<sup>127</sup>

O *Il Giornale dell'Agricoltore* reproduz claramente esse discurso, alimentando-o e contribuindo para a sua afirmação. Vale retomar novamente a já citada primeira edição do periódico, onde é possível perceber essa inclinação de exaltar a obra da imigração:

Iniciamos a publicação do “Il Giornale dell'Agricoltore” na data de 24 de fevereiro que marca o quarto anual do glorioso dia em que pessoas da Itália deram início em Caxias à demonstração de trabalho e de progresso desta fértil região, honra e ostentação dos riograndenses, orgulho dos emigrados de 1876, de seus filhos e daqueles italianos que daquela data em diante, com a mente e com o braço, transformaram a Terra do Campo dos Bugres na sorridente, rica, e industrial cidade de Caxias.<sup>128</sup>

Jone Randazzo também encarregou-se de reproduzir esse discurso em seus contos, como quando alguns de seus personagens, seguindo os incentivos de Mussolini para emigrarem para a Abissínia e ali instalarem-se como agricultores, encontram diversas dificuldades em exercer esse ofício em terras africanas. *Ninin Gobo*, então, relembra-se dos grandes feitos dos colonos no Rio Grande do Sul:

Vocês, colonos do Rio Grande do Sul, são pessoas de valor, demonstraram a vossa capacidade transformando esses bosques, esses charcos, e essas montanhas do Rio Grande em um pequeno Paraíso terrestre. No lugar de pinheiros e da capoeira, hoje há estupendos vinhais cheios de uva e de cada graça de Deus. Transformaram charcos em campos de grãos, trigo, milho, fizeram, em síntese, mais da vossa força, mais, como se diz em italiano gramatical, “superaram a vós mesmos”.<sup>129</sup>

<sup>127</sup> BENEDEZZI, op. cit., p. 91-92.

<sup>128</sup> “Iniziamo la pubblicazione del “*Giornale dell'agricoltore*” nella data del 24 febbraio che segna il quarto annuale de quel giorno glorioso in cui le genti d'Italia diedero inizio in Caxias alla dimostrazione del lavoro e del progresso di questa ubertosa regione, onore e vanto dei Riograndensi, orgoglio legittimo degli emigrante del 1876, dei loro figli e di quegli italiani che da quella data in poi con la mente e col braccio, trasformarono le Terre di Campo dos Bugres nella ridente, ricca, e industriale città di Caxias.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 24 fev. 1934, p. 1.

<sup>129</sup> “Voialtri, coloni del Rio Grande se gente de valor, gavé dimonstrá la vostra capacità trasformando sti boschi, ste paludi, e ste montagne del Rio Grande in un piccolo Paradiso terrestre. Al posto dei pini e delle capoere, oggi ghe ze dei stupendi vigneti pieni di uva e de ogni grazia di Dio.” “Gavé trasfromá paludi in campi de grano, trigo, milio, gavi fatto insomma più dele vostre forze, più, come se dice in'Italian gramatical 'Avete superato voi stessil'.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 06 fev. 1936, p. 10.

A menção da criação de um “pequeno Paraíso terrestre” dá conta de dimensionar o quão grande e sublime fora considerada a intervenção da coletividade italiana em solo gaúcho.

Outro grande momento em que a exaltação da “estirpe itálica” toma grandes proporções é em função da Festa da Uva. O evento é mencionado de modo a glorificar ao máximo o fruto do trabalho dos imigrantes, como símbolo dos mais altos valores da italianidade. O discurso incisivo da Festa da Uva como “Festa do Trabalho”, em que o produto final do labor do imigrante pode ser enaltecido como principal fator da ascensão da “Pérola das Colônias”, é a tônica do noticiário do jornal sobre o tema:

A industria do vinho, cuja melhoria qualitativa cada ano mais se tem aprimorado, tendo já alcançado no mercado do país a mais consagradora das preferencias, atestarà, o progresso vertiginoso de um povo que trabalha para construir, e produz para vender. No sètor industrial, Caxias demonstrarà toda a pujança de sua estrutura economica, que a tem colocado num plano soberbo de desenvolvimento, assegurando-lhe um posto de grande e decisivo relevo no trabalho economico do Rio Grande.<sup>130</sup>

É possível notar aqui também um destaque mais acentuado pelo viés industrial da festa, dividindo o protagonismo com o trabalho agrícola, mais tradicionalmente associado com o imigrante italiano. Ambos os setores, frutos do senso de trabalho característico desses imigrantes, teria tornado a cidade de Caxias em um “*pequeno Estado poderoso, que se basta a si mesmo, pleno de recursos numa marcha triunfante de patriotismo*”.<sup>131</sup>

A Festa da Uva foi um evento importante para o *Il Giornale dell’Agricoltore*, principalmente em sua quinta edição, no ano de 1937, quando o jornal foi designado “*órgão oficial*” do evento, circulando em uma edição especial, com tiragem de 25 mil exemplares.<sup>132</sup> Tendo sido a festa o primeiro grande evento das regiões colonizadas por italianos a gerar grande interesse nacional<sup>133</sup>, provavelmente, muitos olhos voltaram-se para o periódico nessa edição especial. A repercussão parece ter sido bastante positiva em vista das diversas mensagens de felicitações do comissariado

<sup>130</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 12 nov. 1936, p. 5.

<sup>131</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 19 nov. 1936, p. 1.

<sup>132</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 08 out. 1936, p. 1.

<sup>133</sup> VALDUGA, Vander. **Raízes do turismo no território do vinho**: Bento Gonçalves e Garibaldi - 1870 a 1960 - (RS/BRASIL). 2011. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011, p. 125.

da Festa da Uva e de outros órgãos de imprensa do Rio Grande do Sul, publicadas posteriormente pelo jornal.<sup>134</sup>

Figura 5 - Capa da edição especial da Festa da Uva de 1937



Fonte: *Il Giornale dell'Agricoltore*, 28 fev. 1937, p. 1.

A frase de chamada para o evento é bastante emblemática: “*O que Caxias oferece ao Rio Grande e ao Brasil é bem um exemplo notável do quanto pode a vontade, a fé e o amor ao trabalho.*”<sup>135</sup> Enquadra-se muito bem no discurso de italianidade que vinha sendo produzido não apenas pelo periódico, mas em muitos outros setores da sociedade.

<sup>134</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 25 mar. 1937, p. 8.

<sup>135</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 28 fev. 1937, p. 1.

A importância da Festa da Uva, porém, não limita-se apenas ao território do Rio Grande do Sul ou do Brasil. O próprio Mussolini tem conhecimento do evento e refere-se a ele de maneira positiva, como repercutido:

Segundo apuramos em fonte autorizada, o sr. Benito Mussolini, em Roma, refere-se em termos encomiásticos à Festa da Uva, em Caxias. Ha poucos dias, um deputado francez, em plena Camara, levantou-se para falar sobre assumtos viti-vinicolos do seu paiz. Em dado momento, referindo-se aos festejos da vindima, dia que enquanto a Fraça passava em completa indiferença á colheita da uva, tinha eles em Caxias, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, a mais empolgante das celebrações.<sup>136</sup>

Benito Mussolini, na verdade, exaltava o consumo de vinho como uma característica importante não só da italianidade, mas da civilização branca ocidental.<sup>137</sup> Assim, o cultivo da uva é usado como elemento para reforçar os traços de italianidade dos imigrantes e aproximá-los dos italianos peninsulares.

Na ocasião da comemoração do Centenário da Revolução Farroupilha há também o destaque à participação de italianos e a exaltação da italianidade, principalmente relacionada à figura “*do nosso Giuseppe Garibaldi*”. Para as comemorações e exposição organizadas em Porto Alegre, o periódico convoca todos os descendentes de italianos “*a serem generosos para com a realização daquilo que demonstrará posteriormente os sentimentos nobres da nossa gente, dando assim uma prova do reconhecido afeto que transmite a nossa Colônia à gloriosa terra que nos hospeda*”.<sup>138</sup> Associar heróis italianos à Revolução Farroupilha foi mais uma estratégia discursiva utilizada pelo fascismo para a exaltação da italianidade e de sua importância também nesse acontecimento. Como aponta Rosemary Fritsch Brum:

Fascismo, italianidade, farroupilha, são elementos da composição narrativa que quer narrativizar os anos 30, na perspectiva das elites

<sup>136</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 04 mar. 1937, p. 2.

<sup>137</sup> “*Il problema dell'alcoolismo, così com'è inteso nei paesi nordici, non esiste in Italia, poiché il nostro popolo non consuma liquori alcolici. Gli italiani consumano esclusivamente vino. Ed el vino è un prodotto della civiltà occidentale; squisito prodotto delle vigne e delle uve del Mediterraneo, nato dalle gioiose nozze del sole, del cielo e della terra. Chiunque parli del vino, quindi, parla della civiltà della razza bianca.*” Benito Mussolini (apud BENEDEZZI, 2011a, p. 1)

<sup>138</sup> “[...] *ad essere generosi verso la realizzazione di quello che dimostrerà si poster i sentimenti nobili della nostra gente, dando così una prova del riconoscente affetto che lega la nostra Colonia, alla gloriosa terra che ci ospita.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 19 set. 1935, p. 2.

italianas. Ou seja, conferir uma identidade amalgamando símbolos tão caros aos rio-grandenses, à ascensão do fascismo. Essa identidade simbolizada vai costurando os mitos tão díspares entre si, num mesmo registro, sendo o Centenário Farroupilha o realizador da grande síntese. A mitologização em torno do Duce, do herói dos dois mundos, Garibaldi, dos heróis farroupilhas marca a discursividade dos grandes eventos e das grandes sociedades nos anos entre 1930 e 1937.<sup>139</sup>

A relação entre italianidade e fascismo nem sempre aparece explícita no discurso. Uma das poucas exceções é quando da morte de Guglielmo Marconi, em que este aparece como um “*gênio da estirpe itálica*”, um “*italiano completo, um fascista completo*”.<sup>140</sup> Porém, de forma bastante sutil e implícita, essa relação é o fio condutor da exaltação da “estirpe itálica”. Implicitamente, o verdadeiro representante dessa “estirpe itálica” é ligado politicamente aos valores fascistas.

Esse discurso não é uma exclusividade do *Il Giornale dell’Agricoltore*. Como visto, faz parte de uma (re)construção identitária na região colonial italiana em curso desde os anos 1920. É também bastante presente em outros periódicos que circulavam na região, especialmente o *Staffetta Riograndense*, como mostram os trabalhos de Gustavo Valduga<sup>141</sup> e Luís Fernando Beneduzi<sup>142</sup>, e nos discursos da Festa da Uva, na qual as comemorações “acabam funcionando como uma re-elaboração do processo migratório”, onde o destaque é dado ao caráter “epopeico da superação de enormes dificuldades rumo à vitória conquistada”, com o imigrante e seus descendentes como agentes principais nesse triunfo.<sup>143</sup>

Dessa forma, o *Il Giornale dell’Agricoltore* aparece como um importante elemento dentro desse movimento (re)construtivo da identidade local associada à italianidade e ao fascismo, atuando como veículo reproduzidor da política externa

<sup>139</sup> BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta**: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30. São Luís: EDUFMA, 2009, p. 241.

<sup>140</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 29 jul. 1937, p. 3.

<sup>141</sup> A pesquisa de Valduga indica uma diferença importante na associação entre italianidade e fascismo do *Il Giornale dell’Agricoltore* e do *Staffetta Riograndense*: a religiosidade cristã. Enquanto o primeiro pouco associa os elementos do cristianismo com o fascismo, no segundo essa combinação é bastante evidente e ressaltada com grande destaque. (VALDUGA, 2007, p.149-170) Isso se dá muito em virtude da própria configuração do *Staffetta Riograndense*, periódico pertencente a Ordem dos Capuchinos. No *Il Giornale dell’Agricoltore*, apesar de sua orientação católica ser facilmente perceptível, não há, porém, ligação formal com a Igreja.

<sup>142</sup> Beneduzi (2011b) explora a relação entre italianidade e fascismo no *Staffetta Riograndense* durante o conflito ítalo-abissíneo, que será abordado com maior profundidade no capítulo terceiro deste trabalho.

<sup>143</sup> BENEDEUZI, Luis Fernando. Festa da Uva e política fascista: narrativa de operosidade e resgate da italianidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Simpósio Nacional de História, 2011 a. p. 2-3.

fascista para com o italiano no exterior, que buscava a italianização desse imigrante pelo viés político do fascismo, aproximando as identidades étnica e política.

#### 1.4 AGRICULTORES E O FASCISMO

A busca pela construção da italianidade no *Il Giornale dell'Agricoltore* envolveu diretamente, como visto, uma nova percepção do imigrante de origem italiana, agora bastante valorizado em virtude do produto de seu trabalho e personagem de uma verdadeira epopeia, que, no espaço de pouco mais de 50 anos, transformou uma região inóspita em próspera e industrializada. Isso se deveu, em muito, à figura do agricultor, símbolo da operosidade característica atribuída aos imigrantes.

Sendo o periódico alinhado politicamente ao fascismo e tendo no colono, pequeno proprietário de terras, seu público alvo, a busca por uma associação entre fascismo e a prática agrícola foi, ora com mais clareza, ora com menos, o fio condutor de grande parte do direcionamento político do jornal. Essa associação tinha o objetivo implícito de orientar politicamente os leitores em torno de uma visão idealizada do fascismo e de Mussolini, na qual o agricultor, mais do que valorizado em sua profissão, era visto como o elemento ideal dessa sociedade.

O *Il Giornale dell'Agricoltore* deixa claro, em várias oportunidades, que era um jornal cujo principal objetivo era a defesa dos interesses dos agricultores. Seu programa “*consiste na defesa sem limites dos sacrossantos direitos dos Rurais, os quais com, o próprio trabalho tenaz, formam a base sólida na qual se apoia a economia da Nação.*”<sup>144</sup> Em outra oportunidade, numa espécie de editorial sobre as intenções do periódico, é possível observar mais alguns elementos do compromisso na divulgação e valorização do produto do trabalho do agricultor:

O <<Jornal do Agricultor>> tem uma missão nobre a cumprir na imprensa desta boa terra.

É o de propugnar pelos altos interesses da coletividade e fazer alarde, com serena imparcialidade, do que produzimos e exportamos para fóra do município e mesmo do paiz.

<sup>144</sup> “[...] *consiste nella difesa ad oltranza dei sacrosanti diritti dei Rurali, i quali con il proprio tenace lavoro, formano la base granitica su cui poggia l'economia della Nazione.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 02 mai. 1935, p. 10.

Sendo assim esperamos que conosco cooperem todos os de boa vontade para elevarmos bem alto o nome de Caxias, do Rio Grande e desse colosso imenso, onde tantas almas vivem do labor que nobilita, que se chama Brasil.<sup>145</sup>

Quando da celebração do Dia do Colono, o tom de vangloriação é elevado ainda mais:

Agricultores amigos, transcorrendo no proximo dia 25 a data em vossa homenagem, <<Dia do Colono>> lembrai-vos que sois a nossa esperança, que representais a nova aristocracia de todos os povos e de todas as civilizações e que não é sô no campo da luta e nos bancos catedraticos [...] mas tambem e tal vez mais, no diuturno trabalho rural, imprimindo lhe o insubstituivel privilegio da riqueza e bem estar social, economico e politico.<sup>146</sup>

Referir-se a agricultores como a “nova aristocracia de todos os povos” mostra o tom quase jactante adotado pelo periódico ao referir-se ao agricultor de origem italiana. A esse grupo, considerado o portador dos mais altos valores da humanidade, que o fascismo passa a buscar associar-se. Busca essa em que o *Il Giornale dell'Agricoltore* pode ser visto como uma valiosa ferramenta.

A exaltação de uma tradição italiana rural e guerreira foi parte do discurso fascista de retomada do mito da romanidade. Nesse discurso, o ruralismo, o trabalho nos campos, atrelava-se diretamente a valores guerreiros, sendo assim um dos traços característicos da estirpe romana e italiana. Conforme observa Andrea Giardina, “como os colonos romanos, os colonos da era fascista teriam vencido os espaços selvagens, civilizando a natureza, criando famílias prolíficas das quais nasceriam soldados prontos para servir a Pátria”.<sup>147</sup> Esse discurso se enquadrou facilmente na grande epopeia da imigração italiana no Rio Grande do Sul que estava sendo construída.

Isso pode ser facilmente observado em alguns extratos do *Il Giornale dell'Agricoltore*. Na primeira edição do periódico já há a intenção em expor a associação entre fascismo e agricultura de maneira bastante clara. Uma foto da prática da colheita entre dois *fascios* ilustra a fala de Mussolini, onde este deixa bem claro a classe de trabalhadores que tem mais simpatia: “os que eu prefiro são

<sup>145</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 27 ago. 1936, p. 5.

<sup>146</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 23 jul. 1936, p. 1.

<sup>147</sup> GIARDINA, Andrea. O mito fascista da romanidade. **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 22, n. 62, p. 55-76, abr. 2008. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/eav/article/view/10320>>. Acesso em: 08 fev. 2013. p. 63,

aqueles que trabalham duro, com suor, em obediência e possivelmente em silêncio. [Esses são] os verdadeiros agricultores da Nação Italiana.”<sup>148</sup>

Figura 6 - Extrato da capa da primeira edição



Fonte: *Il Giornale dell'Agricoltore*, 24 fev. 1934, p. 1.

Essa predileção é também reforçada nos contos de Jone Randazzo, quando seu personagem, assertivamente, expõe a simpatia de Mussolini para com os trabalhadores do campo:

Sabes tu para quem tem grande simpatia Mussolini? Sabes tu a quem prefere mais do que todos Mussolini? Sabes tu para quem tem mais preferência a tudo e a todos Mussolini? Ao agricultor, aquele que capina a terra, ao agricultor que da manhã à noite ganha o pão com o suor de seu rosto, esse é o preferido de Mussolini, e não aqueles meio escondidos, aqueles descansados que passam a vida

<sup>148</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 24 fev. 1934, p. 1.

de um café a outro, aproveitando-se dos outros por ter um pouco de dinheiro.<sup>149</sup>

A exaltação do trabalho braçal, “*da manhã à noite*”, como valor extremamente positivo, digno de honra e desejável, é o atributo mais elogiado e mencionado quando o discurso refere-se aos trabalhadores do campo. O agricultor é a figura síntese do trabalho, da disciplina e da obediência, valores intrínsecos a todo verdadeiro fascista, e, em consequência, a todo verdadeiro italiano.

Figura 7 - Mussolini guiando trator



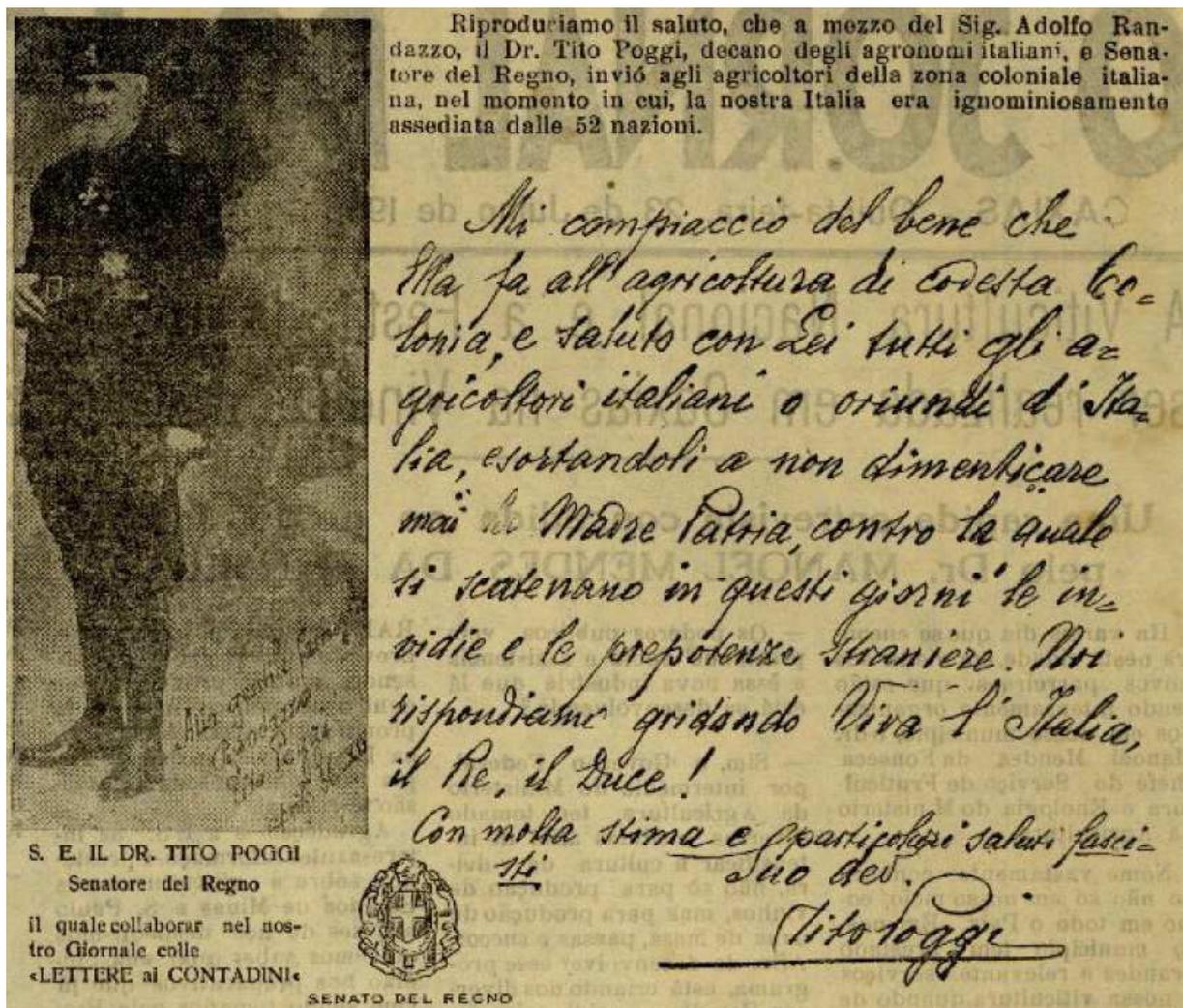
Fonte: *Il Giornale dell'Agricoltore*, 11 nov. 1937, p. 3.

A aproximação do próprio Mussolini das atividades agrícolas é também evidenciada no periódico, como quando o chefe fascista assiste a um desfile de 18

<sup>149</sup> “*Salo, parchí el ga na gran simpatia Mussonili? Salo chi preferisce piú de tuti Mussolini? Salo parchí porta preferenza a tuto e a tuti Mussolini? Al contadin, queo che sapa la terra, al contadin che da matina ala sera el se guadagna el pan col suor dea fronte, ecco el preferio de Mussolini, e no quele mezze velae, quei menarosti che passa la so vita da un caffè all'altro, lavandose la boca dei frati dei altri, parché i ga quatro schei.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 28 mar. 1935, p. 10.

mil camponeses em Milão<sup>150</sup>. Em outra oportunidade, quando noticiada a inauguração de um novo município pelo governo fascista, Mussolini fala com orgulho de seus antepassados que trabalharam no campo: “*Tenho orgulho de dizer-lhes que nas minhas veias corre o sangue de autênticos agricultores.*”<sup>151</sup> Ilustrando a mesma reportagem, há uma foto do *Duce* guiando um trator.

Figura 8 - Carta de Tito Poggi reproduzida pelo periódico



Fonte: *Il Giornale dell'Agricoltore*, 23 jul. 1936, p. 9.

Tito Poggi, senador italiano e fascista, também presta sua homenagem aos agricultores, ao que tudo indica, através de uma carta endereçada pessoalmente a Adolfo Randazzo. A carta é reproduzida pelo periódico e expressa claramente a

<sup>150</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 11 out. 1934, p. 1.

<sup>151</sup> “Ho l'orgoglio di dirvi che nelle mie vene corre il sangue di autentici contadini.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 11 nov. 1937, p. 3.

necessidade de apoio que os fascistas procuravam no exterior em virtude dos problemas diplomáticos enfrentados com as sanções econômicas decorridas do conflito ítalo-abissínio:

Me agrada o bem que faz a agricultura dessa Colônia, e saúdo com o senhor todos os agricultores italianos ou oriundos da Itália, exortando-os a não se esquecerem nunca da Pátria Mãe, contra a qual desencadeiam-se nesses dias a inveja e a prepotência estrangeiras. Nós respondemos gritando Viva a Itália, o Rei e o *Duce!*  
Com muita estima e particulares saudações fascistas  
Tito Poggi<sup>152</sup>

O noticiário do *Il Giornale dell'Agricoltore* parece valorizar e selecionar notícias com temática agrícola relativas à Itália e às ações do fascismo, de modo que estas aparecem em larga escala durante todo o período de vida do periódico. A presença do partido fascista em congressos internacionais sobre agricultura<sup>153</sup>, o desenvolvimento econômico do setor<sup>154</sup>, a luta contra doenças entre agricultores e pela sua assistência médica<sup>155</sup> são exemplos de notícias que, mesmo distantes da realidade do leitor, parecem ser importantes para destacar as efusivas ações do fascismo em prol dos trabalhadores do campo italianos.

É interessante pensar que, embora o alvo do jornal seja o público da zona rural, então a maioria na região, o lugar do fascismo, da ação fascista, é, predominantemente, o espaço urbano (como poderá ser visto ao longo do capítulo segundo). Isso não deixa de se configurar em um paradoxo: embora a exaltação dos valores da vida rural e dos agricultores, o *modus operandi* fascista foi característico e propício à zona urbanizada. Os *fascios*, as associações de mútuo socorro, as escolas, os *Dopolavoro* e outras instituições nas quais a ideologia fascista se infiltrou, são instituições de caráter tipicamente urbano.

O reforço da figura do agricultor como cara ao fascismo e a Mussolini pode ser analisado como estratégia para facilitar a assimilação dos valores e ideologias fascistas pelos pequenos produtores de origem italiana no Rio Grande do Sul. Um meio para, de alguma forma, atenuar esse paradoxo. Expressando-se, normalmente, no espaço urbano, o fascismo tinha muito pouca ressonância no meio rural. O

<sup>152</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 23 jul. 1936, p. 9.

<sup>153</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 19 jul. 1934, p. 1.

<sup>154</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 30 abr. 1936, p. 2.

<sup>155</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 14 abr. 1938, p. 3.

compromisso e o esforço em associar fascismo e o colono de origem italiana surge, ao que tudo indica, dessa necessidade do fascismo em atingir o público camponês, distante dos meios em que o fascismo, tradicionalmente, manifestava-se.

A seguir, no segundo capítulo deste trabalho, a proposta central será a de analisar as manifestações locais do fascismo perceptíveis através do *Il Giornale dell'Agricoltore*. Identificando na bibliografia as estruturas responsáveis pela difusão do fascismo para além do território italiano, procurar-se-á compreender seu funcionamento, sua abrangência e sua ressonância junto à população local tendo como referência o noticiário vinculado no *Il Giornale dell'Agricoltore* e outros periódicos que circulavam na região serrana do Rio Grande do Sul, especialmente no município de Caxias.

## 2 IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE E AS MANIFESTAÇÕES FASCISTAS LOCAIS

É possível observar, através das páginas do *Il Giornale dell'Agricoltore*, diversos indícios da manifestação fascista na região serrana do Rio Grande do Sul. Com mais ou menos intensidade, percebe-se vestígios da influência do fascismo em meandros da vida civil e política, principalmente no município de Caxias. Ponto importante é a veiculação de notícias, comemorações, festejos e outros tipos de manifestações acerca da movimentação fascista regional ou de pessoas que, de um modo ou de outro, fizessem referência ao fascismo italiano. Tendo por base as atividades do *fascio* Giovanni Cucchiari, realizadas em sua sede, a Sociedade *Principe de Napoli*, é possível, através do periódico, observar como o fascismo manifestou-se na região, quem eram seus membros e a quais atividades estavam ligados.

Tomando por base as características apresentadas por João Fábio Bertonha (2001b) e Rúben Domínguez Méndez (2012) no que tange à rede de propaganda fascista e sua atuação nas comunidades italianas no Brasil, procurar-se-á, através do noticiado no jornal, identificar quais os níveis de atuação de cada uma dessas entidades, sua repercussão e ressonância junto à sociedade, e quais os principais nomes ligados a essas atividades.

Bertonha e Méndez apontam o uso de órgãos de socialização e de centros de difusão cultural como os principais meios utilizados pelo governo fascista a fim de instrumentalizar a coletividade italiana em território estrangeiro, incluindo o Brasil: os *fasci all'estero*, os *Dopolavoro* e as *Casa d'Italia*<sup>156</sup>, inserindo-se também as escolas como espaços de socialização infantil e propagação cultural. Além disso, há a atuação efetiva do corpo diplomático italiano, através de sua rede consular, como parte do esforço em propagandear o regime de Mussolini e regular as ações e os espaços dos italianos no exterior. Veremos como cada um deles é noticiado no *Il Giornale dell'Agricoltore*, podendo assim ter um panorama melhor desenhado das atividades fascistas na região, e principalmente, em Caxias.

---

<sup>156</sup> Apud BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b. p. 87.

## 2.1 OS *FASCI ALL'ESTERO*

Os *fasci all'estero* podem ser definidos como “seções do Partido Nazionale Fascista (PNF) implantadas no exterior para atingir as coletividades italianas emigradas e difundir a ideologia fascista”<sup>157</sup>. De acordo com Emilio Gentile, sua intenção era converter os imigrantes italianos ao fascismo através do controle das associações assistenciais, culturais e sociais já presentes nessas colônias, combater as forças antifascistas presentes entre os próprios italianos no exterior e propagandear uma imagem política e economicamente positiva da Itália fascista para a opinião pública estrangeira.<sup>158</sup>

Os primeiros anos de sua implantação pelo governo fascista foram conflituosos em virtude da resistência por parte das representações diplomáticas italianas anteriormente estabelecidas no exterior. Havia um temor por parte dos diplomatas de que o fascismo adentrasse em uma área considerada então de sua atuação exclusiva, além da possibilidade de atrito que os *fasci* porventura pudessem gerar com os governos estrangeiros. A pressão dos órgãos de diplomacia era para sua extinção, algo que não fazia parte dos planos de Mussolini. O *Duce*, num primeiro momento, resolveu a questão subordinando os *fasci all'estero* ao corpo diplomático, mantendo a estrutura burocrática já existente, e exigindo em contrapartida o apoio dos mesmos às medidas fascistizantes em relação aos emigrantes. Ao mesmo tempo, Mussolini procurava fascistizar, paulatinamente, os diplomatas italianos, promovendo adeptos do regime aos cargos desocupados por tempo de serviço. É possível também, nesse segmento específico, identificar o conflito Estado/Partido que tomou conta dos primeiros anos do governo fascista.<sup>159</sup>

Nesses primeiros anos, a atuação dos *fasci all'estero* se deu inspirada na atuação política dos membros do Partido Fascista na Itália, ou seja, através da ação esquadrista, violenta e carregada de ideologia.

<sup>157</sup> Id. Uma política exterior não estatal? Os *fasci all'estero* e a política externa do Partido Nazionale Fascista, 1919-1943. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 10, p.40-58, dez. 1998b. p. 41.

<sup>158</sup> Apud. MÉNDEZ, Rubén Domínguez. Dos instrumentos en la propaganda exterior del fascismo: emigración y cultura. **Hispania Nova: Revista de Historia Contemporánea**, Madrid, n. 10, p. 238-264, 2012. p. 243-4.

<sup>159</sup> BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b. p. 38-9.

*Durante los años 20 la táctica empleada por parte de los fasci all'estero para obtener el control sobre la comunidad emigrada, estuvo basada em la repetición de las fórmulas violentas del squadristo. Un forma de proceder violenta que buscaba la confrontación con los grupos antifascistas y em la que el fascismo salió perjudicada em quanto al número de militantes muertos o heridos em enfrentamientos directos con colectivos antagónicos, pero beneficiada por la elevación a la categoría de mártires del fascismo em el extranjero a sus caídos.*<sup>160</sup>

Porém, a virada da década apresentou mudanças nesse paradigma, com a incorporação da rede de *fasci* ao Estado fascista, submetidos diretamente ao *Ministero degli Affari Esteri*.<sup>161</sup>

Com as mudanças que vieram a ser postas em prática na década de 1930, a política violenta e truculenta dos *fasci all'estero* fora deixada de lado em favor de atitudes mais sutis, visando a conquista dos italianos em território estrangeiro através de sua fascistização:

A partir, a grosso modo, dos anos 30, os *fasci all'estero*, acomodados dentro das estruturas do Estado fascista, viveram uma fase mais tranquila. De fato, as diretrizes da conquista direta das coletividades italianas do exterior, com ataque frontal aos antifascistas e resistentes, foram substituídas por uma tática mais suave, onde os *fasci all'estero* se tornaram mais abertos e menos intransigentes, ambicionando hegemonizar a vida coletiva dos italianos do exterior (sob a mediação dos Consulados), mas não tomar de assalto as colônias.

Nessa nova tática, os *fasci all'estero* passaram a se dirigir à massa dos imigrantes e procuraram cooptá-la na sua totalidade, se possível, e substituindo os conflitos de rua pela propaganda, atividades assistenciais e culturais e cerimônias de defesa da italianidade e do fascismo.<sup>162</sup>

Como postulado, há uma mudança significativa quanto à atuação política desempenhada pelos *fasci all'estero* sob orientações do governo italiano. Essa “fase mais tranquila” identificada por Bertonha parece ir ao encontro do que foi possível levantar sobre as ações políticas do *fascio* caxiense durante a década de 1930, especialmente no que tange às páginas do *Il Giornale dell'Agricoltore*.<sup>163</sup>

<sup>160</sup> MÉNDEZ, op. cit., p. 246.

<sup>161</sup> Para um maior aprofundamento sobre a formação dos *fasci all'estero* e sua relação com o corpo diplomático e a política externa italiana durante a década de 1920, ver De Carprariis (2000).

<sup>162</sup> BERTONHA, op. cit., p. 42.

<sup>163</sup> Essa mudança no modo de conduzir a política externa italiana e os *fasci all'estero* também aparece identificada por outros autores em outros contextos, como nos Estados Unidos (PRETELLI, 2003, p. 315-6) e na Austrália (BROWN, 2009, p.1).

Não é possível de se determinar, com propriedade e exatidão, uma visão macro da implementação dos *fasci all'estero* em todos os países em que a imigração italiana se fez presente. Seu estabelecimento e sua ressonância junto a essa população não se deram de forma homogênea, mas de acordo com as especificidades e as complexidades políticas, econômicas e culturais de cada país e de cada localidade. Essa ressonância passou também, muitas vezes, por fatores individuais, em que os sujeitos envolvidos com a organização dos *fasci* e com a divulgação da ideologia foram uma variável importante nesse processo.

Não foram encontradas informações sobre a data de fundação do *fascio all'estero* de Caxias, mas é possível encontrar referências de sua atividade já no ano de 1924, quando homenagens à Marcha sobre Roma já eram realizadas.<sup>164</sup> O primeiro *fascio* brasileiro foi fundado em 1923, no Rio de Janeiro, mas o *boom* da organização se dá no ano seguinte, quando 40 novas filiais são contabilizadas ao final do ano.<sup>165</sup> O caso de Caxias parece situar-se nessa grande expansão de 1924, tendo surgido, provavelmente, de forma espontânea. Em 1927, o *fascio* caxiense, juntamente com os *fasci* de Porto Alegre e Pelotas, eram os três únicos em funcionamento no Rio Grande do Sul.<sup>166</sup> Sua atuação, entretanto, parece ter sido muito tímida nesses primeiros anos. Um indício disso é a declaração de Sílvio Toigo, que somente tomou conhecimento do *fascio* em 1933. Dois anos mais tarde, Toigo viria a se tornar regente do núcleo.<sup>167</sup> Como já citado anteriormente, o *fascio* intitulou-se “Giovanni Cucchiari”<sup>168</sup>.

Levando em consideração a falta de referências, inclusive na imprensa, a grupos antifascistas em Caxias durante a década de 1920<sup>169</sup>, é difícil imaginar que o *fascio* caxiense tenha de fato alguma vez atuado nos moldes esquadristas tal qual o Partido Fascista atuava na Itália, mesmo sendo essa a orientação geral do governo

<sup>164</sup> Ata da Sociedade *Principe di Napoli* do dia 26.10.1924, convidando os associados a participarem da cerimônia. In GARDELIN, Mário. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes literárias**. Porto Alegre: EST, 1988. p. 127.

<sup>165</sup> DE CAPRARIIS, Luca. “Fascism for export”? The rise and eclipse of the Fasci Italiani All'Estero’. **Journal of Contemporary History**, [New York], v. 35, n. 2, p. 151-183, 2000. p. 158.

<sup>166</sup> BERTONHA, op. cit., p. 218.

<sup>167</sup> Declaração ao delegado de polícia, datada de 07.10.1944. Apud GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda, 1994. p. 85.

<sup>168</sup> Não foram encontradas nenhuma informação ou referência sobre a figura de Giovanni Cucchiari ou os motivos pelos quais o *fascio* caxiense recebeu essa nomeação. É razoável pensar que Cucchiari foi um ex-combatente italiano ou um adepto que morreu pela causa fascista. Trata-se, porém, de uma suposição.

<sup>169</sup> BERTONHA (2001b, p. 224) cita registros de antifascistas em Passo Fundo, Uruguaiana e Porto Alegre, porém, ainda assim com uma presença muito débil. Para um trabalho mais aprofundado do movimento anifascista no Brasil, e mais especificamente em São Paulo, ver BERTONHA (1999).

italiano às células *fasci* estrangeiras desse período. A presença consistente de antifascistas, ao menos em Caxias, só é possível ser observada apenas nos anos 40, quando o nacionalismo de Vargas já encontra ressonância considerável na região, contando inclusive com manifestações públicas de grupos nacionalistas, como quando da troca do nome da Praça Dante Alighieri para Rui Barbosa, alterando o título de uma personalidade italiana por uma brasileira.<sup>170</sup> Essa substituição foi levada a cabo somente em 1942, mas já era discutida há alguns anos.<sup>171</sup> Há inclusive, em Caxias, manifestações de um grupo intitulado “Italianos Livres”, que, embora não escondessem sua cidadania italiana, faziam questão de apoiar os movimentos nacionalistas na região, expressando sua solidariedade ao Brasil e repudiando o governo de Mussolini. Eram participantes desse grupo inclusive alguns nomes antes ligados diretamente ao *fascio* caxiense.<sup>172</sup>

Algumas atividades do *fascio* caxiense podem ser levantadas nas páginas do *Il Giornale dell’Agricoltore* e da imprensa regional. Em sua maior parte, ligada a festejos de importantes datas italianas e fascistas, das quais, sem dúvida, a mais citada é o aniversário da Marcha sobre Roma, que, pelos indícios, era a ocasião mais proeminente para demonstração do nacionalismo italiano e suporte ao fascismo. As comemorações de aniversário da Marcha sobre Roma davam-se sempre na sede da Sociedade *Principe di Napoli*, o que indica um estreito vínculo entre a mesma e o *fascio* local, o qual será abordado mais adiante.

---

<sup>170</sup> Ver PAGANI, Marcos Fernando. **O nacionalismo na Região Colonial Italiana**. Caxias do Sul: Maneco Livr. & Ed., 2005. p. 87-91.

<sup>171</sup> O próprio periódico traz a questão em novembro de 1938, quando já encontrava-se sediado em Porto Alegre, e com o título de “O Jornal do Agricultor”. Reproduzindo uma coluna do jornal “O Reporter”, também da capital do estado, o autor (não creditado) expõe sua opinião contrária à troca do nome da praça, colocando a questão como preciosismo dos nacionalistas, exaltando Dante Alighieri como um patrimônio cultural não apenas italiano, mas da própria humanidade: “[...] Convenhamos que o nome para o batismo da praça devêra ser então o de uma glória marcante da nacionalidade mas, imposto o de Dante, aceitemo-lo, porque apeá-lo, agora, das placas da referida praça, seria a prática de um atentado à própria cultura em nossa terra. Sejam nacionalistas. Sejam brasileiros. Mas não desprezemos os índices culturais do patrimônio humano. O nome de Dante na praça de Caxias não indica o aprêço desarrazoado pelas coisas estrangeiras. Reflete nele, sim, o nosso aperfeiçoamento cultural, por isto que Dante está, há muito, incorporado como título invulgar, no patrimônio moral que a humanidade acumulou no fio destes séculos de civilização gloriosa.” O Jornal do Agricultor, 16 nov. 1938, p. 7.

<sup>172</sup> GIRON, op. cit., p. 123-4.

Figura 9 - Manifestação nacionalista em frente ao clube Juvenil, Caxias, mai. 1942.



Fonte: Correio Riograndense, 25 nov. 1998, p. 20

A manifestação também possuía caráter antifascista: no cartaz à esquerda, lê-se a sátira:

“Admiras a vida do boi na canga? Seja fascista!”

O aniversário da Marcha sobre Roma, pelos indícios apresentados pelo // *Giornale dell'Agricoltore* e pela imprensa em geral, parece ter sido a maior festividade do *fascio*. Comemorada no dia 28 de outubro de cada ano, foi provavelmente a data mais importante do calendário fascista regional. Também não há condições de se verificar se essa cerimônia foi realizada desde os primeiros anos do *fascio* caxiense, mas o fato é que, em meados da década de 1930, já aparece como uma festividade que merece atenção destacada na imprensa regional, principalmente na imprensa caxiense.

Em 1932 tem-se o registro no periódico *O Jornal* do 10º aniversário da Marcha. Porém, a notícia não deixa claro se houvera festividades na sede fascista. O vinculado n' *O Jornal* é a exibição de um filme, enviado por Mario Carli, então cônsul geral da Itália no Rio Grande do Sul, no Teatro Apollo:

[...] A pelicula italiana foi uma demonstração perfeita do ultimo ano administrativo do Governo de Benito Mussolini, o homem que predispoz o Fascismo para continuar a reger com sua mão de ferro os destinos do povo italiano.

Ao sr. Guido D'Andrèa, regente do vice-consulado da Italia nesta cidade, coube grande parte do sucesso obtido, dada a propaganda que desenvolveu.<sup>173</sup>

A nota sobre o evento é curta, mas já é possível perceber o uso do cinema e de material propagandístico especialmente produzido pelo governo fascista para fins de divulgação. Guido D'Andrèa, alguns anos mais tarde, viria a se tornar um dos principais colaboradores do *Il Giornale dell'Agricoltore*.

As comemorações consistiam, de modo geral, em cerimônias em que discursavam autoridades locais ligadas ao fascismo, exaltando sua história, suas proezas, e o grande benefício que trouxera para a Itália, a qual encontrava-se, segundo o discurso vigente nessas celebrações, entre as grandes civilizações do ocidente em virtude de Mussolini. Ao finalizar, de praxe, cantavam-se os hinos brasileiro e italiano.

A lista de autoridades participantes do evento é relativamente longa, envolvendo indivíduos ligados ao poder executivo municipal, às forças policiais, ao exército, e a outras associações e grupos:

Domingo, 28 do corrente, teve lugar, na Sociedade «Principe di Napoli», a solene comemoração da marcha sobre Roma. Na mesa dos trabalhos, tomaram assento o sr. Cel. Miguel Muratore, prefeito municipal, Tte. Cel. Januário Coelho da Costa, comandante do 9º B. C, tenente Hermeto Silveira, delegado de policia, por si e pelo subchefe, sr. João Abbott Sob., sub-prefeito do 1.º distrito, dr. Celeste Gobbato, vice consul da Itália, srs. Guido D'Andréa, secretario do Fascio Giovanni Berta, Angelo Mazzer, presidente da Sociedade Italiana, e Sylvio Toigo, chefe dos ex-combatentes italianos.<sup>174</sup>

Como é possível perceber, as autoridades participantes da celebração não limitavam-se a indivíduos ligados diretamente ao fascismo, contando inclusive com sobrenomes lusos. A participação de nomes importantes do cenário político local sugere que o evento possuía certo *status* na comunidade caxiense, especialmente entre os membros da elite, incluindo grandes nomes do setor industrial, como Abramo Eberle e Aristides Germani.<sup>175</sup>

<sup>173</sup> *O Jornal*, 30 out. 1932, p. 2.

<sup>174</sup> *O Momento*, 1º nov. 1934, p. 1.

<sup>175</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 12 nov. 1936, p. 6.

Integralistas (ou “camisas-verdes”) também podem ser observados nas festividades.<sup>176</sup> Embora sejam citados apenas de passagem, é um claro indício de que os dois grupos, integralistas e fascistas, conviviam com certa harmonia e sem maiores conflitos.<sup>177</sup> Integrantes do grupo *Dopolavoro*, que tinham Randazzo como diretor, representantes do clero, e ainda uma seção feminina do *fascio*, dirigida por Rosalia Eberle Peroni<sup>178</sup>, são citados pela imprensa. Outros participantes da festividade que podem ser observados são os alunos e professores da Escola Ítalo-Brasileira, e “*todos os membros da indústria e comércio da nossa coletividade*”<sup>179</sup>, um notável exagero, mas que revela a proximidade de, ao menos, parte dos profissionais liberais, comerciantes e indústrias ao *fascio*.

Um dos ápices da celebração da Marcha sobre Roma eram os discursos proferidos por integrantes do *fascio*. Pelo que pode ser observado nos periódicos locais, os discursos eram sempre destacados na imprensa e consistiam basicamente em alusões gloriosas ao fascismo e a Mussolini e enaltecimento a suas obras. Importante sublinhar que, ao mesmo tempo em que a Itália fascista era exaltada, o Brasil não era deixado de lado. Exemplo disso é o discurso de Celeste Gobbato na celebração do 12º Aniversário da Marcha sobre Roma, reproduzido parcialmente pelo periódico *O Momento*:

Dando início à comemoração, o sr. dr. Celeste Gobbato, depois de agradecer às autoridades, aos camisas verde, e aos representantes da imprensa, presentes, leu curto mas vibrante discurso, demonstrando a transformação realizada na Itália pelo fascismo, nos 12 anos em que este se acha no poder.

Sempre interrompido por aplausos, assim o representante do Governo Italiano terminou seu brilhante discurso:

“Somos reconhecidos e gratos a este imenso paiz que nos hospeda e que é o berço de nossos filhos. Reforcemos cada vez mais os laços de fraternidade que nos prendem ao generoso povo gaúcho que nos rodeia e em cujo seio vivemos como em nossa casa. Mas vibremos também em uníssonos com os irmãos de além oceano, na

<sup>176</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 1º nov. 1934, p. 6.

<sup>177</sup> Essa harmonia entre os dois movimentos deu-se, em grande parte, em função da ação de representantes locais da Igreja Católica. “Sobretudo entre os pequenos produtores rurais da zona de imigração italiana, a associação positiva entre fascismo e integralismo feita por parcela do clero rio-grandense, no caso preponderante, a Congregação dos Capuchinhos, produzirá um incremento nas fileiras da AIB. Tal circunstância colabora decisivamente para que esta zona se torne o ponto da mais forte concentração de militantes do novo movimento no Estado sulino.” (BRANDALISE, 2004, p. 336) Sobre o integralismo nas regiões de colonização italiana do Rio Grande do Sul, ver Brandalise (1992), Bertonha (1998a) e Pistorello (2001).

<sup>178</sup> *O Momento*, 1º nov. 1937, p. 1

<sup>179</sup> “[...] *tutti gli appartenenti alla industria ed al commercio della nostra collettività.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 1º nov. 1934, p. 6.

aurora radiante deste XII ano da éra fascista, lembrando que ao generosíssimo sangue da mocidade que se sacrificou para esmagar a hidra do bolchevismo italiano, se deve o desenvolvimento da Revolução do Littorio, que hoje não é mais privilegio e esforço da Itália, mas palavra de ordem e de esperanças do mundo! Permita o destino que as glórias do passado sejam sobrepujadas pelas glórias do porvir! Viva o Brasil! Viva o Rei! Viva a Itália! Viva o Fascismo!”<sup>180</sup>

Como visto, não parece haver contradição em exaltar as duas pátrias, especialmente no período ainda anterior ao nacionalismo estadonovista, quando também as boas relações diplomáticas entre Brasil e Itália ainda mantinham um padrão de cordialidade<sup>181</sup>, rompidas com a declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, em 1942.

Outra pista do conteúdo dos discursos proferidos pode ser observada no // *Giornale dell’Agricoltore*:

O Cav. Dr. Celeste Gobato, vice-consul italiano, reproduziu o discurso pronunciado por Mussolini em 28 de Outubro p p. sendo, ao finalizar, longamente aplaudido. O secretario do Fascio, sr. Silvio Toigo, leu aos presentes a mensagem que o ministro Pietro Parini enviou aos italianos no exterior. Tomou, depois a palavra, o orador oficial Cav. Dr. Romulo Carbone que fez o historico do fascismo, dizendo dos grandes beneficios que ele trouxe para a Peninsula. A oração do dr. Romulo Carbone, frequentemente interrompida pelos aplausos, terminou sob grande ovação ao Brasil e a Italia. Antes de ser encerrada a sessão foi distribuida aos fascistas presentes a carreira relativa ao ano em curso.<sup>182</sup>

Como é possível notar, o *fascio* tinha acesso (possivelmente por intermédio do Consulado), ao menos parcialmente, ao material produzido pelo governo italiano visando os italianos no exterior. Material esse que era, como relatado pelo jornal, reproduzido dentro da própria organização fascista quando das festividades.

Outra atividade em que o *fascio* esteve diretamente envolvido foi quando da celebração da morte de Guglielmo Marconi. Marconi, físico e engenheiro italiano, conhecido mundialmente por desenvolver a telegrafia sem fio, e, mais tarde, diplomata, aderira ao fascismo na década de 1920 e tornara-se um dos grandes expoentes da propaganda fascista, usado como exemplo de patriotismo e genialidade itálica, principalmente entre as coletividades italianas no exterior. Sua

<sup>180</sup> *O Momento*, 1º nov. 1934, p. 1.

<sup>181</sup> CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre o Brasil e a Itália**: o papel da diplomacia. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Istituto Italiano di Cultura, 1992. p. 113.

<sup>182</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 12 nov. 1936, p. 6.

morte resultou em uma grande homenagem, realizada no salão nobre da Sociedade *Principe di Napoli*, “literalmente cheio”<sup>183</sup>. Após inaugurar um retrato de Marconi na sede da Sociedade, Romulo Carbone discursou recordando que “*Marconi foi o grande amigo do fascismo, que era profundamente católico e grande amigo do Brasil*”. Celeste Gobbato, em seguida, “*de acordo com o rito fascista, procedeu ao apelo ‘Guglielmo Marconi’, sendo correspondido por um unânime ‘Presente’.*” No dia seguinte, realizou-se uma missa na catedral de Caxias, com o retrato de Marconi entre as bandeiras brasileira e italiana.<sup>184</sup>

Como é possível observar, além de uma cerimônia de morte qualquer, há um “rito fascista” envolvido quando do falecimento de Marconi. De Caprariis aponta que houve certo esforço por parte do governo italiano em exportar aos italianos no exterior símbolos e cerimônias que marcaram o desenvolvimento do fascismo na Itália como uma “religião secular”. O culto aos “mártires fascistas” caídos foi o principal deles adotado pelos *fasci*, e consistiam basicamente em coreografias e cerimônias para grandes massas.<sup>185</sup> Esses ritos, como é possível notar, também foram reproduzidos, ainda que parcialmente e em menor escala, pelos fascistas de Caxias.

Não há indícios na imprensa local de outras reuniões do *fascio* caxiense. É possível conjecturar que ocorriam encontros entre seus membros com certa periodicidade, mas não há qualquer confirmação disso. Os relatos na imprensa das festividades do *fascio* de Caxias foram possíveis, provavelmente, por serem eventos abertos ao público em geral, ou ao menos aos não adeptos do regime de Mussolini, abertura essa que, possivelmente, não ocorria de forma frequente. Assim, os vestígios que temos das atividades internas dos *fasci* são através dessas celebrações e festividades.

Por outro lado, é razoável pensar, principalmente pela falta de indícios, que as atividades de “extensão” do *fascio* fossem mesmo apenas as festividades relacionadas a efemérides fascistas. Como uma entidade difusora da cultura e da italianidade, relacionando-as ao fascismo, não envolveu-se, aparentemente, em questões políticas regionais, embora muitos dos nomes mais importantes da classe política local fossem membros ativos da organização. Como visto, o que é possível

<sup>183</sup> *O Momento*, 02 ago. 1937, p. 2.

<sup>184</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 29 jul. 1937, p. 3

<sup>185</sup> DE CAPRARIIS, op. cit., p. 163-4.

de ser observado em relação à política é principalmente o que diz respeito à Itália e ao fascismo, com apoio também ao governo de Getúlio Vargas.

Apesar de as atividades dos *fasci all'estero* estarem, em muitos lugares, relacionadas com atividades beneficentes e recreativas, como formação de bandas e excursões ao litoral, onde mantinham colônias de férias<sup>186</sup>, não há relatos na imprensa da ligação dessas atividades com o *fascio* caxiense. Obviamente, isso não indica que essas atividades não tenham sido desenvolvidas, direta ou indiretamente, pela entidade. No Rio Grande do Sul, os fascistas organizaram ao menos três colônias de férias escolares, chamadas de *Campeggio Mussolini*, em Garibaldi, em Belém Novo, Porto Alegre, e na praia do Cassino, Rio Grande, em 1933, 1936 e 1937, respectivamente.<sup>187</sup> É pouco provável que integrantes do *fascio* de Caxias não tivessem participado de ao menos algumas dessas atividades recreativas. O mesmo raciocínio pode ser aplicado em se tratando de atividades beneficentes. Não há vestígios na imprensa, porém Jone Randazzo, esposa de Adolfo, num banquete de comemoração de seu aniversário, é descrita como uma pessoa de “*coração italiano, alma gentil brasileira, que tantas atividades desenvolveu durante os sete anos de sua vida caxiense e tantas obras boas de beneficência e caridade fez em prol dos necessitados e sofredores*”<sup>188</sup>.

A única menção encontrada sobre a quantidade de sócios ao *fascio* caxiense é do ano de 1936, no jornal *O Momento*, que traz o número de 62 filiados.<sup>189</sup> Não há, portanto, como levantar um histórico mais apurado da organização, ou mesmo saber se 1936 foi mesmo o pico do número de membros filiados. Não parece se tratar, porém, de um número muito significativo, especialmente se comparado à população total de Caxias à época, aproximadamente 35 mil habitantes<sup>190</sup>. Ou seja, algo em torno de 0,2% da população caxiense tinha ligação formal com o *fascio*, porcentagem baixíssima num município em que italianos e seus descendentes eram maioria absoluta.

<sup>186</sup> BERTONHA, op. cit., p. 97.

<sup>187</sup> LICHT, Henrique Felipe Bonnet. **Colônias de férias para escolares no Rio Grande do Sul:** subsídios históricos.

<sup>188</sup> “[...] cuore italiano, gentile anima brasiliana, che tanta attività ha svolto durante i sette anni di sua vita caxiense e tante opere buone di beneficenza e carità ha fatto in pró dei bisognosi e dei sofferenti.” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 23 set. 1937, p. 10.

<sup>189</sup> *O Momento*, 16 nov. 1936, p. 3.

<sup>190</sup> Em 1930, a população de Caxias era de cerca de 32 mil habitantes (GIRON; BERGAMASCHI, 2001, p. 146); em 1940, o número já ultrapassava a casa de 40 mil (DE BONI; COSTA, 1984, p. 70).

É ainda necessário relativizar o número de 62 sócios do *fascio* caxiense, pois, como indica João Fábio Bertonha ao relatar o caso de São Paulo, o número total de associados não indica necessariamente que todos aderiam à organização em virtude de suas convicções políticas. Muitos dos que fizeram sua filiação ao *fascio* podem tê-lo feito por simples conveniência, em função dos possíveis benefícios e vantagens oferecidos pela socialização, sem ter havido de fato uma adesão política ao fascismo.<sup>191</sup>

Os pequenos agricultores não aparecem citados pela imprensa, e, ao que tudo indica, sempre estiveram distantes tanto das atividades promovidas pelo *fascio* quanto da participação efetiva dentro da entidade. Afora os participantes dessas atividades serem, como já observado, em sua maior parte industriais, políticos e profissionais liberais, seu raio de ação foi mesmo a zona urbana do município. O *fascio* não parece ter se interessado em promover essas mesmas festividades na região rural e, embora não seja possível negar em definitivo a ligação de agricultores à organização, parece evidente, ao menos pelo viés da imprensa, que os colonos, pequenos proprietários de terra, de maneira geral, estiveram muito distantes de qualquer ação do *fascio*.

A distância dos agricultores das atividades propostas pelo *fascio* talvez seja o principal motivo da veiculação tímida de notícias ligadas à organização no *Il Giornale dell'Agricoltore*. Curiosamente, informações mais detalhadas sobre a entidade podem ser encontradas em outros jornais da cidade, enquanto que no *Il Giornale dell'Agricoltore*, um periódico declaradamente fascista, encontram-se notas breves e simples. Talvez os próprios redatores do jornal vissem um desencontro entre esses dois grupos, não sendo de grande interesse do periódico, mais preocupado em questões de ordem prática dos agricultores, realizar longas publicações sobre o movimento fascista que ocorria em Caxias e na região.

É difícil, metodologicamente, qualificar com precisão a ressonância do *fascio* caxiense no município e na região. Entretanto, este não parece ter exercido, de uma maneira geral, grande influência junto à coletividade italiana. Pouco fez além de promover reuniões e celebrações de datas festivas relativas ao fascismo e à Itália. Ainda que contasse com membros politicamente influentes na cidade, o seu uso

---

<sup>191</sup> BERTONHA, op. cit., p. 102.

para difusão da ideologia fascista parece ter sido irrisório, bem como a adesão formal à entidade.

É importante, porém, salientar, que não apenas a nível regional os *fasci all'estero* não deram o resultado esperado pelos fascistas. Mesmo em São Paulo, onde houve uma atuação mais vigorosa e duradoura da organização fascista, o resultado foi muito aquém do previsto, sem sucesso em angariar sócios ou mesmo em congregar a coletividade italiana em torno dos ideais do fascismo.<sup>192</sup> Se observado ainda de um ponto de vista macro, contemplando o cenário de italianos emigrados a nível mundial, é possível concluir que em nenhum caso o grau de adesão desses italianos no exterior atingiu as cifras esperadas pelo governo italiano, mesmo que ressaltando a heterogeneidade de cada experiência, de acordo com o contexto de cada nação.<sup>193</sup>

Assim, ainda que se constate o empreendimento do *fascio* de Caxias como limitado e de baixa repercussão na comunidade italiana local, não diferiu em muito das módicas experiências dos *fasci all'estero* como um todo, enquanto instituição do governo fascista, tanto a nível nacional quanto mundial.

## 2.2 AS SOCIEDADES ITALIANAS

As sociedades italianas foram alvos do fascismo, desde os primeiros anos, em virtude da influência e do controle sobre socialização dos italianos no exterior que podiam ser exercidos por meio dessas entidades. O objetivo dessa investida era capitalizar essas organizações e seus membros segundo os interesses do governo fascista, promovendo o regime de Mussolini e angariando o apoio das coletividades italianas locais.

O associativismo esteve presente desde os primeiros anos do movimento de imigração italiana no Rio Grande do Sul, sendo um importante elemento na vida do imigrante, que dependia da união entre seus pares, muitas vezes, por uma questão de própria sobrevivência. No sul do Brasil, o relativo isolamento das colônias italianas foi um grande fator de incentivo ao aparecimento de iniciativas associativas

---

<sup>192</sup> BERTONHA, op. cit., p. 102-3.

<sup>193</sup> MÉNDEZ, op. cit., p. 248.

entre esses imigrantes.<sup>194</sup> Fez-se presente, principalmente, na criação de capelas locais (construção de pequenas igrejas e cemitérios em lotes particulares) e nas sociedades de mútuo socorro (com mais de cinquenta delas organizadas até o ano de 1925).<sup>195</sup> A importância dessas associações para os imigrantes pode ser percebida no hábito de, em cerimônias de velórios e enterros, a bandeira da entidade a qual pertencia o falecido acompanhar o féretro.<sup>196</sup>

Algumas sociedades, principalmente relacionadas à Igreja, recebiam denominação de santos ou de algum herói que não havia participado da luta pela unificação italiana (como *Cristoforo Colombo*). Mas a maior parte delas recebia o título de uma personalidade relacionado ao *Risorgimento* ou da Casa Real italiana (*Vittorio Emmanuele, Umberto I, Regina Margherita, Giuseppe Garibaldi*, etc.). Mario Gardelin chama atenção para as implicações políticas que essas nomenclaturas carregavam consigo: “Atrás de todas estas entidades, será preciso recordar a presença invisível, mas atuante daqueles que eram conhecidos como carbonários, garibaldinos e liberais. Todos eles tinham como centro de convergência a unificação italiana.”<sup>197</sup>

Essas sociedades que não estavam sob a égide da Igreja, além da função de prestação de assistência aos sócios, tinham também o objetivo de “manter vivo entre os imigrantes e seus descendentes o sentimento de italianidade”<sup>198</sup>. Para esse fim, eram promovidas comemorações de datas nacionais italianas, à família real e aos heróis da península. Esse projeto de resgatar e/ou desenvolver uma identidade nacional italiana entre os imigrantes não vingou num primeiro momento, principalmente em razão do “próprio conceito de coletividade e aos valores que deveriam embasá-lo, demasiado frágeis e desconhecidos, mesmo na pátria, para permitirem a construção de uma compacidade não formal no exterior”<sup>199</sup>. O apogeu do sentimento de italianidade viria apenas com o fascismo.<sup>200</sup>

<sup>194</sup> TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989. p. 172.

<sup>195</sup> GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vânia. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007. p. 102-3.

<sup>196</sup> DE BONI, Luís A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Riograndense, 1984. p. 180.

<sup>197</sup> GARDELIN, op. cit., p. 96.

<sup>198</sup> POSSAMAI, Paulo César. **“Dall’Italia siamo partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005. p. 95.

<sup>199</sup> TRENTO, op. cit., p. 159.

<sup>200</sup> POSSAMAI, op. cit., p. 228-240.

A principal medida tomada pelo governo fascista em relação às sociedades italianas espalhadas pelo mundo foi a criação das *Casa d'Italia*. Essas instituições surgiram no início dos anos 30 e “representaram o cume dos esforços fascistas para manter as associações italianas sob controle” e foram pensadas como “instrumentos para que o fascismo pudesse complementar sua dominação das coletividades italianas do exterior”<sup>201</sup>. Em alguns lugares, abrigavam também escolas, o *fascio* local, as atividades consulares, o *Dopolavoro*, num esforço para potencializar ao máximo a vida coletiva dos italianos no exterior. Entretanto, sua função primeira dizia respeito às associações.

*[As Casa d'Italia] tenían la aspiración de convertirse en el espacio de sociabilidad que sirviese de referencia a toda la comunidad, de modo que sus salones fueron un punto de encuentro a través de la organización de eventos y celebraciones – formales o informales – relacionadas con el ocio promovido por el dopolavoro.*<sup>202</sup>

Dados do Consulado Italiano de Porto Alegre relativos ao ano de 1940 apontam que havia seis *Casa d'Italia* em atividade no Rio Grande do Sul<sup>203</sup>, e é bastante provável que Caxias também possuísse uma dessas estruturas. No entanto, não foi possível localizar nenhuma instituição com essa nomenclatura na imprensa local ou em qualquer outra documentação. Considerando a existência de um núcleo das *Casa d'Italia* no município pela importância econômica que Caxias já ostentava no Rio Grande do Sul, uma hipótese plausível de ser levantada é a de que a entidade funcionasse sob alguma titulação diferente, ou ainda exercesse suas atividades junto à sede da *Società Principe di Napoli*, como será abordado logo adiante.

O fascismo, de modo geral, fracassara em inserir-se nas associações durante a década de 1920, mas a situação tomou outros contornos já no final da mesma década, e, nos anos 1930, a maioria das associações em São Paulo e no Brasil como um todo já haviam sido, em maior ou menor grau, fascistizadas.<sup>204</sup> É possível que esse padrão tenha se repetido na região serrana do Rio Grande do Sul, mas é importante ressaltar, como observa Loraine Slomp Giron, que a ressonância do fascismo parece ter sido muito maior em sociedades italianas situadas em núcleos

<sup>201</sup> BERTONHA, op. cit., p. 53.

<sup>202</sup> MÉNDEZ, op. cit., p. 250.

<sup>203</sup> Apud BERTONHA, op. cit., p. 162.

<sup>204</sup> BERTONHA, op. cit., p. 151.

urbanos e que contavam com a participação da burguesia local, em detrimento às pequenas entidades fundadas por colonos na zona rural.<sup>205</sup>

Não é objetivo deste trabalho traçar com maiores detalhes a real ressonância do fascismo no seio das sociedades e associações italianas do município de Caxias e região, visto que isso demandaria um estudo específico dessas entidades enquanto um todo. No entanto, pelo viés da imprensa, é possível notar que os ideais de Mussolini parecem ter repercutido com alguma relevância principalmente junto à *Società Italiana di Mutuo Soccorso Principe di Napoli*.

Fundada em 1887, em Caxias, a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Principe di Napoli* tinha dois “objetivos imediatos: 1.º manter alto o prestígio da coletividade italiana e o bom nome da Itália, com o cultivo do sentimento patriótico nos sócios; 2.º prestar aos associados necessitados o socorro material em unidade àquele moral.”<sup>206</sup> Tendo em torno de 400 associados em 1925, sua titulação, “Príncipe de Nápoles”, referia-se à figura de Vittorio Emmanuele III, que exerceu o reinado da Itália entre 1900 e 1946. Tendo sido batizada em reverência a um dos principais nomes da família real italiana, fica evidente a inclinação política voltada à Itália liberal, do *Risorgimento*, da unificação.<sup>207</sup> Sendo comemorados os aniversários da sociedade juntamente com os aniversários do futuro monarca italiano<sup>208</sup>, é provável que essa titulação faça alusão à proximidade da data de fundação da entidade com a data de nascimento de Vittorio Emmanuele III. A entidade era composta, em seu mais alto círculo, pela elite econômica do município, principalmente por comerciantes e industriais. A própria Associação dos Comerciantes, que viria a ter grande peso e influência política na região, foi fundada na sede da *Principe di Napoli*.<sup>209</sup>

A ligação entre a entidade e o fascismo fica evidente ao se analisar a proximidade e a relação estabelecida entre a *Società Principe di Napoli* e o *fascio* caxiense. A partir de 1930, o *fascio all'estero* de Caxias passou a sediar-se na

<sup>205</sup> GIRON, op. cit., p. 106.

<sup>206</sup> “[...] scopi immediati: 1.º mantenere alto il prestigio della collettività italiana ed il buon nome d'Italia, con la coltura del sentimento patriottico nei soci; 2.º prestare agli associati bisogni il soccorso materiale in una a quello morale.” In: CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 2000, p. 376-7.

<sup>207</sup> GARDELIN, op. cit., p. 98.

<sup>208</sup> Por exemplo, como noticiada a comemoração do 48º aniversário da sociedade, juntamente com o aniversário do então Rei da Itália, em *Il Giornale dell'Agricoltore*, 22 nov. 1934, p. 6.

<sup>209</sup> HEREDIA; Vânia Beatriz Merlotti; MACHADO, Maria Abel. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: cem anos de história**. Caxias do Sul: Maneco, 2001. p. 18.

própria sede da Sociedade *Principe di Napoli*, instalando-se no local em uma cerimônia que contou com a presença de Manfredo Chiostrri, cônsul italiano em Porto Alegre.<sup>210</sup> A figura do agente consular nessas celebrações que envolviam, de algum modo, o fascismo, foi uma constante, especialmente nos anos 1930, como será abordado mais adiante.

Estas duas entidades – a Sociedade *Principe di Napoli* e o *fascio all'estero* caxiense – aparecem tão atreladas em suas atividades que, muitas vezes, quando num mesmo espaço, confundem-se a ponto de não parecer haver distinção entre elas. Exemplo claro disso são as comemorações da Marcha sobre Roma do ano de 1937, celebradas na sede da sociedade – e também sede do *fascio* –, que ocorrem na mesma data e local da eleição da nova diretoria da *Principe di Napoli*. Ambas são noticiadas pelo *Il Giornale dell'Agricoltore*<sup>211</sup> de forma separada, mas o fato de as atividades terem acontecido na mesma data e local, provavelmente uma sucedendo a outra, e haver diversos participantes em comum entre ambas, parece indicar uma certa continuidade entre uma e outra entidade, não havendo, ao que tudo indica, uma diferenciação muito clara entre a sociedade *Principe di Napoli* e o *fascio* caxiense. Ao menos durante o período de meados da década de 1930, fica evidente a aproximação entre as duas entidades.

Típico na Sociedade *Principe di Napoli* foram as comemorações de algumas efemérides fascistas. Além das já mencionadas celebrações da Marcha sobre Roma, data de maior destaque do *fascio all'estero* de Caxias, outros datas fascistas eram comemoradas, de acordo com o calendário italiano de festas. Segundo o estatuto da sociedade, são consideradas festivas, devendo ser hasteadas as bandeiras italiana e brasileira, as seguintes datas:

11 de Fevereiro (Concordato<sup>212</sup>)

23 de Março (Fundação do Partido Fascista)

21 de Abril (Festa do trabalho<sup>213</sup> e Fundação de Roma<sup>214</sup>)

24 de Maio (Entrada da Itália na guerra)

1º Domingo de Junho (Festa do Estatuto<sup>215</sup>)

<sup>210</sup> Ata da Sociedade *Principe di Napoli* do dia 04.04.1930. In: GARDELIN, op. cit., p. 131.

<sup>211</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 04 nov. 1937, p. 8.

<sup>212</sup> Pactos lateranenses firmados entre a Santa Sé e o governo fascista, em 1929, dentre os quais o Tratado de Latrão.

<sup>213</sup> Substituiu o tradicional 1º de Maio durante o vintênio fascista.

<sup>214</sup> *Natale di Roma*.

- 7 de Setembro (Independência do Brasil)  
 20 de Setembro (Tomada de Roma<sup>216</sup>)  
 28 de Outubro (Marcha sobre Roma)  
 4 de Novembro (Vittorio Veneto<sup>217</sup>)  
 11 de Novembro (Aniversário da *Società Principe di Napoli* e aniversário do Rei da Itália)  
 15 de Novembro (Proclamação da República Brasileira)<sup>218</sup>

Como é possível observar, ao menos três dessas datas acima listadas têm relação direta com o fascismo. Também a Independência do Brasil e a Proclamação da República eram celebradas, demonstrando não haver contradição, ao menos para os fascistas, em exaltar ambas as pátrias brasileira e italiana.

No entanto, as datas fascistas comemoradas pela Sociedade *Principe di Napoli*, por maior indício de devoção ao regime de Mussolini que possam aparentar, devem ser relativizadas. Como apresentado acima, o hábito de comemorar feriados e datas festivas da Itália já existia nas sociedades italianas, mesmo antes do fascismo. Assim, falando do caso específico da *Principe di Napoli*, mais do que uma fascistização propriamente dita, o que parece haver é apenas uma continuidade em relação ao já praticado antes. O elemento novo aqui parece ser mesmo associação direta e causal entre fascismo e italianidade, onde um não pode aparecer desassociado de outro, uma das principais características da ação de Mussolini para com os italianos no exterior.

Um outro indício da ligação da associação ao fascismo pode ser observado na doação de um busto de Mussolini à sociedade. O ato foi realizado pelo então prefeito municipal, Miguel Muratore, em correspondência oficial publicada no jornal *O Momento*:

Ilmo. sr. Presidente da Società Italiana di Mutuo Soccorso Principe di Napoli. Nesta Cidade.

Ocorrendo a 11 do corrente o aniversario de S. M. Victor Emmanuele, Rei da Italia e em reconhecimento ao Decreto de S. M., de 23 de Julho de 1932, pelo qual, por proposta do insigne Chefe do Governo, Benito Mussolini, fui nomeado Uff., no Elenco dos Uff. no estrangeiro, como faculdade de usar o distintivo do grau, tenho a

<sup>215</sup> Festa tradicional da monarquia italiana.

<sup>216</sup> Tomada de Roma pelas tropas do Reino da Itália, decretando a unificação italiana.

<sup>217</sup> Batalha de Vittorio Veneto, que determinou a derrocada do exército austro-húngaro e decretou o final da Primeira Guerra Mundial na frente italiana.

<sup>218</sup> SOCIETÀ ITALIANA DI MUTUO SOCORRO PRÍNCIPE DI NAPOLI. **Statuto della Società Italiana di M. S. Principe di Napoli**. Caxias do Sul, RS: [s.n.], [1933]. p. 14-5.

maxima satisfação em ofertar a essa distinta e util Sociedade um busto de Benito Mussolini.

Saúde e fraternidade. Miguel Muratore, prefeito.<sup>219</sup>

Não foram localizadas informações complementares sobre esse episódio, e não é possível concluir se a doação realizada por Muratore foi de caráter particular ou institucional, representando o poder público, na figura de prefeito. De qualquer forma, é possível perceber a relação estreita entre a movimentação fascista em Caxias, encabeçada por importantes nomes da política local, o *fascio* e a Sociedade *Principe di Napoli*.

Figura 10 - Membros do *fascio* em frente à sede da Sociedade *Principe di Napoli*



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, coleção Studio Geremia, GER(REP)179.

<sup>219</sup> *O Momento*, 21 nov. 1935, p. 2.

Outras cerimônias em que a temática fascista estava envolvida também parecem ter a sede da sociedade como lugar de celebração, como no caso da homenagem prestada a Italo Balbo em razão de sua façanha aérea, cruzando o Oceano Atlântico. Em longa reportagem publicada no periódico *O Momento*<sup>220</sup>, pode-se observar a inauguração do retrato de Balbo, missa solene, sessão cívica no Teatro Central, “*perante uma assistência calculada em cerca de duas mil pessoas*”, e, finalmente, um baile de encerramento do longo dia de festividades, que tomou lugar na sede da associação.

O fato de a Sociedade *Principe di Napoli* sediar o *fascio* caxiense, uma escola de língua italiana – do idioma italiano padrão, não o dialeto –, receber uma doação do busto de Mussolini pelo prefeito municipal, e, ao que tudo indica, ainda ser um ponto de referência para outras sociedades e associações quando de discussões políticas ou de eventos sociais sobre o fascismo, podem ser considerados indícios consistentes de que a *Casa d'Italia* de Caxias era, de fato, a sede da *Principe di Napoli*. Como já citado anteriormente, embora não tenham sido localizados registros em que o termo *Casa d'Italia* apareça, é razoável pensar que essa estrutura existia no município, e que exercesse suas funções na sede da sociedade, dado seu papel central quando observadas as movimentações fascistas em Caxias e mesmo na região.

Entretanto, essa inserção política do fascismo na sociedade *Principe di Napoli* precisa ser relativizada, e a afirmação de Giron de que, em 1937, quando a fascistização das sociedades italianas da região estaria completa, “não parecia haver mais distinção entre fascistas e associados das sociedades de Mútuo Socorro”<sup>221</sup>, parece um pouco exagerada. Primeiramente, porque não há indícios, ao menos a partir do viés da imprensa regional, que demonstrem que outras sociedades da região tenham sofrido o mesmo grau de influência que o fascismo exerceu na *Principe di Napoli*. Longe de ter sido regra, a Sociedade *Principe di Napoli* parece ter sido exceção única no que tange à internalização do fascismo nessas associações. Não uma exceção qualquer, pelo prestígio e influência de seus associados e pela relevância histórica da associação no município, mas ainda assim, uma exceção. Ao se considerar as associações presentes na zona rural,

---

<sup>220</sup> *O Momento*, 28 ago. 1933, p. 2.

<sup>221</sup> GIRON, op. cit., p. 108.

muito mais acessíveis e presentes no cotidiano dos colonos, a ausência de qualquer vestígio da ação fascista nessas organizações parece indicar uma influência praticamente nula do fascismo, principalmente do ponto de vista político.

O segundo ponto em que faz-se necessário um olhar mais cuidadoso é quando se relaciona diretamente os associados da Sociedade *Principe di Napoli* ao fascismo, subentendendo que todos, ao menos do período em questão, eram adeptos ao fascismo. Esse argumento é de difícil sustentação na medida que se compara o número de sócios da sociedade e do *fascio* caxiense. Enquanto a primeira entidade possuía cerca de 400 associados, o *fascio* contava com apenas 62<sup>222</sup>, ocorrendo aí uma desproporção considerável.

Nesse sentido, tudo leva a crer que o fascismo celebrado pela associação parece ter sido muito mais uma consequência da tradição do cultivo do sentimento patriótico entre os associados, objetivo previsto desde a fundação da Sociedade *Principe di Napoli*, do que de fato uma identificação política com os ideais de Mussolini. O ponto chave para a questão, assim, parece ser a relação entre italianidade e fascismo estabelecida por Mussolini.

### 2.3 DOPOLAVORO

A *Opera Nazionale Dopolavoro* foi mais um instrumento do fascismo na tentativa de controle da vida social dos italianos no exterior. A própria nomenclatura da entidade deixa facilmente transparecer esse objetivo: *Dopolavoro*, numa tradução literal, significa “depois do trabalho”, local ou atividade de referência fora do ambiente de trabalho. Assim, era possível afastar os trabalhadores de ambientes considerados inapropriados tanto do ponto de vista da saúde física, quanto da moral e da política, aumentando a tutela do Estado fascista sobre esses indivíduos. As atividades desenvolvidas pelo *Dopolavoro* consistiam basicamente em três frentes: no teatro amador (onde desenvolveram-se também atividades culturais como recitais de poesias), atividades recreativas (tardes dançantes) e práticas esportivas (basquete, futebol, bocha, excursões, ciclismo, motociclismo, atletismo).<sup>223</sup>

<sup>222</sup> Dados referentes aos anos de 1925 e 1936, respectivamente, conforme abordado anteriormente no texto.

<sup>223</sup> TRENTO, op. cit., p. 341.

No entanto, mais do que organizar o tempo ocioso dos italianos, os *Dopolavoro* intencionavam também outros objetivos menos explícitos: evitar a antipatia das autoridades e da opinião pública locais, direcionando o tempo livre dos trabalhadores para que não se envolvessem em atividades consideradas subversivas; educar os italianos para as leis e instituições do país no qual residem; fomentar o culto à língua, à religião, às tradições e à memória do passado italiano; promover atividades assistencialistas de cunho social, intelectual, higiênico ou econômico, de acordo com as necessidades locais; buscar financiamento para o *Dopolavoro* nos membros mais destacados da sociedade local.<sup>224</sup>

No Brasil, a entidade surgiu no final da década de 1920 e início de 1930, no Rio de Janeiro (1929) e em São Paulo (1931).<sup>225</sup>

[...] o objetivo-chave dos *Dopolavoro* no Brasil era impedir a absorção completa dos italianos na sociedade brasileira, de forma que estes pudessem servir para a promoção dos interesses italianos no país. Nesse esforço, as atividades dos *Dopolavoro* se centraram na assistência social e na difusão do esporte e da cultura, no que eram apoiados [...] pelos *fasci all'estero*, pela rede consular e outras associações sob o controle fascista.<sup>226</sup>

Em Caxias, ao que tudo indica, o *Dopolavoro* organizou-se a partir de 1934. Diferentemente dos *Dopolavoro* das principais cidades do país, a entidade caxiense não parece ter oferecido uma gama muito variada de atividades. Na verdade, a única atividade a qual é possível relacionar o *Dopolavoro* caxiense é ao teatro amador. Essas atividades teatrais baseavam-se em espetáculos de entretenimento acompanhados inclusive por uma pequena orquestra, mas também, e principalmente, a apresentações de cunho beneficente, com o objetivo de levantar fundos para diversas entidades, como orfanatos, hospitais e construção de igrejas, e a benefícios mais direcionados a grupos necessitados, especialmente operários pobres e doentes.

A primeira apresentação do grupo teatral localizada na imprensa data do início de 1934<sup>227</sup>, e já demonstra o caráter beneficente que algumas de suas apresentações tomaram. Abaixo, é possível conferir a divulgação da peça, o elenco de atores e a entidade a qual serão destinados os fundos arrecadados:

<sup>224</sup> MÉNDEZ, op. cit., p. 251-2.

<sup>225</sup> BERTONHA, op. cit., p. 107.

<sup>226</sup> Ibid., p. 108.

<sup>227</sup> *O Momento*, 15 jan. 1934, p. 6.

Figura 11 - Uma das primeiras apresentações teatrais do *Dopolavoro* Caxiense.

**Espectaculo em Beneficio do  
Orfanato Sta. Terezinha**

**Cine-Teatro Central**

**Brevemente**

O Grupo Dramatico "DOPOLAVORO" levará á cena a interessante Comedia em 3 atos, de Sabatino Lopes intitulada "MARIA E MARIA", com o elenco seguinte:

**INTERPRETES**

Mario e Maria.....	Sra. Yone Randazzo
Baronessa Krublich.....	Sta. Hermina Pauletti
Lucietta-cameriera.....	Sta. Natalia Benetti
Barone di Krublich.....	Ettore Montagutti
Ettore Frecci.....	Adolfo Randazzo
Adolfo Pravedon.....	Giovani Cosner
Pittor Tomiotti.....	Silvio Da Ré
Scultor Dainelli.....	Julio Gremo
Pittor Romiatto.....	Carlos Dal Corso
Um piccolo violinista.....	Manlio Randazzo
Um servo negro.....	Manuel Lino

A ação passa-se em Veneza—em casa de Maria. Atualidade.—Durante os intervalos se fará ouvir bem afinada orchestra sob a batuta do Professor Morini.

Fonte: Caxias-Jornal, 24 jan. 1934, p. 2.

Ainda em 1934, o grupo apresentou-se em Caxias com finalidade declaradamente filantrópica em benefício ao sanatório local<sup>228</sup>, e em Nova Vicenza (Farroupilha), a fim de levantar fundos para a construção da catedral (hoje Igreja Matriz) do então distrito caxiense.<sup>229</sup> Já em 1935, o grupo apresentou-se "em benefício de operários tuberculosos e operários pobres doentes".<sup>230</sup>

O *Dopolavoro* de Caxias parece ter sido uma entidade muito associada à caridade e a atividades beneficentes a ponto de se tornar uma das referências a quem buscava apoio de organizações desse caráter. Em carta enviada a Adolfo

<sup>228</sup> Sanatório de Belém. *Il Giornale dell'Agricoltore*, 15 nov. 1934, p. 8.

<sup>229</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 25 out. 1934, p. 6; 8 nov. 1934, p. 3.

<sup>230</sup> "[...] a beneficio degli operai tubercolotici ed operai poveri ammalati." *Il Giornale dell'Agricoltore*, 14 fev. 1935, p. 10.

Randazzo, diretor do *Dopolavoro* caxiense, e reproduzida no *Il Giornale dell'Agricoltore*, o representante da associação do bairro Rio Branco, também de Caxias, pede o apoio ao grupo para ajudar famílias necessitadas, especialmente as com indivíduos portadores de doenças como tuberculose, residentes no bairro:

Prezado Senhor

Confiante na philantropia caracteristica da Italica raça, dirijo-me a Va. Sa. neste officio para expor o seguinte:

Muitas familias pobres do Bairro Rio Branco, desta cidade, sofrem intensamente da tuberculose e outras doenças, sem que pouco ou nada se faça para aliviar suas dores e privações.

Nesta angustiosa situação, veio me a lembrança o Grupo Dramatico Dopolavoro, do qual vos sois Director. Composto de Amadores e todos membros de familias distintas e caridosas desta cidade, elles, por certo não se negariam em leva a scena novamente "IL VERO RINNEGATO", peça que tanto sucesso alcançou no Theatro Central e que tão brilhantemente foi interpretada.

No Bairro Rio Branco, poucos tiveram a ventura de assisti-la e, deste modo, praticando um acto de elevada caridade christã, teriam a oportunidade de admirar o Drama de Angelo Paglieri.

Supplico-vos em nome da pobreza soffredora em ascender este meu pedido, e, podeis estar certo que Deus em sua bondade infinita vos recompensará.

A peça seria representada em nosso Bairro, no Club Rio Branco que, para este fim, seria transformado em Theatro. O dia será pre-estabelecido por V. S. como Director do Dopolavoro.

Confiante, repito, na philantropia da Italica raça, espero ancioso a resposta de V. S.

Antonio Rossi

Presidente dos Conferenciais S. Pellegrino.<sup>231</sup>

A atividade é realizada, aparentemente, conforme o solicitado na carta de Antonio Rossi.<sup>232</sup> Porém, o mais interessante é que parece evidente o reconhecimento do grupo *Dopolavoro* enquanto uma entidade atuando para fins filantrópicos e associada à "itálica raça".

Figuras centrais do *Dopolavoro* caxiense foram Adolfo Randazzo e sua esposa, Jone. Adolfo aparece como diretor do grupo que, provavelmente, foi fundado por sua iniciativa, e também como autor de algumas peças encenadas<sup>233</sup>. Jone aparece com papéis de destaque, ou mesmo como protagonista, em várias encenações. Além disso, é possível observar sua relação com o grupo na comemoração de seu aniversário, realizado no Clube Juvenil, juntamente com os

<sup>231</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 30 ago. 1934, p. 4.

<sup>232</sup> *O Momento*, 30 ago. 1934, p. 6.

<sup>233</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 16 ago. 1934, p. 4.

integrantes do *Dopolavoro*. Na ocasião, além do almoço, uma orquestra animou a festa, e canções como a *Giovinezza* foram entoadas por todos.<sup>234</sup> Assim, o casal Adolfo e Jone Randazzo parecem ter sido os principais coordenadores do *Dopolavoro* caxiense.

Ao longo do ano de 1934 e nos primeiros meses de 1935, cerca de dez apresentações do *Dopolavoro* caxiense puderam ser rastreadas na imprensa. Apesar de não ser uma informação definitiva, é provável que o número real de apresentações não destoe muito disso. Nesse interim, ao menos cinco peças foram encenadas: “*Mario e Maria*”, de Sabatino Lopez; “*Il vero rinnegato*”, de Angelo Paglieri; “*A me non me la fanno*” e “*Dieci personaggi in cerca di Laurentin*”, de Adolfo Randazzo; e “*Scampolo*”, de Dario Niccodemi. Em sua maior parte, tratavam-se de comédias. Lopez e Niccodemi são, inclusive, nomes conhecidos do teatro italiano. Apesar de Giron postular a atuação do *Dopolavoro* caxiense entre 1934 e 1938<sup>235</sup>, após o ano de 1935 não foram encontrados mais registros de atividades do grupo.

Diante disso, cabe a pergunta: houve divulgação ou propaganda fascista nas atividades levadas a cabo pelo *Dopolavoro* caxiense?

As obras encenadas, ao que tudo indica, não faziam apologia direta ao fascismo, e provavelmente nem mesmo o grupo *Dopolavoro* o fazia. No entanto, como observa João Fabio Bertonha, suas atividades não podem ser consideradas apolíticas pela ideologia fascista que as perpassava.<sup>236</sup> Nesse sentido, ainda que de forma não explícita, os *Dopolavoro* serviram como instrumento de propaganda política do fascismo, e o caso caxiense não parece ter sido diferente.

No Rio de Janeiro e em São Paulo, a atuação sutil da propaganda dos *Dopolavoro* e a efetiva atração de suas atividades exerceram resultado em um grande número de pessoas, contribuindo para que o número de adesões aos *fasci all'estero* aumentasse.<sup>237</sup> No caso específico de Caxias, embora os números sobre a adesão ao *fascio all'estero* local sejam desconhecidos, e apesar da gama limitada de atividades oferecidas, é possível conjecturar, baseando-se na quantidade de apresentações e no alcance significativo das mesmas, que o *Dopolavoro* de Caxias obteve certa ressonância junto à população em geral, especialmente pelas atividades de caráter beneficente que desenvolveu.

<sup>234</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 27 set. 1934, p. 4.

<sup>235</sup> GIRON, op. cit., p. 112.

<sup>236</sup> BERTONHA, op. cit., p. 111.

<sup>237</sup> BERTONHA, loc. cit.

Como observa Angelo Trento, o *Dopolavoro* foi a instituição que mais influenciou na construção do “consenso” em torno do fascismo junto à coletividade italiana pela socialização política das classes populares.<sup>238</sup> Ao comparar a atuação do *Dopolavoro* caxiense com a do *fascio all'estero*, pode-se observar como as atividades desenvolvidas pelo grupo prezaram por um alcance muito maior, inclusive atuando em bairros e distritos de Caxias, não restringindo-se ao centro urbano, como pareceu ser o caso do *fascio*. Assim, apesar do conteúdo político menos explícito e da propaganda mais sutil do fascismo, o *Dopolavoro*, ao que tudo indica, teve um papel relevante na divulgação do fascismo entre a população, sendo, provavelmente, um dos grandes responsáveis pela “simpatia” generalizada que o regime de Mussolini gozou entre os italianos e seus descendentes na região.<sup>239</sup>

## 2.4 ESCOLAS

As escolas italianas gestadas pelo Estado fascista foram pensadas com dupla função: como um instrumento de propaganda da cultura italiana e do regime fascista, e também como elemento importante no controle da sociabilidade dos italianos no exterior.<sup>240</sup> De acordo com Jürgen Charnitzky, o fenômeno de fascistização do ensino se dava em três níveis: no controle dos docentes, na integração dos alunos nas organizações juvenis e na ideologização dos programas didáticos.<sup>241</sup> Fora da Itália, esse processo se realizou com a supervisão de representantes diplomáticos e do *fasci all'estero*. Apesar da investida de Mussolini na fascistização das escolas no exterior ter início já em 1922, a iniciativa não era totalmente inovadora, uma vez que a tentativa de influência por parte do Estado italiano no ensino das escolas étnicas já havia sido desenvolvida nos governos liberais anteriores ao fascismo.

A preocupação dos governos liberais italianos na difusão da cultura peninsular foi constante e já podia ser observada em outros foros, como na imprensa e nas sociedades italianas. Porém, essas vias encontravam obstáculos difíceis de transpor no caso brasileiro, como observa Angelo Trento:

---

<sup>238</sup> TRENTO, op. cit., p. 340.

<sup>239</sup> GIRON, op. cit., p. 83-4.

<sup>240</sup> MÉNDEZ, op. cit., p. 253.

<sup>241</sup> Apud MÉNDEZ, op. cit., p. 254.

[...] as próprias características da emigração peninsular, em sua grande maioria camponesa e analfabeta, e sua distribuição pelo território, com o conseqüente isolamento tanto nos núcleos coloniais quanto nas fazendas, impediam que intentos de emancipação cultural e de ligação intelectual com a Itália brotassem espontaneamente em seu seio. Também o trabalhador urbano, duramente empenhado em sua luta pela sobrevivência ou freneticamente absorvido pela necessidade de poupar, não representava um terreno fértil para iniciativas que não fossem de mútuo socorro e de beneficência.<sup>242</sup>

Assim, a defesa e a propagação da italianidade acabaram sendo confiadas também às escolas primárias, apesar de sua efemeridade.

Na serra gaúcha, essas escolas surgiram ainda no século XIX na zona rural, pela iniciativa das próprias comunidades, e na zona urbana, resultado do empreendimento das sociedades de mútuo socorro. A iniciativa de difusão da italianidade por essas escolas partiu, principalmente, dos agentes consulares e das próprias sociedades de mútuo socorro, que, em sua grande parte, já possuíam certo cunho nacionalista identificado com os valores da nova pátria liberal. Puderam contar, em alguns períodos, com remessas de material didático do governo italiano.<sup>243</sup> Um exemplo dos conteúdos programáticos abordados nessas escolas étnicas pode ser observado na própria imprensa local:

Sociedade Operária de M. S. P. de Nápoles  
 A Sociedade traz ao conhecimento dos sócios e dos habitantes de Caxias Che no dia 8 de agosto próximo será aberta a Escola Masculina, dirigida pelo Prof. Cav. Umberto Ancarini.  
 O ensinamento na dita escola será de grau inferior e superior compreenderá das seguintes matérias:  
 Língua italiana, portuguesa e francesa - História Italiana e Brasileira - Geografia - Matemática - Geometria - Desenho - Caligrafia - Canto - Ginástica e exercícios militares.  
 A taxa mensal a pagar-se é a seguinte:  
 1ª. Classe Elementar - Rs. 1\$500 por filho dos sócios e 2\$ para os não sócios.  
 2ª. Classe Elementar - Rs. 1\$500 idem idem idem.  
 3ª. Classe Elementar - Rs. 2\$000 por filho dos sócios e 2\$500 para os não sócios.  
 CURSO SUPERIOR - Preços a serem combinados com os pais segundo o curso.

<sup>242</sup> TRENTO, op. cit., p. 177.

<sup>243</sup> LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Educação e etnia: as efêmeras escolas étnico-comunitárias italianas pelo olhar dos cônsules e agentes consulares. **História da Educação**, Pelotas, v. 14, n. 30, p.227-258, jan/abr, 2010, p. 229-233.

Quanto antes, será aberto um Curso Noturno para os adultos com ensino das seguintes matérias: língua italiana, gramática, aritmética e caligrafia.

A taxa mensal pelo ensinamento, que será ensinado três vezes por semana, em dias que serão combinados, é de Rs. 2\$000; e para aqueles que desejam também aprender Desenho, a taxa será de Rs. 3\$000.

As inscrições são recebidas todos os dias pelo Secretário da Sociedade.

Caxias, 26 de julho de 1904.

Giuseppe Chiaradia - Presidente.

Mario Marsiay - Secretário.<sup>244</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, no entanto, essas escolas entram num progressivo processo de fechamento. Terciane Luchese e Lúcio Kreutz apontam os motivos:

Isso ocorreu pela dificuldade dos pais manterem o investimento (em especial pelo elevado número de filhos), pelo crescimento de ofertas de escolas de outras modalidades ou pela própria desistência do professor mediante as parcas remunerações (o que por vezes era feito em espécie – feijão, trigo, milho...) e, também, por opção dos imigrantes pela escola pública.<sup>245</sup>

Quando da ascensão ao poder do partido fascista na Itália, na década de 1920, essas escolas étnicas italianas já encontram-se em “vias de extinção, sendo mal vistas pelo governo estadual e mal assistidas pelo governo italiano”<sup>246</sup>.

É importante salientar que esse fenômeno de decadência das escolas étnicas italianas não ocorreu somente no Rio Grande do Sul, mas parece ter sido tendência no país inteiro. Segundo dados levantados por João Fábio Bertonha, o auge de alunos matriculados nessas escolas se dá em 1913. Após, há um declínio contínuo nesses números que acentua-se ainda mais durante a década de 1930. Os esforços do governo fascista não parecem ter sido capazes de deter esse processo de decadência.

<sup>244</sup> O Cosmopolita, 31 jul. 1904, p. 3. Apud LUCHESE, Terciane Ângela. Singularidades na história da educação brasileira: As escolas comunitárias étnicas entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (final do século XIX e início do XX)1. **Cuadernos Interculturales**, Valparaíso, v. 11, n. 6, p.72-89, 2008, p. 83.

<sup>245</sup> LUCHESE; KREUTZ, op. cit., p. 255.

<sup>246</sup> GIRON, Loraine Slomp. Colônia italiana e educação. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 2, n. 4, p.86-106, 1998, p. 92.

Quadro 1: Escolas italianas no Brasil e número de alunos matriculados

1908	1911	1913	1924	1928	1930	1940
232	303	396	329	310	167	18
(13.656)	(16.295)	(23.323)	(18.940)	(17.000)	(13.821)	(3.568)

Fonte: BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto

Alegre: EDIPUCRS, 2001b, p. 146.

É, portanto, nesse cenário já restrito e desfavorável às escolas étnicas italianas, não só da região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, mas de todo o Brasil, que o fascismo faz sua tímida investida.

Nas páginas do *Il Giornale dell'Agricoltore* é possível identificar a relação do fascismo com a educação na Escola Ítalo-Brasileira, também chamada de Escola Príncipe de Piemonte. Localizava-se no mesmo edifício onde estava instalada a Escola Complementar, na Rua Pinheiro Machado, nº 2295, em Caxias.<sup>247</sup> A instituição aparece ligada, muitas vezes, à Sociedade *Principe di Napoli*, exercendo parte de suas atividades em sua sede. É importante lembrar que a Sociedade *Principe di Napoli* já gerenciava uma escola própria há décadas. Porém, a fundação da Escola Ítalo-Brasileira parece estar mais atrelada à iniciativa de dispor ao Estado fascista italiano uma instituição de ensino deliberadamente ligada ao fascismo e ideologicamente orientada por ele. A presença constante de agentes consulares em festividades da escola sugere também ligação com o consulado italiano de Porto Alegre, sendo, ao que tudo indica, a Escola Ítalo-Brasileira o estabelecimento de ensino de Caxias sob tutoria do órgão consular mencionado pelo encarregado dos serviços de nacionalização, em relatório a Coelho de Souza, então secretário estadual da educação, em 1939.<sup>248</sup>

A inauguração da escola se dá no dia 23 de agosto de 1936:

A Escola Italo-Brasileira  
Inaugurou-se, domingo, este estabelecimento de Ensino  
Perante o mundo oficial de Caxias e da elite social, realizou-se,  
domingo ultimo, a cerimonia de inauguração do <<Colegio Italo-  
Brasileiro>>, insituição de ensino primario graças ao nobre interesse  
do sr. Consul Geral da Italia, acreditado junto ao nosso governo,

<sup>247</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 20 ago. 1936, p. 5.

<sup>248</sup> Apud LUCHESE, Terciane Ângela. Difundindo ideais fascistas através de manuais didáticos: os 'italianos no exterior' e suas escolas (1922 – 1938). In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH**, 27., 2013, Natal. Anais... [natal]: ANPUH, 2013. p. 13.

Comendador Guglielmo Barbarisi que secundado de um punhado de cidadãos presenteou esta cidade com esse estabelecimento, tão significativo para as duas Patrias amigas.

[...]

Cortou a fita simbolisante do acto inaugural a exma sra d. Rosalia Eberle Perrone, falando apòs, com muita precisão o dr. Romulo Carbone, que proferiu patriotico improviso, entrecortado, seguidamente, de justos e merecidos aplausos.<sup>249</sup>

Após o cerimonial, o banquete foi realizado no salão de honra da Sociedade *Principe di Napoli*.

Como mostra a notícia, a escola foi um estabelecimento de ensino primário, voltado apenas para a educação inicial, característica da maior parte das escolas étnicas italianas da região. Depoimentos colhidos por Loraine Slomp Giron<sup>250</sup> indicam que o ensino, além de ser voltado à língua italiana, procurava abarcar também cantos, símbolos e ideologias fascistas. Os conteúdos ensinados poderiam ser facilmente considerados impróprios à realidade local, pois somente aprendia-se a história e a geografia da Itália, bem como noções de disciplina, hierarquia e culto ao fascismo. O objetivo do ensino estava voltado quase que totalmente ao viés ideológico. O material didático utilizado era proveniente da Itália e produzido pelo próprio governo de Mussolini, com a finalidade explícita de divulgação de valores e ideais fascistas.<sup>251</sup>

Outras atividades desenvolvidas na escola podem ser percebidas através do noticiário envolvendo a visita do agente consular Magno Santovincenzo à instituição. Além de cantarem os hinos brasileiro e *Giovinezza*, os alunos da escola recitaram poemas de própria autoria, como “*Il pane di Mussolini*” e “*Qual'è la Patria dell'Italiano?*”. A visita deu-se em função ao fechamento do curso de língua italiana e à inauguração e batizado de duas salas de aula, que passaram a intitular-se “*Abramo Eberle*” e “*Rev. D. Oreste Valletta*”, “*como reconhecimento das generosas ofertas feitas à escola*”<sup>252</sup>. Em sua fala, o representante consular frisou aos estudantes que “*devem sempre amar o Brasil e a Itália, as duas Nações Amigas de*

<sup>249</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 27 ago. 1936, p. 5.

<sup>250</sup> GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parland, 1994, p. 101-102.

<sup>251</sup> Para uma leitura mais aprofundada do conteúdo dos livros didáticos fascistas, ver LUCHESE (2013).

<sup>252</sup> “[...] *come riconoscenza delle generose offerte fatte alla scuola*”. *Il Giornale dell'Agricoltore*, 18 nov. 1937, p. 1.

*origem e de sentimento comum*<sup>253</sup>. A prática recorrente de saudar ambas as pátrias sem que isso seja visto como contradição, como já mencionado em outros exemplos, também tem lugar no foro educacional. O nome de Abramo Eberle, mais uma vez, aparece como uma figura importante à movimentação fascista na região.

A Escola Italo-Brasileira, a exemplo da Sociedade *Principe di Napoli*, também parecia ter um calendário festivo próprio, no qual as datas importantes da Itália e do governo fascista eram celebradas. Um relato das comemorações da Marcha sobre Roma do ano de 1937 e das atividades desenvolvidas pelos alunos podem ser acompanhados pelo jornal *O Momento*:

#### Marcha sobre Roma

Foi comemorado com grande pompa, no Colégio Italo-Brasileiro, o decimo quinto aniversario da Marcha sobre Roma. No dia 28 de Outubro, ás 10 horas da manhã, realizou se uma sessão civico-patriotica, iniciativa digna de se resalvar, por parte do prof. Aniélo Calabresi, diretor daquele curso, achando se presentes por essa ocasião, o sr. cav. dr. Vicente Bornancini, secretario do Facio, sr. Angelo Mazzer, representando o agente consular, e a sra. d. Rosalia Eberle Perroni, secretaria do Facio Feminino, alem de diversos elementos representativos da nossa sociedade, como inúmeras diretoras e professoras de Grupos Escolares. Notava-se também a presença de distintas damas da alta sociedade de Caxias.

Logo no inicio da sessão, um grupo de alunos do Colegio Italo-Brasileiro, ofereceu lindos boques de flores aos componentes da mesa, sr. secretario do Facio sr. agente consular e sra. secretaria do Facio Feminino, como tributo de gratidão pela sua presença ao áto. A seguir foram dados vivas ao Brasil e á Itália e entoados pelos presentes e por todos os alunos, os hinos nacionais do Brasil e da Itália.

[...]

Houve a seguir uma galharda hora de arte. por parte de todos os alunos do Colégio, os quaes, declamaram lindas poesias referentes a cerimonia.

A seguir o Prof. Calabresi convida a todos para decerem ao pateo, afim de assistirem uma hora de Ginastica de todos os alunos.

Tivemos então, oportunidade de apreciar o quanto são diciplinados e bem educados alunos do Colégio Italo Brasileiro que, nesta Ginastica, mereceram fartos aplausos de todos.<sup>254</sup>

A ligação com o *fascio* pode ser facilmente observada aqui. Além disso, parte importante do evento é consagrado à ginástica, ligada diretamente à disciplina e a boa educação. Embora não esteja explícito aqui, a ginástica e a educação física, no

<sup>253</sup> “[...] *dovevano sempre amare il Brasile e l'Italia, le due Nazione Amiche di origine e di sentimenti comuni.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 18 nov. 1937, p. 1.

<sup>254</sup> *O Momento*, 01 nov. 1937, p. 1.

governo de Mussolini, foram relacionadas com a educação militar. Esses exercícios tinham o intuito de desenvolver maior elegância e precisão nos movimentos, aprimorando assim a coordenação motora, a força, a postura na marcha militar e o manejo em armas. Assim, podia-se atingir um domínio do corpo importante para a execução de gestos de guerra.<sup>255</sup>

A Escola Italo-Brasileira foi fundada por Benvenuto Bovo, mas até 1938, foi a figura de Aniello Calabrese quem mais se sobressaiu em sua direção. Sobre Calabrese, há pouca informação. Era italiano de nascimento, e, ao que tudo indica, mudou-se para Caxias com a finalidade específica de dirigir o colégio, pois não foram localizadas outras menções à sua pessoa antes da fundação da instituição. Segundo o periódico *O Momento*, Calabrese era “*oficial do fascio*” e “*vindo especialmente de Roma*” para substituir Bovo<sup>256</sup>. Parece ter uma relação estreita com o governo fascista, pois “*já percorreu vários paizes da Europa, a mando do Governo da Itália*”<sup>257</sup>. Ainda de acordo com o mesmo periódico, em 1938, Calabrese é “removido” para Córdoba, na Argentina. O jornal não dá muitas pistas sobre a sua transferência, mas já é possível notar a existência de conflitos em virtude das questões nacionalistas desenvolvidas pelo Estado Novo:

Em consequencia de sério incidente surgido entre uma professora brasileira que hoje leciona no Colegio Elementar dessa cidade e o sr. Calabresi, por questões de nacionalidade, o sr. Aniello Calabresi, foi, então, transferido para Cordoba, na Republica Argentina.<sup>258</sup>

Para o lugar de Calabrese é enviada pelo governo italiano a Condessa Vanda Beltrami. Os indícios da restrição imposta pelo Estado Novo às instituições de ensino ainda não nacionalizadas já parecem ser de conhecimento de Beltrami:

Adiantou-nos a reportagem, que a senhorinha Condessa e professora, tomando conhecimento pela imprensa diaria da capital que o exmo. sr. cel. Interventor Federal assinaria em breve um decreto nacionalizador do ensino, aguardaria primeiro a publicação do novo regulamento, para, após, deliberar á respeito da missão que trouxe do <<paíz da civilização>>.<sup>259</sup>

<sup>255</sup> ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, p. 628.

<sup>256</sup> *O Momento*, 11 abr. 1938, p. 4.

<sup>257</sup> *O Momento*, 01 nov. 1937, p. 1.

<sup>258</sup> *O Momento*, 11 abr. 1938, p. 4.

<sup>259</sup> *O Momento*, 11 abr. 1938, p. 4.

O que mais se sobressai, porém, é a evidência de que a nova professora veio em “missão” ao Brasil.

Ao que tudo indica, ao menos o diretor da Escola Ítalo-Brasileira foi um cargo direcionado pelo governo fascista. Partindo dos casos específicos de Benvenuto Bovo e de sua esposa, Rosa, de Aniello Calabrese e de Vanda Beltrami, todos eles parecem se encaixar, de alguma forma, no perfil de “imigrantes tutelados” definido por Giron: imigrantes que, fiéis ao fascismo, vinham suprir a carência de mão de obra especializada na região, ao mesmo tempo em que faziam parte de um projeto maior de difusão da ideologia fascista.<sup>260</sup>

Não foram encontrados dados relativos ao número de alunos que frequentou a instituição, mas é muito provável que os números tenham sido bastante modestos. Em 1905, a escola com sede na Sociedade *Principe di Napoli* contava com 25 alunos.<sup>261</sup> Apesar do salto temporal de mais de 30 anos, esse número não deve ter sofrido grandes variações se pensado dentro do contexto de ascensão e declínio das escolas étnicas italianas na região. Portanto, o alcance da Escola Ítalo-Brasileira parece ter sido muitíssimo limitado.

Essa limitação deve-se também ao seu efêmero tempo de vida, consoante com outras escolas étnicas. Já em 1938, o cerco nacionalista do Estado Novo começa a se apertar com maior firmeza, culminando no fechamento da escola, em maio do mesmo ano, quando já funcionava na clandestinidade. O periódico *O Momento* noticia o fato:

Funcionava Clandestinamente a escola Príncipe de Piemonte  
[...]

A professora e Condessa Vanda Beltrami, quiçá amparada e prestigiada por elementos do fascio aqui residentes e domiciliados, e, ainda, em obediência por certo, a ordens superiores, nenhuma importância deu ao Decreto baixado a 9 de abril, pelo Governo do Estado, Decreto que então publicamos na íntegra, na primeira página deste semanário. Apesar de tudo, a Escola em referência, continuava funcionando normalmente, sobre a direção da sta. Beltrami.

Muitas reclamações nos chegavam assiduamente sobre o caso, inclusive que o pavilhão do paiz amigo, de quando em vez tremulava à frente do edifício da rua Pinheiro Machado, ou seja, da Escola Príncipe de Piemonte.

Julgava-mos, entretanto, que os responsáveis pelo funcionamento dessa Escola, tivessem regulamentado o funcionamento da mesma, de conformidade com a lei em pleno vigor. Tal, porém, não

<sup>260</sup> GIRON, op. cit., p. 81 e seguintes.

<sup>261</sup> LUCHESE; KREUTZ, op. cit., p. 246.

aconteceu, segundo vem nos revelar o <<CORREIO DO POVO>> em sua edição de quinta-feira última.

Exgotando-se o prazo para o cumprimento da lei, a 23 do corrente mez, o estabelecimento de ensino em apreço, continuou funcionando normalmente, sem regularizar sua situação, o que quer dizer, clandestinamente.

O ilustre titular da pasta de educação, tomou, então, providencias imediatas, não só determinando o fechamento da citada escola, como também de mais cinco escolas estrangeiras, que, fôra da lei, estavam funcionando na capital do Estado, e, todas elas, escolas italianas!

Que o gésto do dr. Coelho de Souza, sirva de exemplo para áqueles que entendem que as nossas leis devem ser cumpridas integralmente!<sup>262</sup>

Nota-se que já há um certo “espírito nacionalista” quando o jornal denuncia as reclamações recebidas sobre a atividade da escola, bem como o incômodo que a bandeira italiana em frente ao estabelecimento parecia gerar. Não só a instituição caxiense é fechada, bem como mais cinco escolas italianas no estado sofrem o mesmo destino.<sup>263</sup>

Não há evidências de que o fascismo tenha se inserido de maneira tão incisiva em outras instituições de ensino senão a Escola Ítalo-Brasileira em Caxias. Apesar de Giron<sup>264</sup> aludir, de forma geral, a várias escolas étnicas com o compromisso de difundir a ideologia fascista, esse dado não encontra reflexo na imprensa da época. Obviamente, não é possível descartar que várias outras escolas étnicas, até mesmo por iniciativa individual de seus professores, tenham de alguma forma feito uso de material fornecido pelo governo italiano ou propagandeado o fascismo por afinidade ideológica. No entanto, a Escola Ítalo-Brasileira parece ter sido a única investida direcionada do regime de Mussolini no âmbito educacional da região.

Em um contexto geral, a ressonância da Escola Ítalo-Brasileira junto à população parece ter sido mesmo ínfima. É difícil chegar a outra conclusão tendo em vista o baixo número de alunos e a efemeridade da experiência. As já decadentes escolas étnicas e a ascensão do ensino público e de escolas religiosas, juntamente com as severas leis de nacionalização do ensino impostas pelo Estado

<sup>262</sup> *O Momento*, 30 mai. 1938, p. 5.

<sup>263</sup> É importante evidenciar aqui que o fechamento dessas escolas não parece ter enfrentado grandes resistências, uma vez que o próprio Coelho de Souza declarou que não havia tido maiores problemas em “nacionalizar” escolas étnicas italianas (GERTZ, 2005, p. 153-154).

<sup>264</sup> GIRON, Loraine Slomp. Colônia italiana e educação. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 2, n. 4, p.86-106, 1998, p. 99.

Novo, não permitiram que as instituições de ensino patrocinadas pelo fascismo adquirissem relevância significativa na região. Portanto, como conclui Loraine Giron, “[e]m termos de ensino, pouco ou nada conseguiu realizar o fascismo na região colonial”<sup>265</sup>.

Por fim, é importante ressaltar, mais uma vez, que as escolas, especialmente na zona urbana, orientadas por sociedades de mútuo socorro, já existiam há dezenas de anos. No caso da escola orientada pela Sociedade *Principe di Napoli*, não foi diferente. Esta instituição já contava com certa “tradição” no ensino convergente com a ótica do governo italiano. O direcionamento fascista da Escola Ítalo-Brasileira, assim, não aparece necessariamente como uma ruptura, algo dissonante do que já era conhecido da estrutura educacional da época. Também aqui, como no caso já visto da Sociedade *Principe di Napoli*, pode-se observar uma continuidade na orientação com base no Estado italiano. A diferença, outra vez, aparece na nova ideologia do governo, antes liberal, agora fascista.

## 2.5 ATIVIDADES CONSULARES

Com as reformas no corpo diplomático propostas pelo fascismo, esse segmento que antes cumpria atividades burocráticas e administrativas agora passa a assumir também atividades propagandísticas, tendo na difusão política do fascismo uma de suas principais (senão a principal) funções. Assim, os representantes diplomáticos do governo italiano em território brasileiro se tornaram importantes agentes políticos do fascismo.

Em se tratando da região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, a presença de agentes do consulado italiano entre os imigrantes pode ser observada desde os primeiros anos do movimento migratório e do estabelecimento desses imigrantes no território sul-rio-grandense. Através de suas atuações, o estado italiano buscava acompanhar e garantir a execução e o cumprimento de suas políticas migratórias. Desse modo, como afirma Luiza Horn Iotti, “diplomatas,

---

<sup>265</sup> GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlanda, 1994, p. 104.

embaixadores, cônsules e agentes consulares constituíram os nexos, a mediação entre o governo italiano e os emigrantes estabelecidos no exterior”.<sup>266</sup>

Já em 1887 o governo italiano de Francesco Crispi orientava seus representantes diplomáticos e consulares a celebrar e promover, entre os emigrados, comemorações e festividades patrióticas a fim de que esses emigrados mantivessem e/ou desenvolvessem vínculos culturais e identitários com a nação italiana.<sup>267</sup> As inovações implantadas pelo governo de Crispi também abarcaram as “escolas italianas” no exterior, que passariam a ter atenção e influência constante dos cônsules, exercendo inclusive autoridade sobre os encarregados do ensino e administração dessas escolas.<sup>268</sup>

Sob a tutela do governo de Crispi há ampliação significativa da rede diplomática já preocupada com o movimento migratório e com os “italianos no exterior”, porém, sua tutela ainda estava longe de ser assegurada. A prioridade voltava-se para a boa relação com os governos estrangeiros.<sup>269</sup> Após as reformas de Crispi, as estruturas diplomáticas permaneceram conservadas por muito tempo, até a chegada de Mussolini ao poder.<sup>270</sup>

É no período entre-guerras que uma nova expansão significativa pode ser observada, em que a rede consular “passou a atingir de forma capilar recantos onde até então a presença dos órgãos diplomáticos italianos era desconhecida”.<sup>271</sup> Essa nova iniciativa do governo italiano é entendida dentro do projeto de expansão fascista, que visava também exercer maior controle e influência entre os italianos emigrados. Durante as décadas de 20 e 30, a ação da diplomacia italiana, como aponta Amado Luiz Cervo, “dividiu-se entre as funções tradicionais e a nova incumbência de zelar pela propaganda fascista”.<sup>272</sup> Nesse período, a fascistização do corpo diplomático foi gradual, até atingir seu auge em 1936, quando o fascismo ocupa por completo o *Ministero degli Affari Esteri*.<sup>273</sup>

<sup>266</sup> IOTTI, Luiza Horn. Os estados brasileiro e italiano e a imigração italiana no RS. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, XVI, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. p. 2.

<sup>267</sup> Id. **O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares.** Caxias do Sul: EDUCS, 2001, p. 53.

<sup>268</sup> Ibid., p. 54.

<sup>269</sup> Ibid., p. 54-55.

<sup>270</sup> CERVO, op. cit., p. 3.

<sup>271</sup> BERTONHA, op. cit., p. 112.

<sup>272</sup> CERVO, op. cit., p. 133.

<sup>273</sup> BERTONHA, op. cit., p. 46.

A carreira consular italiana era organizada em duas categorias com diferentes *status*: cónsules de carreira ou enviados (*consules missi*) e cónsules honorários ou locais (*consules electi*). Os primeiros eram enviados às sedes mais prestigiadas, recebendo salário e abono conforme o local onde fossem designados, e com carreira com possibilidades de promoção. Já a segunda categoria não tinha a possibilidade de promoção e eram preferencialmente escolhidos entre italianos que residiam onde existisse uma divisão do corpo diplomático já instalada.<sup>274</sup>

É nessa segunda categoria onde se encaixam as figuras dos agentes consulares. Segundo Manuela Cacioli,

os agentes consulares constituíam a trama, o tecido essencial da rede consular, estabelecendo a ligação entre o titular do consulado, muitas vezes responsável por vasto território, e os compatriotas, dos quais expressavam os interesses e expunham os problemas.<sup>275</sup>

Esses agentes consulares não eram remunerados em seu serviço, porém, o posto era muito ambicionado em virtude da notoriedade e da possibilidade de ascensão social que a função poderia propiciar.<sup>276</sup>

É importante notar, porém, que nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX, a prática dos governos italianos em nomear representantes consulares possuía critérios que variavam de acordo com o país e a região em questão. Como escreve Luiza Iotti,

[p]ara as sedes localizadas em áreas que dava *status* e prestígio político, como capitais europeias, a Itália designou seus “melhores” homens, ou seja, os que ocupavam os altos quadros da diplomacia nacional. Para as áreas consideradas periféricas, como o Brasil e o Rio Grande do Sul, enviou representantes das categorias inferiores da carreira diplomática, que recebiam essa designação como um castigo. Ou, então, nomeou agentes locais que, por não receberem pagamento pelo exercício da função, trabalhavam em outras atividades e dedicavam pouco tempo à representação do Estado italiano.<sup>277</sup>

É pouco provável que essa prática de designar representantes diplomáticos de hierarquias inferiores tenha sofrido alterações bruscas durante o período fascista,

<sup>274</sup> IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder**: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). Caxias do Sul: EducS, 2010, p. 91-93.

<sup>275</sup> Apud IOTTI, op. cit., p. 93.

<sup>276</sup> CACIOLI apud IOTTI, loc. cit.

<sup>277</sup> IOTTI, op. cit., p. 95.

ainda mais em se tratando do caso específico do Rio Grande do Sul e da serra gaúcha. O continente latino americano como um todo era considerado pelo governo fascista um campo de atuação com objetivos modestos e adaptados às realidades locais.<sup>278</sup>

Celeste Gobbato, ao que tudo indica, exerceu essa função de agente local. Seu nome aparece citado constantemente em reuniões do *fascio* caxiense e da Sociedade *Principe di Napoli* e em outras atividades em que o fascismo estivera envolvido. Gobbato foi uma das figuras mais marcantes da política de Caxias do Sul, tendo sido o primeiro italiano católico a assumir a intendência da cidade, em 1924, rompendo com as administrações de luso-brasileiros, muitas vezes ligados à maçonaria.<sup>279</sup> Após o término do mandato, em 1928, passou a exercer cargo consular. Sua verdadeira função junto ao Consulado, no entanto, é difícil precisar. Nem mesmo o cargo que exercia pode ser determinado com clareza, pois aparecia referido ora como agente consular, ora como vice-cônsul.

Gobbato parece ter sido um dos membros mais ativos e mais relacionados à movimentação do fascismo na serra gaúcha, inclusive estreitando relações entre os fascistas e o clero local, conforme os apontamentos de Loraine Giron.<sup>280</sup> É curioso notar, porém, que sua relativamente vasta produção intelectual<sup>281</sup>, com dezenas de contribuições para a imprensa local e estadual, em muito pouco versa sobre o fascismo, preferindo permanecer nos assuntos voltados à área técnico-agrícola. Mesmo no *Il Giornale dell'Agricoltore*, periódico comprometido com a divulgação de material fascista, nenhum de seus textos sequer menciona essa temática.

Ao que consta, seu único escrito de exaltação fascista é oriundo de sua viagem à Itália, em 1931, publicado na edição do dia 15 de outubro do mesmo ano do *Correio do Povo*:

Encontrando-me em Roma, senti-me atraído à praça militar, onde o “Duce” da nova Itália teria passado revista aos 40.000 moços provenientes das províncias situadas na região central da península. Fiquei realmente satisfeito, pois o espetáculo foi extraordinário. [...] A disposição dos jovens fascistas oferece um quadro de ordem e disciplina admiráveis; o público manifesta seu grande entusiasmo e acompanha com o olhar o “Duce”, que passa de linha em linha,

<sup>278</sup> BERTONHA, op. cit., p. 35 e seguintes.

<sup>279</sup> RELA, Eliana. **Nossa fé, nossa vitória**: Igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, p. 77.

<sup>280</sup> GIRON, op. cit., p. 87 e seguintes.

<sup>281</sup> A referência completa de sua produção pode ser consultada em MONTEIRO (2011, p. 203-4).

observando cuidadosamente cada esquadra. São cerca de 11 horas e Mussolini termina a revista aos 40.000 camisas-preta, que ele definiu “uma das criações mais felizes do Grande Conselho fascista”. [...] Mussolini, então, com sua comitiva sempre a cavalo, se coloca perto de seu palco e aí espera a passagem interminável dessa mocidade, a cavalo, em bicicletas, motocicletas e nos caminhões, que o cumprimenta com um entusiasmo impossível de ser descrito. [...] Os jovens fascistas levantam seus estandartes, saúdam com os lenços e gritam: “Duce! Duce!” e a essas expansões se associa todo o público, que aplaude entusiasticamente.<sup>282</sup>

É evidente o tom entusiasmado de Gobbato, admirado com a parada militar fascista que presenciara. Porém, o texto não deixa transparecer nenhuma intenção maior de doutrinação do leitor além da tentativa de transmissão do fascínio e da devoção gerada pelo regime de Mussolini no território italiano. Também torna-se difícil mesmo especular sobre a intenção de sua(s) ida(s) à Itália, se era apenas com finalidade profissional, técnico-agrícola, ou se possuía algum cunho político, algo que pudesse rotulá-lo de fato como um “imigrante tutelado”.

Desse modo, Celeste Gobbato não parecia ter a doutrinação e a propaganda fascista na ordem do dia de sua atuação profissional e intelectual. Apesar da presença frequente nas atividades fascistas locais, as questões ideológicas do fascismo possuíam espaço quase irrelevante em seus escritos, mesmo em veículos orientados politicamente pelo regime de Mussolini. Assim, parece ser razoável afirmar que sua atuação enquanto membro do corpo diplomático italiano se dava em outra esfera. Possivelmente, seu papel estivesse na mediação entre o Consulado Italiano de Porto Alegre e as organizações de Caxias e região, mas as fontes não asseguram a veracidade dessa hipótese. Como coloca Katani Monteiro, os vínculos de Gobbato com o Consulado e com o próprio fascismo ainda necessitam de estudos mais apurados.<sup>283</sup>

Outra figura ligada à diplomacia italiana que é nome constante nos eventos alusivos ao fascismo em Caxias é a de Guglielmo Barbarisi. Barbarisi, ex-combatente na Primeira Guerra Mundial, foi cônsul italiano em Porto Alegre de 1934 a 1937.<sup>284</sup> Sua presença na região é especialmente vinculada às escolas étnicas italianas locais, que parecem ter sido alvo constante de suas visitas, e não apenas

<sup>282</sup> Apud MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. **Entre o vinho e a política**: uma biografia de Celeste Gobbato (1890-1958). 2011. 209 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Programa de Pós-graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2011, p. 114.

<sup>283</sup> MONTEIRO, op. cit., p. 38, nota 51.

<sup>284</sup> BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta**: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30. São Luís: EDUFMA, 2009, p. 134.

em Caxias. Há pelo menos uma visita noticiada ao colégio *S. Giuseppe*, em Bento Gonçalves, onde os alunos, em recepção ao cônsul, entoaram os hinos italiano e brasileiro.<sup>285</sup>

É a Escola Ítalo-Brasileira, porém, que recebe grande parte de suas atenções. Mais do que isso, seu nome aparece como responsável direto pela própria existência de tal estabelecimento de ensino:

Perante o mundo oficial de Caxias e da elite social, realizou-se, domingo ultimo, a cerimonia da inauguração do <<Colegio Italo-Brasileiro>>, instituição de ensino primario graças ao nobre interesse do sr. Consul Geral da Italia, acreditado junto ao nosso governo, Comendador Guglielmo Barbarisi que secundado de um punhado de cidadãos presenteou esta cidade com esse estabelecimento, tão significativo para as duas Patrias amigas.<sup>286</sup>

Também atividades culturais, como o “*Curso de Cultura Italiana*”, contou com a participação de Barbarisi em sua solenidade de abertura, na sede da Sociedade *Principe di Napoli*.<sup>287</sup> Não há maiores detalhes sobre o conteúdo programático de tal curso ou mesmo de seu público alvo. Porém, é bastante provável que a ideologia fascista fosse parte importante das lições.

Barbarisi parece ter sido figura chave na fascistização das escolas e na propaganda da cultura italiana como sinônimo de fascismo, embora não seja possível um discernimento maior sobre seu verdadeiro papel nessa empresa.

Quando Guglielmo Barbarisi é transferido de seu cargo, em 1937, o novo cônsul italiano em Porto Alegre passa a ser Santovicenzo Magno, também ex-combatente da Grande Guerra.<sup>288</sup> O *Il Giornale dell’Agricoltore* dá as boas-vindas a Santovicenzo,

que vem continuar, com fé e competência, a obra italiana e fascista do Com. Barbarisi. [...] Estendamos destas colônias uma saudação de nossa homenagem e da coletividade italiana de Caxias, e desejamos a ele um voto de melhores tempos e brilhantes resultados em seu alto e patriótico trabalho.<sup>289</sup>

<sup>285</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 26 mar. 1936, p. 9.

<sup>286</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 27 ago. 1936, p. 5.

<sup>287</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 29 ago. 1937, p. 8.

<sup>288</sup> BRUM, op. cit., p. 134.

<sup>289</sup> “[...] *che viene a continuare, con fede e competenza, l’opera italiana e fascista dal Comm. Barbarisi. [...] porgiamo da queste colonne il saluto di omaggio nostro e della collettività rurale di Caxias, e formuliamo per lui ad un tempo i migliori voti augurali di brillanti risultati nel suo alto e patriottico lavoro.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 20 mai. 1937, p. 1.

O novo cônsul também participa das celebrações do cinquentenário da Sociedade *Principe di Napoli* e da inauguração de duas salas de aula da Escola Ítalo-Brasileira.<sup>290</sup>

O papel de mediação entre o governo fascista e os imigrantes estabelecidos no exterior parece ser o ponto chave para o entendimento de suas atribuições e atividades junto à coletividade italiana. As fontes estudadas, no entanto, não dão conta de precisar com maiores detalhes a atuação desses funcionários do corpo diplomático italiano. Como se deu, em pormenores, essa mediação nos tempos fascistas, principalmente entre as coletividades italianas na serra gaúcha, é algo que ainda carece de pesquisas mais aprofundadas.

Embora o papel de certos cônsules tenha sido muito importante na promoção do fascismo entre as coletividades italianas no Brasil, especialmente com a atuação de Serafino Mazzolini, em São Paulo<sup>291</sup>, essa mesma importância não pode ser confirmada no caso específico da serra gaúcha. Provavelmente tenham sido agentes importantes na estratégia propagandística do fascismo, mas não foi possível estabelecer o grau de influência desses agentes consulares entre as organizações civis ou mesmo entre a população em geral.

O caso de Celeste Gobbato parece ser emblemático ao se constatar sua atuação diminuta em prol do fascismo, ao menos no que tange ao seu campo profissional e intelectual. Apesar de sua atuação como agente consular provavelmente possuir forte viés político, Gobbato parece encaixar-se no apontamento de Amado Luiz Cervo de que, na década de 1930, a diplomacia italiana “dispersava no Brasil suas energias, muito mais energias do que ações, entre a propaganda de Estado e os interesses concretos da nação que representava.”<sup>292</sup> Assim, pelo indícios dispostos, as ações do corpo diplomático junto à coletividade italiana na serra gaúcha parecem ter sido bastante limitadas.

No próximo capítulo, a análise será centrada no conflito entre Itália e Etiópia, ocorrido nos anos de 1935 e 1936, e que foi bastante significativo para o regime de Mussolini, principalmente nos campos econômico e diplomático. A chamada “questão ítalo-abissínia” marcou o auge do compromisso de divulgação fascista no //

---

<sup>290</sup> *Il Giornale dell'Agricoltura*, 18 nov. 1937, p. 1.

<sup>291</sup> TRENTO, op. cit., p. 316.

<sup>292</sup> CERVO, op. cit., p. 143.

*Giornale dell'Agricoltore* e buscou, mais do que nunca, em virtude do complicado momento vivido pela Itália, a simpatia e o apoio das coletividades italianas no exterior em prol de sua causa, estimulando inclusive doações de dinheiro, ouro e outros materiais valiosos para o financiamento da empresa italiana na África.

### 3 A QUESTÃO ÍTALO-ABISSÍNIA

O auge da veiculação do fascismo no *Il Giornale dell'Agricoltore* deu-se, sem dúvida, com o noticiário da invasão italiana na Abissínia. Já a partir de fevereiro de 1935 inicia-se a repercussão dos primeiros litígios entre Itália e Etiópia disputando a soberania na região, que mais tarde culminaria num conflito armado entre os dois países. A ação militar, que teve início em 3 de outubro do mesmo ano, por iniciativa do governo italiano, estendeu-se até a invasão da capital Adis Abeba, em maio de 1936, quando declarada, por Benito Mussolini, consolidada a vitória. Durante o período do conflito, cada edição do periódico trazia, na seção do serviço telegráfico, atualizações das posições e dos avanços do exército italiano em terras africanas, entre outras notícias diversas sobre o front na Etiópia e as preparações das forças armadas italianas. As notícias do confronto tomaram a maior parte da capa das edições no período de março/abril de 1935 a maio/junho do ano seguinte.

O mais interessante, porém, é notar que, pela primeira vez no periódico, é possível observar o uso de uma fonte de serviço telegráfico diretamente relacionada à Itália e, portanto, à propaganda fascista. A partir da edição nº 90, de 16 de janeiro de 1936, o jornal passa a contar com o serviço telegráfico do *Bollettino quotidiano d'informazioni giornalistiche dell'Agenzia d'Italia*<sup>293294</sup>. Divulgando notícias sempre oriundas de Roma, seu conteúdo é facilmente perceptível como apologético ao fascismo. Essa difusão dava-se não somente com informações relacionadas ao conflito ítalo-abissíneo, mas também com as diversas realizações e obras do governo de Mussolini, bem como as façanhas protagonizadas pelo povo italiano nesse que era considerado pelo periódico um difícil período de sacrifício, não somente pelo conflito em si, mas pela situação diplomática delicada vivida pela Itália, especialmente junto à Inglaterra, e pelas sanções econômicas impostas pelos ingleses em virtude do desrespeito aos acordos estipulados pela Liga das Nações quando da invasão da Etiópia.

<sup>293</sup> Boletim cotidiano de informações jornalísticas da Agência da Itália.

<sup>294</sup> Devido à falta de documentação e de informações referentes ao jornal enquanto empresa e instituição, não foi possível concluir qual a via utilizada por Adolfo Randazzo e demais responsáveis pelo periódico para chegar até esse boletim. É provável, porém, que a aquisição desse serviço tenha se dado por do intermédio do Consulado Italiano em Porto Alegre, dado o estreito contato de Randazzo com figuras importantes do órgão, como Celeste Gobbato, vice-cônsul da Itália durante a década de 1930 (MONTEIRO, 2011, p. 38), e a função fascistizante incumbida ao serviço diplomático, especialmente em meados da década de 1930 (BERTONHA, 2001b e CERVO, 1992).

As notícias desse boletim ligado à propaganda fascista ocupavam quase a totalidade da segunda página do periódico. Sendo assim, em algumas edições, é possível encontrar a capa e a segunda página do jornal tomadas inteiramente por notícias relacionadas ao confronto, quantidade considerável para um periódico de cunho técnico-agrícola que circulava com uma média de 10 páginas por número. Diante desse volume de informações, é razoável aqui levantar duas hipóteses: havia realmente uma demanda por esse noticiário do confronto ítalo-abissínio junto aos leitores e à população em geral, ou o periódico utilizou-se do conflito como pretexto para a divulgação e enaltecimento do fascismo, funcionando como um verdadeiro órgão de propaganda que os consulados tanto desejavam?

Ao que parece, havia um grande interesse pelo confronto. Segundo João Fábio Bertonha, a Guerra contra a Abissínia “representou, de fato, o auge do prestígio fascista entre os imigrantes e seus filhos instalados em território brasileiro”<sup>295</sup>. Até em depoimentos de antifascistas é possível identificar a agitação frente ao confronto: “*As coisas da África tiveram e continuam a ter, no Brasil, da parte de italianos, ricos e pobres, grandes e pequenos, um febril interesse. Tudo o que diz respeito ao movimento das tropas, os embarques, os boletins, é avidamente lido e comentado.*”<sup>296</sup> Houve até mesmo casos de envio de voluntários para combater no front africano. Embora o autor refira-se, em seu estudo, mais especificamente ao contexto de São Paulo, não há razões para pensar que na serra gaúcha o cenário fosse muito diferente<sup>297</sup>. Loraine Slomp Giron observa que, no caso da zona colonial italiana do Rio Grande do Sul, “[n]ão há registros nem na imprensa regional, nem nos registros paroquiais, de tanto entusiasmo como o da colonização da Etiópia”<sup>298</sup>. A imprensa, nesse contexto, parece ter tido o papel de principal fonte de informações do conflito, e, ao mesmo tempo, alimentou o *frenesi* em relação às novas conquistas do fascismo, que, por sua vez, mobilizou consideravelmente os italianos e seus filhos diante da causa.

<sup>295</sup> BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b. p. 254.

<sup>296</sup> *Ibid.*, p. 256.

<sup>297</sup> Bertonha (2001b, p. 259-260) traz ainda o relatório de um diplomata italiano ligado ao Consulado de Porto Alegre, onde o mesmo relata que o conflito na Etiópia provocou “*o ressurgir de virtudes milenares e tradicionais e o senso de justiça, de solidariedade, de combatividade, que permite aos seus melhores filhos dedicar tudo de si para a Pátria em armas.*” É razoável pensar que esse depoimento, produzido em Porto Alegre, sobre o singular momento vivido nas colônias italianas em razão do confronto, fizesse referência também à serra gaúcha.

<sup>298</sup> GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlanda, 1994. p. 92.

Além das informações via serviço telegráfico, seja do já tradicional, utilizado desde as primeiras edições, ou do ligado ao governo italiano, a seção humorística *Quattro ciacole fra done*, escrita pela esposa de Adolfo Randazzo, Jone, foi também um importante espaço onde assuntos relacionados à questão ítalo-abissínia foram abordados. Os personagens *Ninin Gobo* e *Bortoeto*, retornando de uma viagem à Itália e à Etiópia para a pequena comunidade no interior de Caxias onde habitam, passam a relatar aos demais habitantes da localidade a situação de sua terra natal, a Itália, e principalmente da Etiópia, de seu povo, seus hábitos e costumes, vistos como bárbaros e selvagens, em contraponto à civilidade representada pelos italianos. Através de uma longa série de textos, é construída aos leitores uma imagem extremamente depreciativa dos etíopes e seus aliados diplomáticos, os ingleses, ao passo que se enaltecem as ações do exército italiano e as decisões tomadas por Mussolini em meio às pesadas sanções econômicas impostas pela diplomacia internacional da Liga das Nações.

Notícias da região, mais especificamente de Caxias, também repercutirão sobre o confronto. E, mais do que repercutir, os “italianos no exterior” serão convocados a fazer doações à sua pátria natal, que passava por consideráveis percalços econômicos, precisando recorrer também aos seus filhos do outro lado do Atlântico. Assim, pela doação de materiais em ouro e prata, majoritariamente alianças de casamento, pode-se ter um esboço da penetração do fascismo na região. A convocação para essas doações ao “altar da Pátria”, juntamente com o nome dos respectivos doadores, serão veiculados no periódico, bem como algumas manifestações – ainda que tímidas – sobre o desfecho vitorioso por parte da Itália no conflito.

O objetivo do capítulo é analisar a abordagem do periódico *Il Giornale dell'Agricoltore* frente à questão ítalo-abissínia e como questões referentes ao fascismo foram apresentadas aos leitores durante o período em que o conflito foi noticiado. A representação da Itália enquanto estandarte da civilização modernizada pelo fascismo frente a uma Etiópia bárbara e selvagem, a imagem depreciativa construída sobre os ingleses ao impor sanções econômicas aos italianos, e a repercussão local do conflito, especialmente com a mobilização da população para doação de ouro e prata, são questões a serem observadas e aprofundadas no decorrer do capítulo.

Observando esses apontamentos, poder-se-á perceber com maior propriedade se, no auge da repercussão de notícias ligadas ao fascismo, o jornal fez ou não uma propaganda sistemática do regime de Mussolini e se, de alguma forma, atuou como um veículo legítimo de divulgação dos ideais fascistas junto aos leitores e à população local. Será possível ainda observar, em certos momentos, algumas notas referentes ao noticiário local que indicam a adesão, ou, no mínimo, certa simpatia, de parte dos habitantes de Caxias ao movimento. Assim, espera-se desenvolver um olhar crítico sobre *Il Giornale dell'Agricoltore* e seu compromisso de divulgação do fascismo, bem como sobre a repercussão local do movimento, estimulada pelo desenrolar e desfecho do conflito.

### 3.1 HISTÓRICO E CAUSAS DA GUERRA<sup>299</sup>

A Etiópia já era um espinho na história da Itália algumas décadas antes da investida de Mussolini ao país africano. O início do imperialismo europeu na Etiópia remonta a 1869, e tem relação com a própria Itália, quando o porto de Assab, no Mar Vermelho, foi comprado de um sultão e acabou tornando-se parte de uma companhia de navegação italiana, a *Società Rubattino*. Em 1882, o porto foi declarado colônia italiana. Em fevereiro de 1885, os italianos tomaram outro porto etíope, em Massawa, sob a aprovação dos ingleses, que “favoreciam a expansão italiana, na esperança de que ela prejudicasse a dos franceses, então seus principais rivais na corrida para a África”<sup>300</sup>.

As tensões criadas entre o governo italiano e o governo do imperador Yohannes deixaram o país africano à beira de uma guerra iminente. Com a morte de Yohannes, em 1889, o exército etíope acabou por desfalecer-se, facilitando o avanço das forças italianas, que permaneceram no interior da Etiópia. Após vários confrontos diplomáticos entre os dois países, a guerra finalmente eclodiu, em dezembro de 1894. Os italianos, porém, enfrentavam grande hostilidade da população local e não dispunham de mapas precisos da região, fatores que

---

<sup>299</sup> Não pretende-se aqui trabalhar de forma muito aprofundada a questão, mas sim contextualizar os acontecimentos aos quais o periódico em questão tratou. Para uma bibliografia mais detalhada do assunto, ver MARQUES (2008), AKPAN (2010a e 2010b) e BARKER (1979).

<sup>300</sup> AKPAN, Monday B.. Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In: BOAHEN, Albert Adu (Org.). **História geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 300.

prejudicaram em muito o desempenho bélico em um terreno desconhecido e montanhoso. As forças etíopes ainda contavam com efetivos bem maiores. O confronto resolveu-se nas proximidades da cidade de Adowa, e a derrota italiana foi praticamente completa.

Em 26 de outubro de 1896, Itália e Etiópia assinaram um tratado, em Adis Abeba, que reconhecia a independência completa da nação etíope. Porém, não houve a exigência da retirada dos italianos da Eritreia, e apenas fixou-se uma fronteira para a colônia italiana sobre a margem do rio Mareb. O peso simbólico do triunfo da Etiópia foi enorme, sendo considerada “a maior vitória de um africano contra um exército europeu desde a época de Aníbal”<sup>301</sup>. Os etíopes adquiriram grande prestígio e influência na região.

Do ponto de vista italiano, essa derrota era vista como uma grande mácula na história do país. Tão importante quanto os ganhos em questões econômicas e diplomáticas inerentes a um possível triunfo de uma nova guerra contra a Etiópia, restaurar a honra nacional foi um dos pilares em que Mussolini apoiou-se na legitimação de uma nova invasão à nação africana. “A grande conta aberta em 1896 tem de ser ajustada a qualquer preço”, declararia mais tarde, em 1935, o chefe fascista.<sup>302</sup> Porém, nas primeiras décadas do século XX,

[a]pesar dessas pretensões da Itália e da Etiópia e da dolorosa memória de Adowa, que alimentava nos italianos o desejo de vingança, as relações entre ambos os países permaneceram estranhamente cordiais durante a regência de Tafari Makonnen. A Itália apoiara a entrada da Etiópia na Sociedade das Nações, em 1923, e fora um dos países que Tafari visitara durante sua histórica viagem ao estrangeiro, naquele mesmo ano.<sup>303</sup>

É apenas a partir da década de 1930 que há uma mudança na política externa fascista e uma radicalização do movimento:

Após 1930, [Mussolini] já tinha adotado um tom mais agressivo na política externa, conclamando pelo rearmamento e predizendo que “o século XX será o século do fascismo”. Tomou de volta o Ministério das Relações Exteriores em 1932, e, em 1933, os ministérios da

<sup>301</sup> Ibid., p. 307.

<sup>302</sup> BARKER, A. J. **A conquista da Etiópia**: sonho de um império. Rio de Janeiro: Renes, 1979. p. 15.

<sup>303</sup> AKPAN, Monday B.. A Etiópia e a Libéria, 1914-1935: dois Estados africanos independentes na era colonial. In: BOAHEN, Albert Adu (Org.). **História geral da África VII**: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 865.

Guerra, da Marinha e da Aeronáutica. Em 1934, ele já preparava em segredo uma operação militar na Etiópia.<sup>304</sup>

Já em 1932 o governo italiano investira em melhorias nas comunicações terrestres, marítimas e aéreas das colônias da Eritreia e da Somália e, em 1934, Mussolini pronunciava-se para que as nações “satisfeitas” e possuidoras de colônias não impusessem obstáculos à “expansão cultural, política e econômica da Itália fascista”.<sup>305</sup>

O pretexto para a invasão foi um incidente em Walwal, na fronteira não demarcada entre Etiópia e a colônia italiana na Eritreia, que gerou choque entre as forças dos dois países, em 5 de dezembro de 1934.<sup>306</sup> A Itália já denunciara incursões etíopes na fronteira de seu território. Segundo Joseph Ki-zerbo, “[t]ratava-se, na realidade, de deslocamentos, mais ou menos apoiadas pela força, de clãs de pastores nômades em regiões onde as fronteiras não se encontravam traçadas e onde se disputavam os pontos de água.”<sup>307</sup> Os italianos haviam ocupado poços em Walwal que uma missão etíope verificou estar fora de seu território. Assim, deu-se embate que serviria de gatilho para o início da guerra.

Uma vez deflagrado, o conflito passaria por uma fase inicial de embates no campo diplomático, envolvendo principalmente, além de Itália e Etiópia, o Reino Unido e a França, países com maior influência na Sociedade das Nações.

O Reino Unido e a França, no desejo de evitar o desencadeamento de hostilidades, pressionaram a Etiópia para que cedesse, mas [o imperador] Hailé Selassié, receando estimular a Itália a se expandir mais, não concordou e levou o caso a Sociedade das Nações, no dia 14 de dezembro. Verificando que a Etiópia não se dispunha a capitular, Mussolini ordenou secretamente, no dia 30 de dezembro, a concretização da invasão, o que exigia preparativos consideráveis, em vista da superfície e do terreno montanhoso do país.<sup>308</sup>

Mussolini pouco se interessou pela posição da Sociedade das Nações e, em 3 de outubro de 1935, ordenou seus exércitos para que avançassem a fronteira com a Etiópia.

<sup>304</sup> PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 271.

<sup>305</sup> AKPAN, op. cit., p. 866.

<sup>306</sup> PAXTON, loc. cit. e AKPAN, loc. cit.

<sup>307</sup> KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**: volume 2. 3. ed. Lisboa: Mem Martins, 2002. p. 148.

<sup>308</sup> AKPAN, loc. cit.

Embora longamente anunciada, a invasão não afligiu somente a população etíope. O ataque italiano ao país gerou grande mobilização entre os descendentes de africanos no mundo inteiro.<sup>309</sup> Ondas de protestos<sup>310</sup> foram identificadas em vários locais do globo, mas a maior parte deles foi oriunda de cidades onde havia uma elite africana educada, como nos Estados Unidos, Caribe e algumas capitais dos domínios britânicos na África.<sup>311</sup> A Etiópia, até então, mantinha o status de “última nação africana livre” e era símbolo de africanidade e de autodeterminação entre as comunidades negras do continente americano. Como observa Monday Akpan, “[e]m fins de 1935, a Etiópia estava então no primeiro plano da atualidade mundial, convertida no centro da excitação e da indignação internacionais.”<sup>312</sup>

A Sociedade (ou Liga) das Nações nasceu em novembro de 1919, com o intuito de ser um órgão que garantisse e fiscalizasse o cumprimento das normas do Direito Internacional, estabelecidas em acordos pós-1ª Guerra Mundial. Com a saída dos Estados Unidos da instituição logo no ano seguinte de sua criação, a França e o Reino Unido assumiram os postos mais importantes. Logo nos primeiros anos, o grande desafio era solucionar os problemas relativos à Alemanha e ao Tratado de Versalhes (embora tendo atuado em alguns pequenos conflitos nos Balcãs e na América do Sul), mas nos anos 30, precisou enfrentar desafios maiores. Após a crise de 1929, os países voltaram suas atenções aos problemas internos e pouca atenção foi dispensada às questões de ordem externa representadas pela Sociedade das Nações. Em 1931, o ataque japonês à região da Manchúria, na China, revelou a incapacidade da instituição em lidar com conflitos de maior porte e com agressores determinados, pois, apesar de previstas, sanções econômicas não foram aplicadas ao Japão devido sua influência econômica e militar na região. Esse precedente aberto pela Sociedade das Nações ao caso japonês foi um estímulo ao plano de expansão de outros países.<sup>313</sup>

---

<sup>309</sup> MARQUES, Alexandre Kohlrausch. A invasão da Abissínia e o jornal A Alvorada. **História em Revista**, Pelotas, v. 16, p.69-90, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/hr16/marques.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2013. p. 69-70.

<sup>310</sup> “Na Grã-Bretanha, 3.000 jovens apresentaram-se como voluntários para lutar por Hailé Selassié; em Nova York, 9.000 americanos – brancos e pretos – fizeram um comício no Madison Square Garden e reduziram uma enorme efígie de Mussolini em pedaços.” (BARKER, 1979, p. 31)

<sup>311</sup> BARKER, op. cit., p. 29.

<sup>312</sup> AKPAN, op. cit., p. 869.

<sup>313</sup> MARQUES, Alexandre Kohlrausch. “A questão ítalo-abissínia”: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. 2008. 263 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Programa de Pós-graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008. p. 43-47.

Foi essa instituição já enfraquecida e pouco acreditada que julgou o caso da invasão italiana à Etiópia. Em assembleia, decidiu-se por cinquenta votos a um (o da própria Itália), que a Itália seria considerada uma nação agressora e que havia violado o Pacto da Sociedade das Nações. Assim, sanções econômicas foram impostas aos italianos, sob a forma de quatro embargos:

- a) exportação de armas e de munições para a Itália;
- b) empréstimos e créditos à Itália;
- c) importação de todas as mercadorias provenientes da Itália;
- d) venda à Itália de certas matérias primas, como borracha, bauxita, alumínio, minério de ferro e ferro-velho.<sup>314</sup>

Sem incluir itens de importância vital, como o petróleo, sugestão à qual França e Reino Unido opuseram-se, temerários que fosse considerada por Mussolini como um ato de guerra<sup>315</sup>,

[...] as sanções tiveram efeitos irrelevantes e serviram mais para mostrar algum posicionamento da SDN diante do conflito do que para realmente impedir a Itália de realizar sua conquista na Abissínia. A maior parte dos parceiros comerciais italianos e principais fornecedores de matérias-primas não eram membros da SDN: os EUA, a Alemanha (que se retirou em outubro de 1935, após o anúncio das aplicações das sanções) e o Japão (que deixou a liga em 1933, após a invasão da Manchúria). Estes países se declararam neutros e somente adotaram sanções sobre as armas e munições.<sup>316</sup>

O grande embate diplomático nesse cenário foi protagonizado por Itália e Inglaterra. Os britânicos, inicialmente alinhados ao governo italiano, mudam sua política externa em virtude da grande pressão popular, da imprensa, e das igrejas do país para que o governo tomasse alguma atitude mais enérgica a fim de evitar a invasão militar da Abissínia.<sup>317</sup> Apesar do alarme gerado nos meios diplomáticos italianos, Mussolini não recuou em seus objetivos. Essa tensão diplomática foi usada como um artifício pelos fascistas a fim de garantir o entusiasmo das massas com seu projeto expansionista, apresentando a Inglaterra “como uma potência

---

<sup>314</sup> AKPAN, op. cit., p. 867.

<sup>315</sup> Ibid., p. 869.

<sup>316</sup> MARQUES, op. cit., p. 71.

<sup>317</sup> Ibid., p. 63.

imperialista rica, porém decadente que se empenhava em não permitir que a ‘jovem Itália’ tomasse posse daquilo que lhe era legítimo.”<sup>318</sup>

O governo fascista soube tirar também grande proveito de sua situação perante a Liga das Nações, usando habilmente a questão das sanções a seu favor. Criando uma sensação de perseguição do resto do mundo contra a Itália, alcançou-se grande mobilização interna com racionamento de itens e consolidação da indústria interna:

[...] a austeridade tornou-se ordem do dia. Os italianos foram exortados a comer menos carne, usar menos gasolina e eletricidade e iniciou-se uma campanha para “comprar somente produtos italianos”. Ao mesmo tempo, estimulou-se o desenvolvimento de indústrias nacionais e se iniciou uma campanha intensa pela obtenção de sucata.<sup>319</sup>

Apesar de algumas dessas medidas de austeridade serem impopulares, uma delas recebeu especial atenção da população e do governo: a “colheita do ouro”. Doando principalmente alianças matrimoniais (substituídas por um anel de aço), milhões de italianos, até mesmo a Rainha da Itália, participaram desse rito junto ao “altar da Pátria”, “preparado não só para levantar fundos para custear a guerra, mas também para funcionar como um voto de fé no regime fascista.”<sup>320</sup>

Após oito meses de campanha, as tropas comandadas pelo general Pietro Badoglio tomam a capital Adis-Abeba, em 6 de maio de 1936. Depois de mobilizar 500 mil homens<sup>321</sup> em sua cruzada, a Itália finalmente concretizava sua vitória. Benito Mussolini, no que foi talvez seu maior momento de glória, classificou a conquista como o momento “mais solene e memorável” da história da Itália<sup>322</sup>, que finalmente conquistara seu império.

A guerra fora vencida em muito menos tempo do que se esperava e o preço da conquista não chegara a 3.000 homens; por tão baixo preço, haviam adquirido um vasto território, com incontáveis riquezas minerais. (Exageradas pelo regime, é claro.) O fascismo nunca foi mais popular e os brados de glória militar abafaram os resmungos sobre os males econômicos.<sup>323</sup>

---

<sup>318</sup> Ibid., p. 67.

<sup>319</sup> BARKER, op. cit., p. 45.

<sup>320</sup> BARKER, loc. cit.

<sup>321</sup> MARQUES, op. cit., p. 74.

<sup>322</sup> BARKER, op. cit., p. 129.

<sup>323</sup> Ibid., p. 131.

Apesar dos apelos do imperador Hailé Selassié à Sociedade das Nações para que a vitória italiana não fosse reconhecida, a entidade resolve retirar, em 15 de julho de 1936, as sanções outrora impostas à Itália, concretizando assim a vitória definitiva de Mussolini não apenas sobre a Etiópia, mas também sobre a Liga das Nações. O *Duce* teria ainda que reprimir movimentos internos de resistência, muitos deles com financiadores externos, especialmente da França<sup>324</sup>, mas obtém certo êxito em implementar medidas como a circulação da lira italiana e investir em melhorias na infraestrutura<sup>325</sup> do país africano.

Com o desfecho da Guerra da Abissínia tem-se um cenário de crise na Europa, que mais tarde seria um fator decisivo para a deflagração da 2ª Guerra Mundial. A incapacidade da Sociedade das Nações em gerir o campo diplomático e garantir que seus pactos fossem respeitados, bem como a segurança de seus membros, foi em grande parte responsável por esse contexto. Além disso, as punições ineficazes aos países beligerantes escancararam o caráter dissimulado da instituição, que “não passava de mais um mecanismo utilizado pelas potências coloniais para garantir sua hegemonia e defender seus interesses estratégicos, dando-lhes uma aparência de legalidade e imparcialidade.”<sup>326</sup>

### 3.2 A LEGITIMAÇÃO DO CONFLITO PELO *IL GIORNALE DELL'AGRICOLTORE*

O periódico, desde os primeiros noticiários envolvendo os choques entre italianos e etíopes em território africano, coloca-se de forma clara e indubitável, como não poderia deixar de ser, ao lado da Itália. O ótica italiana é sempre a representada, e jamais o ponto de vista dos abissínios é considerado ou apresentado nas páginas do *Il Giornale dell'Agricoltore*. Assim, os primeiros incidentes que mais tarde levariam à deflagração do confronto são vistos como parte da incapacidade do governo de Adis Abeba em dominar rebeldes que atuam no

---

<sup>324</sup> Ibid., p. 149.

<sup>325</sup> Em cinco anos, 3.200 km de novas estradas foram abertos, juntamente com a construção de 25 hospitais, 14 hotéis e dezenas de agências de correios, centrais telefônicas, aquedutos, escolas e lojas (BARKER, 1979, p. 153).

<sup>326</sup> MARQUES, op. cit., p. 76.

contrabando e furto na fronteira do território etíope.<sup>327</sup> Dessa perspectiva, as responsabilidades pelo início das hostilidades caíram para o lado abissínio, já que grupos do país africano teriam invadido áreas italianas.

O incidente inicial, em Walwal, aparece como uma pequena nota no jornal, de pouca importância, a princípio. Esclarece-se que causaram “*bastante indignação no lado italiano*”, sendo que sofreram “*consideráveis prejuízos, causados pelos ataques previamente organizados das tropas abessínicas*”.<sup>328</sup> Após isso, o periódico relata, de forma sucinta, as tratativas de paz entre os dois países, e diversas vezes anuncia a proximidade de uma conclusão pacífica. Entretanto, apesar das avançadas tratativas diplomáticas em curso, a mobilização do exército italiano é também noticiada amplamente, com vívida adesão da população: “*Os fascistas de toda a Itália respondem com entusiasmo ao apelo de mobilização a eles feito para reforçar as tropas do exército acampadas nas colônias italianas da África Oriental*”.<sup>329</sup>

As notas sobre o embate permanecem bastante pontuais por meses, apenas restringindo-se aos avanços (ou estagnações) diplomáticos, a situação ainda tensa na fronteira do território italiano e etíope e a mobilização das forças armadas na Itália. Porém, sem evolução nas tratativas de paz e com a iminente deflagração do confronto se avizinando, o periódico publica uma entrevista com Mussolini à imprensa francesa esclarecendo a posição italiana. Nela, o *Duce* afirma seu compromisso com a paz, mas mostra também a postura incisiva da Itália frente ao jogo diplomático em que estava envolvida junto à Sociedade das Nações: “*A Itália também ama a paz e quer a paz. Mas a quer fundada na justiça. A Itália caminhará em linha réta naquilo que considera justo e que atenda às suas necessidades vitais*.”<sup>330</sup>

Mais adiante na entrevista, o chefe fascista deixa claro seu objetivo em relação à Etiópia:

Dissémos nós outros, com franqueza, o que queremos obter com essa operação colonial: nossa segurança em primeiro lugar e possibilidades de expansão para um povo prolífero que, tendo

<sup>327</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 14 fev. 1935. p. 1.

<sup>328</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 20 dez. 1934. p. 1.

<sup>329</sup> “*I fascisti di tutta l'Italia rispondono con entusiasmo all'appello di mobilitazione a loro fatto per rinforzare le truppe dell'esercito accampate nelle colonie italiane dell'Africa Orientale*.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 11 abr. 1935. p. 1.

<sup>330</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 19 set. 1935. p. 2

cultivado sobre sua terra, as vezes ingrata, sendo quando era cultivavel, não quer, entretanto, morrer de fome.

De outro lado não podemos viver na Eritrèia e na Somália sem precauções. Nesses estranhos países, segundo a confissão da própria comissão de Walwal, que não póde determinar nenhuma responsabilidade, as espingardas disparam sosinhas. [...] Temos um milhão de homens mobilizados. O paiz está pronto para jogar alegremente a partida. Ao primeiro sinal assistireis á mais formidável manifestação de um povo resoluto: dez milhões de homens mobilizados num dia. É notais que fóra desses exércitos de alerta, há os sindicatos operarios cujos minutos são preciosos, porque trabalham pela defesa nacional. Essa é a simples mobilização das forças do nosso partido.<sup>331</sup>

Aqui ficam claras as intenções italianas de invasão movidas não apenas pela alegada falta de segurança na região, mas também pela busca de um espaço para a expansão do próprio povo italiano.

A edição seguinte à entrevista de Mussolini conta com um longo artigo de capa intitulado “*Em que se fundam as pretensões italianas na Etiópia*”<sup>332</sup>. O principal argumento do texto é a necessidade italiana de “escoar” sua população sempre crescente para fora da península:

O clamor italiano no sentido de maior expansão territorial, a proposito da pendencia da Etiópia funda-se largamente na argumentação de que os antigos escoadouros para a emigração, particularmente os Estados Unidos, foram fechados.

A tendencia nacional para a expansão resulta de dois fatores: 1) necessidade de materias primas, especialmente ferro, carvão, algodão, lã e petrolio; 2) novos terrenos capazes de abrigar uma população que cresce com rapidez. Novos territorios além disso aos olhos dos italianos compensariam pelas injustiças do tratado de Versalhes na distribuição de colonias alemãs, principalmente da África.<sup>333</sup>

O artigo segue apresentando uma série de dados como o aumento populacional da Itália ao longo dos anos e o fechamento dos “escoadouros” emigratórios da França, Suíça e países da América Latina. Para isso, a Itália fascista teria realizado numerosos programas de criação de empregos novos, como a drenagem de pântanos e o desenvolvimento de áreas desertas. Todavia, esses empreendimentos não teriam sido suficientes e nem teriam produzido matérias-primas necessárias:

<sup>331</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 19 set. 1935. p. 2.

<sup>332</sup> Não é possível identificar a autoria do texto, o qual não aparece assinado. Apesar de estar na seção de notícias do serviço telegráfico, difere muito dos textos usualmente curtos e objetivos, de cunho noticioso, das agências telegráficas.

<sup>333</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 26 set. 1935. p. 1.

Com a suspensão da emigração e o exacerbamento da desocupação – embora esta tenha diminuído de modo considerável desde que foi inaugurado o programa africano de Mussolini, a Itália sustenta que a única solução sólida será a expansão. As autoridades peninsulares adiantam que essa expansão é uma necessidade urgente e justifica-se de todo. Lembram as cifras para a província de Milão que tem 725 habitantes por quilômetro quadrado, ou para a de Nápoles com 668.<sup>334</sup>

O principal ponto defendido pelo texto é, sem dúvida, a necessidade de expansão territorial em virtude do aumento da população na península. Sendo assim, seria uma necessidade natural, ou nas palavras de Mussolini, “uma necessidade fisiológica do povo italiano”<sup>335</sup>, imprescindível para o bom andamento do país. Não era baseado na necessidade mesquinha do mero enriquecimento. A busca por matéria prima aparecia também como algo importante, porém secundário.

A alegada tendência italiana para a colonização aparece também como um fator importante. Em outro discurso de Mussolini reproduzido pelo jornal, o *Duce* afirma que Itália é um “*povo de heróis, de santos, de poetas, de artistas, de navegadores e emigrantes colonizadores*”<sup>336</sup>. O caráter colonizador surge como uma qualidade comparável à santidade, à poesia e às artes. Em outra edição, um gráfico<sup>337</sup> mostra, em comparação a outros países (Bélgica, França e Inglaterra), que a Itália é o país com o maior povo colonizador e, ao mesmo tempo, o país com as menores detenções de posses coloniais. Assim, esse desajuste entre o grande número de colonizadores e o pequeno número de colônias aparece também como uma justificativa para a empresa militar na África.

<sup>334</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 26 set. 1935. p. 1.

<sup>335</sup> Apud GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda, 1994. p. 68.

<sup>336</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 17 out. 1935. p. 1.

<sup>337</sup> Novamente, não é possível identificar a autoria do gráfico ou a fonte da qual foi extraído.

Figura 12 - Gráfico de posses coloniais



Fonte: *Il Giornale dell'Agricoltore*, 31 out. 1935. p. 1

Outro argumento utilizado na busca da legitimação da invasão à Etiópia foram os supostos erros e as injustiças cometidas para com a Itália no Tratado de Versalhes. Um artigo ressalta a importante participação da Itália ao lado dos Aliados, sua solidariedade com as causas francesa e inglesa após a 1ª Guerra Mundial e o sacrifício de milhões de soldados. Por isso, o país recebeu apenas pequenas porções de territórios de fronteiras, enquanto França e Inglaterra dividiram entre si o grosso que a Alemanha foi obrigada a deixar. Após essas considerações, o texto reproduz a fala de um oficial fascista: “*Continueremo a guerra de 1918. E conquisteremo con le nostre forze e con la nostra firme vontade o que nos foi negado naquela época.*”<sup>338</sup> Proclamando o direito do país de expandir-se e prosperar, e tendo sido negado esse direito pelas vias diplomáticas, não restaria

<sup>338</sup> “*Continueremo la guerra del 1918. E conquisteremo con le nostre forze e con la nostra ferma volontà quello che ci fu negato in quell'epoca.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 14 nov. 1935. p. 1.

outro caminho à Itália senão o das armas: “*É por isso que o povo italiano apelou aos canhões e às baionetas.*”<sup>339</sup>

A legitimação da invasão da Abissínia parece ter estado na ordem do dia do jornal ao longo do ano de 1935. O periódico preocupou-se em apresentar diversos argumentos que justificassem tal atitude beligerante por parte da Itália. Num primeiro momento, tratou de jogar a responsabilidade nos incidentes de fronteira totalmente para o lado etíope, ao ponto de uma intervenção militar ser tratada como uma questão de segurança. A natureza emigrante e colonizadora do povo italiano foi ressaltada como uma necessidade primária que já não podia ser satisfeita pela simples emigração para outros países, sendo imprescindível então a expansão pela via imperialista, conquistando novas colônias, um direito que não lhe poderia ser tolhido, uma vez que outros países possuíam muito mais terras coloniais, mesmo sem um número expressivo de emigrantes. Por fim, até supostas injustiças cometidas no Tratado de Versalhes foram revisitadas como forma de justificação. A Itália, assim, estaria exercendo apenas um direito seu, tomando para si a tarefa de reparar as injustiças cometidas para consigo.

É interessante notar que a questão da vingança pelas derrotas sofridas em 1896, em Adowa, não são tocadas pelo *Il Giornale dell’Agricoltore*.<sup>340</sup> Uma das maiores motivações para os italianos, inclusive amplamente utilizada por Mussolini para despertar o interesse de suas massas, não aparece mencionada no jornal. É possível especular que o periódico estivesse mais preocupado em apresentar argumentos mais concretos e assimiláveis aos seus leitores que uma “simples vingança” de uma batalha ocorrida há três décadas.

### 3.3 ETIÓPIA: PAÍS DA BARBÁRIE

A invasão da Itália à Abissínia abriu um vasto leque de informações sobre o país africano que passou a ser veiculado no jornal. Essas informações apoiavam-se, na grande maioria das vezes, no contraponto do país portador da civilização latina e

---

<sup>339</sup> “*Ed ecco perché il popolo italiano há fatto appello al cannone ed alle baionette.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 14 nov. 1935. p. 1.

<sup>340</sup> Ao menos, não aparece nos jornais consultados. Não pode ser excluída a hipótese de que essa argumentação esteja presente em algum(s) dos números que foram perdidos e não constam na coleção do Arquivo Histórico de Caxias do Sul.

do país selvagem e atrasado. Buscando sempre reforçar essa dualidade, a representação da Etiópia será sempre através de atrocidades desumanas cometidas por seus soldados e pela barbárie na qual seu povo e o país inteiro estavam mergulhados.

Após os primeiros embates e as primeiras mobilizações dos soldados italianos para o embarque para a África, já é possível observar as tentativas iniciais de impor essa visão dualista entre os dois países. Na transcrição de um trecho do discurso de um senador italiano, o mesmo justifica o envio de tropas italianas para as colônias em território africano “*para a defesa daquelas terras, onde o [estandarte italiano] tricolor é símbolo e proteção da civilidade, ordem e trabalho*”<sup>341</sup>. O mesmo tom segue no noticiário sobre as tratativas diplomáticas mediadas pela Sociedade das Nações, onde há a pressão para que a entidade faça sua escolha “*entre um Estado moderno na vanguarda da civilidade*” ou “*um país bárbaro, obstáculo da expansão da civilidade na África*”<sup>342</sup>, “*indigno de lugar entre os povos civilizados*”<sup>343</sup>.

Para reforçar o lado primitivo e selvagem do povo abissínio, as notícias do jornal irão investir principalmente na questão do uso da violência de maneira bárbara pelos africanos. O periódico publica um longo texto de uma nota enviada pelo governo italiano à Sociedade das Nações acerca dos desrespeitos à lei e das atrocidades cometidas pelos etíopes no conflito<sup>344</sup>. Nele há incitações sobre o mau uso do emblema da Cruz Vermelha, o emprego de artilharia não prevista pela legislação internacional, e uma longa série de relatos detalhados sobre o uso desmedido de violência pelos soldados africanos em tropas italianas. Em outro artigo pode-se observar, também com detalhes, mais dessas atrocidades:

[...] onze soldados italianos feitos prisioneiros nas mãos dos abissínios, por ordem dos mesmos chefes sofreram rapidamente as mais horrendas mutilações. Depois de serem vendados, foram amarrados a um carro, arrastados por uma longa distância e reduzidos lentamente pedaços sanguinolentos. O fato provocou protestos de parte dos jornalistas estrangeiros.<sup>345</sup>

<sup>341</sup> “*per la difesa de quelle terre, ove il tricolore é simbolo e presidio di civiltá, ordine e lavoro*”. *Il Giornale dell’Agricoltore*, 28 mar. 1935. p. 1.

<sup>342</sup> “[...] *fra uno Stato moderno all’avanguardia della civiltá [...] e un paese barbaro, ostacolo all’espansione della civiltá in Africa*.” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 12 set. 1935. p. 1.

<sup>343</sup> “[...] *indegno di prendere posto tra i popoli civilizzati*”. *Il Giornale dell’Agricoltore*, 17 out. 1935. p. 1.

<sup>344</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 23 jan. 1936. p. 2.

<sup>345</sup> “[...] *undici soldati italiani caditi prigionieri nelle mani degli abissini, per ordine degli stessi capi hanno subito le più orrende mutilazioni. Dopo di essere stati accecati vennero attaccati a un carro,*

Várias notas menores ainda são publicadas, ao longo de todo o período do conflito, de atrocidades (e é esse o termo normalmente utilizado nas notícias) praticadas por etíopes, especialmente quando veiculadas em órgãos de imprensa ao redor do mundo, numa tentativa de demonstração de que não somente os italianos chocavam-se com o que estaria acontecendo no território africano.

Mas não só os atos violentos contra os soldados italianos são destacados pelo jornal. Também há relatos de atrocidades cometidas pelos governantes abissínios contra seu próprio povo. Em uma entrevista, publicada originalmente no *Corriere della Sera*, um ex-instrutor do exército da Etiópia, identificado como Cap. Jonke, há relatos de raptos de mulheres para servir aos chefes de províncias, a membros do governo e ao próprio *Negus*. Esses relatos dão conta ainda do uso extensivo de violência quando da cobrança de impostos das tribos no interior do país, e, principalmente, para punir rebeliões, com massacres inclusive de mulheres e crianças.<sup>346</sup>

Já para reforçar o lado da civilidade italiana, são expostos os benefícios adquiridos pelos etíopes através da invasão levada a cabo por Mussolini. O depoimento de um militar americano, identificado como Major Filke, em relação ao conflito, o qual o mesmo classifica como “*a maior empresa colonial da história e que, talvez, permanecerá insuperável*”, dá conta de que, já após os primeiros meses da presença italiana na Etiópia, é possível identificar grandes melhorias para o povo etíope: “*A obra feita pela Itália em favor da população é verdadeiramente uma obra luminosa de civilidade. [...] Essa gente miserável que vivia em uma barbárie absoluta em menos de quatro meses readquiriu um sentido mais elevado de vida.*”<sup>347</sup>

Outro ponto divulgado pelo *Il Giornale dell’Agricoltore* foi o decreto italiano, enviado à Sociedade das Nações por um comissário do país, onde declarava-se extinta a escravidão nos territórios ocupados pela tropas italianas. Parte do decreto é publicado no jornal:

---

*trascinati a lunga distanza e ridotti lentamente in brandelli sanguinolenti. Il fatto ha provocato le proteste indignate da parte dei giornalisti stanieri.” Il Giornale dell’Agricoltore, 23 abr. 1936. p. 2.*

<sup>346</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore, 27 fev. 1936. p. 2.*

<sup>347</sup> “*E’ la piú grandiosa impresa coloniale della storia e forse rimarrà insuperabile. [...] L’opera compiuta dall’Italia a favore delle popolazioni é veramente un’opera luminosa di civiltá. [...] Questa misera gente che viveva in una barbarie assoluta in meno di quattro mesi ha riacquistato un senso piú alto della vita.*” *Il Giornale dell’Agricoltore, 20 fev. 1936. p. 2.*

Escutai, população de Tigre, Amara e Goggian: a escravidão é um resto da antiga barbárie. Em cada parte onde flutua a bandeira italiana, não tereis mais escravidão. Proibi a compra e venda de escravos. Os escravos de seu país estão livres. Aqueles que precisarem de ajuda se apresentem às autoridades italianas e receberão a proteção necessária. Quem violar as presentes disposições será punido nos termos na lei.<sup>348</sup>

A associação da África com a escravidão e, por consequência, com a barbárie e selvageria primitivas, nas quais ainda estava mergulhada, é evidente. A Itália, assim, exercia o papel de portadora da civilidade romana, destruindo o hábito da escravidão e levando até os etíopes a civilização.

Aparentemente, também parece ter havido uma preocupação em demonstrar que o povo etíope estava, de modo geral, ao lado italiano em virtude de todos os benefícios levados por estes. Além do fim da escravidão, a diminuição de impostos pelos italianos produziu, segundo o periódico, impressões favoráveis na população local.<sup>349</sup> O próprio Mussolini confirma esse consentimento dos etíopes quanto à postura italiana no país, num discurso veiculado no jornal logo após a vitória em Adis Abeba: “*As multiplas raças e tribus do imperio desaparecido do Negus, provaram claramente que desejavam viver e trabalhar pacificamente, á sombra do pavilhão tricolor italiano.*”<sup>350</sup>

Apesar da representação negativa da Etiópia ser constante nos noticiários, é na seção humorística *Quattro ciacole fra done*, escrita pela esposa de Adolfo Randazzo, Jone, onde se pode encontrar as posturas mais incisivas sobre a questão. Em uma longa série de contos, Jone Randazzo narra as aventuras de *Ninin Gobo*, um típico imigrante italiano, que teria viajado até o país africano e presenciado sua realidade, e agora encontra-se relatando suas experiências às pessoas de sua comunidade local, que provavelmente localizava-se no interior da serra gaúcha. O uso extensivo de uma linguagem hiperbólica apresentará uma imagem por vezes até caricata da Etiópia, levando esse viés negativo, já apresentado no jornal, a níveis extremos.

<sup>348</sup> “*Ascoltate, popolazione del Tigré, Amara e Goggian: la schiavatù é un resto dell’antica barbarie. In ogni parte dove fluttua la bandiera italiana, non vi é più schiavitù. Ho proibito ala compra – vendita di schiavi. Gli schiavi del vostro paese sono liberi. Quelli che hanno bisogno d’aiuto si presentano alle autorità italiane, e riceveranno la necessaria protezione. Chi violerà le presenti disposizioni sarà punito a termini di legge.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 23 abr. 1936. p. 2.

<sup>349</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 13 jun. 1935. p. 1.

<sup>350</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 07 mai. 1936. p. 1.

O povo etíope, a fim de reforçar ao máximo a imagem de bárbaros, é comparado a animais: “*eram selvagens, piores que ursos, não queriam ver pessoas brancas, esses filhos de cachorros*” e viviam em casas que “*pareciam mesmo buracos de rato*”.<sup>351</sup> Descrevendo fisicamente os habitantes do país, *Ninin Gobo* diz que “*todas as pessoas são negras negras, parecem sacos de carvão, feias feias que não há como falar, e nunca bebem vinho, porca miséria!*”.<sup>352</sup> O personagem deixa claro seu incômodo por estar entre os africanos, não economizando adjetivos para isso: “[...] *preferiria mil vezes encontrar-me em meio aos nossos caros agricultores do Rio Grande antes de ver-me em meio a aquela bárbara gente negra selvagem*”.<sup>353</sup>

O país é descrito como um lugar inóspito, com “*estradas horríveis, de se colocar as mãos na cabeça*”<sup>354</sup>. Sobre a capital, Adis Abeba, “*é uma cidade quase toda formada de cabanas e tendas, tanto que se pode chamá-la de cidade acampamento, porque os abissínios gostam somente de tendas, e em todos os cantos botam tendas.*”<sup>355</sup> Como pode-se observar, a visão eurocêntrica é dominante, jamais considerando questões de ordem climática ou mesmo culturais em seu julgamento depreciativo.

Como nos noticiários, é dado destaque especial às atrocidades que o povo e o governo etíope cometiam.

Imaginem que nesses dias caiu um avião italiano, talvez por gasto no motor, e essas bestas humanas pegaram o oficial aviador, que desgraçadamente não morreu na queda do avião, e esses porcos bárbaros (que Deus me perdoe) o amarraram a um poste, lhe cortaram as mãos, os pés e depois lhe cortaram a cabeça, e a espetaram em um bastão, e levaram esse troféu macabro ao imperador.<sup>356</sup>

<sup>351</sup> “*La gente de quei paesetti che s’incontrava i gera selvadeghi, peso che i orsi, no i voleva vedare zente bianca, sti fioi de cani. [...] cassette, che le pareva proprio busi de rati.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 26 dez. 1935. p. 10.

<sup>352</sup> “*In Abissinia se vede tutta zente nera nera, i par tanti sacchi de carbon, brutti brutti che no ve digo, sfido mi, no i beve mai vin, porca la miseria!*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 09 jan. 1936. p. 10.

<sup>353</sup> “[...] *gaveria preferio mille volte de trovarme in mezo ai nostri cari contadini del Rio Grande, piuttosto che vedarme in mezo a quella barbara gente negra sevadega.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 23 jan. 1936. p. 10.

<sup>354</sup> “[...] *strade orribili, proprio da meterse le man soi cavei.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 26 dez. 1935. p. 10.

<sup>355</sup> “*La ze una città quase tutta formada de capanne, de tende, de tendoni, tanto che se pol ciamarla città accampamento, perché gli Abissini ghe piazze solamente tende, e in tutti i cantoni i mette tende.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 09 jan. 1936. p. 10.

<sup>356</sup> “*Figureve, che in sti giorni ze cascá zo un’aeroplano Italiano, purtroppo per un guasto del motor, e ste bestie umane, i ga ciapà l’ufficial aviador che disgraziatamente nol gera morto cascando con l’aeroplano, e sti porci barbari, (che Dio me perdona) i lo ga ligà ad un palo, i ghe ga tagià le man, i*

Em outra edição, há o relato de príncipes abissínios que, assistidos por uma multidão, ateam fogo a pessoas por pura diversão, descrito como “*um horrendo espetáculo, digno do inferno*”, em que o personagem conclui que “*a crueldade é uma característica do povo abissínio*”.<sup>357</sup>

Em um dos últimos relatos descrevendo o país africano, ainda há referências à escravidão e ao tratamento desumano ao qual são submetidos os escravos, mesmo sendo mulheres ou crianças. O personagem de Jone Randazzo, por fim, declara:

Quanto mais vocês lerem, mais sentirão vontade de estar sempre contentes com o seu estado, porque ao comparar com o daquelas pobres criaturas que se encontram na Abissínia, nós, mesmo que não haja apenas rosas e flores, estamos em um Paraíso. [...] E rezemos a aquela gente sem coração, mas rezemos porque eles tem que morrer com raiva, torturados, mutilados, da mesma morte que fazem morrer os nossos pobres soldados e os pobres escravos, e esperamos sinceramente, de todo o coração, que esteja preparado para eles o inferno.<sup>358</sup>

Até mesmo a invocação da religião cristã como forma de julgamento é utilizada como recurso a fim de deixar evidente a gravidade do cenário etíope, principalmente nos inúmeros casos relatados pelo jornal de soldados italianos torturados e mortos. Assim, devia-se rezar para que os responsáveis por isso tivessem o mesmo fim e que fossem condenados ao inferno.

Como ao abordar a figura de Mussolini, analisada no primeiro capítulo, a coluna *Quattro ciacole fra done* não serviu, nesse caso, para introduzir ideias ou fatos novos, mas sim para reforçar o que já estava sendo noticiado pelo jornal. Sua função parece ser a de procurar mobilizar com maior intensidade a atenção do leitor para a questão ao utilizar uma linguagem mais simples, escrita em dialeto vêneto (e

---

*pedii[...] i ghe ga tagiá la testa, e i la ga impirada insima de un baston, e i ga portá questo trofeo macabro all'Imperador.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 23 jan. 1936. p. 10.

<sup>357</sup> “[...] *chel gera un'orrendo spettacolo, degno dell'inferno! [...] la crudeltà la ze una caratteristica della gente Abissina.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 20 fev. 1936. p. 10.

<sup>358</sup> “*Più lezé e piú ghe ne sentiré de essar sempre contenti dei vostro stato, perché al confronto de quele povere creature che se trova in' Abissinia, noaltri se no rose e fiori, semo in un Paradiso. [...] E a quela gente senza cuor e senza coradela preghemo anca, ma preghemo perché i gavia da morir rabiosi, martorizai, mutilai, dela stessa morte che i fa morir i nostri poveri soldai e i poveri schiavi, e ghe auguremo sinceramente, de tutto cuor che ghe sai prepará per lori l'inferno.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 05 mar. 1936. p. 10.

não no italiano *standard*, como o restante do periódico), e ao mesmo tempo, rica em hipérboles, que torna a imagem da Etiópia mais clara para o leitor.

De modo geral, ao longo de todas as notas veiculadas pelo periódico em torno da questão ítalo-abissínia, a preocupação em mostrar as boas intenções da Itália é clara. O país europeu busca apenas expandir e levar aos africanos a civilidade romana e tirar o seu povo da barbárie tribal, enquanto o governo de Hailé Selassié procura apenas colocar barreiras nessa expansão italiana. A apresentação do fascismo enquanto portador da civilidade ao país da barbárie é a tônica que o jornal guiou-se durante todo o conflito, que também foi a tônica imprimida pelo próprio regime fascista à questão. O ponto definitivo em que essa visão antagônica pode ser confirmada como sendo não apenas uma visão do jornal, mas também do próprio fascismo, é no discurso de Mussolini, transcrito pelo periódico, logo após o triunfo definitivo sobre Adis Abeba, onde o próprio *Duce* afirma que “*a civilização triunfou sobre o barbarismo*”<sup>359</sup>.

Toda essa retórica parece também ter o claro objetivo de legitimar a invasão fascista no país africano. A representação maniqueísta de Itália e da Etiópia, do “bem” contra o “mal”, pretende, por si só, justificar a intervenção italiana na África, que, numa visão completamente eurocêntrica dos fatos, seria benéfica também para o povo etíope, que agora passaria a ter acesso à civilidade romana portada pelo fascismo.

#### 3.4 “*INGLESI, STI NATI DA CANI*”: O CONFLITO DIPLOMÁTICO COM OS INGLESES E AS SANÇÕES ECONÔMICAS

Os atritos diplomáticos nos quais a Itália esteve envolvida logo após os primeiros choques em Walwal, e depois, no decorrer do próprio confronto, receberam atenção e julgamento especial do periódico. Foi grande a mobilização do *Il Giornale dell’Agricoltore* para tratar principalmente dos assuntos envolvendo as sanções impostas aos italianos pela Sociedade das Nações, e dentro desse contexto, os ingleses foram apontados como os principais arquitetos dessa punição. Assim, a Inglaterra será o principal alvo do jornal e um grande esforço para desmerecer sua imagem tomará lugar em suas páginas.

<sup>359</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 07 mai. 1936. p. 1.

Assim que a Liga das Nações foi acionada para mediar o jogo diplomático entre Itália e Etiópia, notícias criticando as posições inglesas anti-italianas vieram à tona no periódico. Apesar de outros países também posicionarem-se contra a Itália, a exemplo da França, é a Inglaterra que será responsabilizada pelas sanções impostas à Itália. É importante aqui ressaltar que a Sociedade das Nações é apresentada sempre sob o comando dos interesses britânicos, um “*teatro*”, “*onde a famosa Inglaterra faz todas as nações dançarem como marionetes ao seu comando*”<sup>360</sup>.

Num primeiro momento, o periódico noticia as preocupações e críticas dos próprios britânicos acerca da postura anti-italiana de seu país.<sup>361</sup> A retirada da Itália da Liga das Nações e uma possível declaração de guerra contra a Inglaterra era um temor dos britânicos, que, segundo um deputado conservador inglês, não dispunham um efetivo militar e uma aviação comparável a dos italianos.<sup>362</sup> Na já anteriormente referenciada entrevista de Mussolini, o *Duce* não descarta um conflito entre os dois países, mencionando ainda a existência de interesses escusos dos britânicos, apesar da boa relação entre as nações:

Tivemos pelo povo inglês uma amizade sincera, uma amizade fièl ao longo dos annos. Mas achamos hoje monstruoso que essa nação nos recuse um pobre pedaço de terra sob o sol africano. Muitas vezes, e sob todas as fórmãs, dei á Grã Bretanha a segurança de que seus interesses na Abissínia seriam escrupulosamente salvaguardados. Mas os interesses pelos quais ela entra tão duramente na opposição contra nós são outros e ela não o diz. [...] Compreendi bem que jamais partirá de nós um ato de hostilidade contra uma nação da Europa. Mas se praticarem contra nós um ato de guerra será então a guerra! A Italia não a deseja, mas não a receia.<sup>363</sup>

Em outra oportunidade, o periódico reproduz um discurso de Mussolini em Roma, no dia 2 outubro, já falando sobre as sanções e ainda uma possível guerra na Europa:

Às sanções econômicas, responderemos com a nossa disciplina, com a nossa sobriedade, com o nosso espírito de sacrifício. Às

<sup>360</sup> “[...]teatro dela Lega dele Nazion, dove la famosa Inghilterra la fa balar tutte le nazion come tanti burattini ai so comandi.” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 21 mai. 1936. p. 10.

<sup>361</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 29 ago. 1935. p. 1.

<sup>362</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 12 set. 1935. p. 1.

<sup>363</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 19 set. 1935. p. 2.

medidas de caráter militar, responderemos com medidas militares. Aos atos de guerra, responderemos com atos de guerra. [...] faremos todo o possível para que este conflito de natureza colonial não assuma o caráter e o porte de um conflito europeu. [...] [Mas] é contra este povo ao qual a humanidade deve algumas de suas maiores conquistas [...] que se ousa falar de sanções!<sup>364</sup>

Aqui já é possível observar o caráter supostamente injusto das sanções econômicas impostas ao povo italiano. Essa abordagem da Itália enquanto vítima das injustiças cometidas especialmente pelo governo britânico será a tônica do *Il Giornale dell'Agricoltore* ao tratar da questão e uma verdadeira campanha visando prejudicar a imagem da Inglaterra será capitaneada pelo periódico.

Uma reportagem publicada tendo como fonte o periódico francês *Gingoire* e escrita pelo jornalista Henry Berald, intitulada “*É preciso reduzir a Inglaterra á Escravidão*”<sup>365</sup>, é um exemplo dessa abordagem taxativa à Inglaterra. Falando sobre a grande autoridade imposta pelos ingleses em sua política externa, diz ser “*terminantemente proibido a qualquer, desejar um pedaço de terra ou uma poça d’agua sem a licença explicita de sua Magestade, [...] submetida à aprovação do Stock Exchange*”<sup>366</sup>. Como citado, os interesses financeiros são mostrados como o guia das ações diplomáticas inglesas, dos quais o mundo inteiro teria sido vítima: “*Não existe uma sò nação sobre a terra que não tenha sido vítima do teu orgulho das tuas violencias da tua avidez, das tuas perfidias, da ‘fé britannica’, afinal.*”

O senso de injustiça é acentuado também quando o periódico traz à tona o conflito sino-japonês, onde a ação japonesa na China não foi reconhecida como guerra e não houve imposições de sanções comerciais ao Japão, tendo a Sociedade das Nações ignorado o apelo chinês.<sup>367</sup> Essa visão é ainda reforçada na transcrição de trechos do discurso de Mussolini na reabertura do parlamento italiano, onde o *Duce* fala que sanções não haviam sido aplicadas anteriormente nem em casos

<sup>364</sup> “*Alle sanzionii economiche risponderemo com la nostra disciplina, com la nostra sobrietá, col nostro spirito di sacrificio. Alle misure di carattere militare risponderemo com misure militare. Agli attie di guerra risponderemo com atti di guerra. [...] faremo tutto il possibile che questo conflitto di natura coloniale non assuma a la portata di un conflitto europeo. [...] é contro questo popolo al quale l’umanità deve alcune delle sue maggiori conquiste [...] che si osa parlare di sanzioni!*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 17 out. 1935. p. 1.

<sup>365</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 7 nov. 1935. p. 1.

<sup>366</sup> Bolsa de valores.

<sup>367</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 5 dez. 1935. p. 1.

“*infinitamente mais graves*”, referindo-se a elas como “*pena de morte por asfixia econômica*”.<sup>368</sup>

Pode-se observar aqui a Itália apresentada não como vítima única dos britânicos, mas inserida num contexto no qual o mundo inteiro teria sofrido com as imposições autoritárias e calcadas no interesse financeiro da Inglaterra. Procura-se trazer todos os outros países para o lado italiano através do viés comum das imposições diplomáticas e financeiras do governo britânicas, especialmente rigorosas para com o caso italiano e que em outras ocasiões havia sido complacente. Esse comportamento diplomático da Inglaterra chega a ser rotulado propriamente de antifascista<sup>369</sup>, visando obstaculizar a necessária expansão proposta pelo governo italiano. Essa postura aparece justificada pela avidez dos ingleses que “*são tão famintos que desejam se alimentar também das necessidades do povo italiano*”<sup>370</sup>.

O ápice, porém, da difamação da imagem britânica vai se dar através de personagens dos contos de Jone Randazzo, publicados na coluna de natureza humorístico *Quattro ciacole fra done*. Novamente, o apelo para uma linguagem hiperbólica fará com que a representação da Inglaterra seja feita por um viés extremamente negativo e, por muitas vezes, ofensivo.

Os ingleses, esses filhos de cachorros, desfrutadores do suor dos outros, egoístas que vivem dominando com as suas [libras] esterlinas meio mundo, que fazem trabalhar como tantos animais 500 milhões de pobres cristãos. Malditos de Deus, e têm coragem de dizer que os Abissínios são um povo civilizado!

Sabem vocês quem são os que fornecem armas, fuzis, metralhadoras, canhões aos Abissínios para trucidar os soldados do exército italiano? Os ingleses!

Sabem vocês quem tem bolas explosivas chamadas dum-dum, para massacrar soldados italianos? Os ingleses!

Sabem quem dá dinheiro aos Abissínios para ir adiante com a guerra, para cortar a cabeça e mutilar os nossos pobres soldados, que desgraçadamente o destino faz cair nessas mãos porcas? Os ingleses!

Sabem quem encoraja e ajuda os Abissínios, quem mobiliza todos os seus navios de guerra, o seu exército, esperando fazer morrer de fome e de privações as mulheres e os filhos dos soldados italianos que combatem na África? Os ingleses!

<sup>368</sup> // *Il Giornale dell'Agricoltore*, 12 dez. 1935. p. 1.

<sup>369</sup> // *Il Giornale dell'Agricoltore*, 27 fev. 1936. p. 2.

<sup>370</sup> “[...] gli Inglesi sono così affamati che vorrebbero mangiare anche i bisogni del popolo italiano”. // *Giornale dell'Agricoltore*, 05 mar. 1936. p. 10.

Sabem quem gostaria de destruir a religião cristã, destruir o Papa, destruir todas as Igrejas católicas? Os ingleses!

Por sorte há um Deus, e este Deus deu à Itália um Chefe de Governo, que é *Mussolini*.<sup>371</sup>

É possível perceber o apelo religioso, presente não somente neste recorte, mas ao longo de vários textos, invocando a justiça divina para resolver a questão. Assim, os ingleses não estariam somente contra os italianos, nem apenas contra os países aos quais impunham sua política, mas também contra o próprio deus cristão, o mesmo deus que enviou Mussolini para reerguer a Itália através do fascismo.

Em outro momento, enquanto o *Ninin Gobo*, o personagem de Jone Randazzo, fala sobre as atrocidades perpetradas pelo governo etíope em punições criminais, como a amputação de dedos das mãos, mesmo em casos de furtos menores e cometidos por indivíduos que querem apenas saciar sua fome, não deixa de relacionar os ingleses a esse tipo de ato: “*Essa é uma forma de civilidade que os nossos caros e simpáticos ingleses gostam muito*.”<sup>372</sup> Os ingleses são equiparados aos etíopes em questões como a falta da civilidade e a conduta egoísta e desumana, tanto no que tange à política internacional quanto ao conflito em si: uma “*raça nefasta, pérfida e desfrutadora que se chama ingleses*”<sup>373</sup>.

Esses são apenas alguns dos inúmeros exemplos em que as atrocidades e a conduta supostamente cruel do povo abissínio são apresentadas como tendo o aval, estímulo e financiamento do governo britânico. Em dado momento, o periódico chega ao ponto de descrever os britânicos como meros servos na mão do imperador da Etiópia. O mesmo *Ninin Gobo*, numa fictícia conversa que teve com o governante etíope, declara:

---

<sup>371</sup> “*I Inglesi, sti nati de cani e stracani, sfruttatori del sudor dei altri, egoisti che i vive dominando con le so sterline mezo mondo, che i fa lavorar come tante bestie 500 milioni di povari cristi. Maledetti da Dio, e i ga coragio de dir che i Abissini ze un popolo civil! Savé voialtri, chi che ze, che fornisse de armi, fucili, mitragliatrici, de cannoni l’Abissini per trucidar i soldai dall’esercito Italiano? L’Inglesi! Savé voialtri, chi ze che ghe da le palle esclusive ciamade dum-dum, per massacrar i soldai Italiani? L’Inglesi. Savé chi da i soldi ai Abissini per andar avanti con la guerra, per tagiar la testa e mutilar i nostri povari soldai, che disgraziatamente el destin li fa cascar in quele porche man? L’Inglesi. Savé chi incoragia e aiuta i Abissini, chi mobiliza tutte le so navi da guerra, el so esercito, sperando de far morir da fame, e de privazion le mogli e i fioi dei soldai Italiani che combatte in’Africa? L’Inglesi. Savé, chi ze che voría distruger la religion cristina, distruger el Papa, distruger tutte le Chiese cattoliche? L’Inglesi!. Fortunadamente un Dio el ghe ze, e questo Dio el ga dá all’Italia un Capo del Governo, che ze Mussolini.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 23 jan. 1936. p. 10.

<sup>372</sup> “*Questa [...] la ze una forma di civiltà che ghe piàze tanto ai nostri cari e simpatici Inglesi!*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 20 fev. 1936. p. 10.

<sup>373</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 16 jan. 1936. p. 10.

[...] um dia falei como Selassìe, o imperador da Abissínia, e lhe perguntei quais eram os melhores servos que haviam. E ele me respondeu, cheio de entusiasmo, que os melhores servos de todos, os mais humildes, os mais fiéis, os mais afetuosos, os mais 'lambepratos', os mais 'lustra-sapatos', eram os ingleses.<sup>374</sup>

O papel de protagonista que a Inglaterra ainda ostentava na política e na economia internacional nas primeiras décadas do século XX seria graças a esse seu comportamento egoísta, autoritário e imperialista frente às outras nações que buscavam desenvolvimento. Segundo o personagem de Jone Randazzo, era o que estava acontecendo com a própria Itália, sufocada pelos interesses britânicos:

O egoísmo é a religião dos senhores ingleses porque dizem: façam aquilo que eu digo, e não façam aquilo que eu faço. E é por isso que a Inglaterra é chefe de meio mundo. Esta filha de um cachorro sempre massacrou, e quer impedir os italianos que não tem terra para viver de ir pegar um pedaço na Abissínia, país de bárbaros e escravos, para mandar a sua gente trabalhar e comer.

Mas existe um Deus também para vocês, meus caros ingleses, ponham uma mão sobre esse duro coração, simpáticos ingleses, que se não há justiça no mundo daqui, no mundo de lá há com certeza. E como felicitação de Páscoa desejo que venha a vocês aquilo que eu penso, filhos de cachorros, que por sua causa é derramado tanto sangue de tantas almas boas e inocentes.<sup>375</sup>

Paralelo a esse esforço difamatório contra os ingleses, o jornal divulga a campanha da *Camara Italiana di Commercio di S. Paulo* contra as sanções impostas pela Liga das Nações. O presidente da *Camara* proclama que é um dever de todos os italianos no Brasil seguir as seguintes normas de solidariedade à Pátria:

- a) Adquirir somente produtos italianos, brasileiros ou provenientes de países não sancionistas, com espontânea e absoluta exclusão dos produtos de qualquer outro país.
- b) Eliminar da casa, da família, do escritório, do negócio, todos os produtos que não são italianos, brasileiros, ou provenientes de

<sup>374</sup> “[...] un giorno go parlà con Selassìe l'imperador dell'Abissinia e ghe go domandá quali che gera i servi meglio chel gaveva. E lu me ga risposto pien de entusiasmo, che i servi meglio de tutti, i piú umili, i piú fedeli, i piú affetuosi, i piú lecapati, i piú lustra scarpe, i gera gli Inglesi.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 26 mar. 1936. p. 10.

<sup>375</sup> “L'egoismo, ze la religion dei signori inglesi perché i dize: Fate quello che io vi dico e no fate quello che io faccio. E ze per questo che l'Inghilterra ze parona de mezo mondo. Sta nata d'un can, la ga sempre massacrà, e la vol impedir ai Italiani che no i ga terra per viver, da andarse ciapar un toco de Abissinia, paesi de barbari a de schiavi, per mandar la so gente a lavorar per magnar.” “Ma un Dio el ghe ze anca per voialtri, cari i me inglesi, meteve pur una man su quel duro cuor, simpatici inglesi, che se no ghe ze giustizia al mondo de quà, al mondo de lá ghe ne ze serto. E come augurio de Pasqua a ve auguro che ve vegna quello che penso mi, fioi de cani, che per causa vostra va sparso tanto sangue de tante anime bone i innocenti.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 16 abr. 1936. p. 10.

- países não sancionistas, e desenvolver uma tenaz propaganda destas normas no círculo das próprias relações.
- c) Não frequentar os cinemas onde se apresentam filmes dos países sancionistas.
  - d) Formar assim um front único afim que também no Brasil os países sancionistas sintam o valor moral e econômico das nossas contra-sanções.<sup>376</sup>

Além da propaganda anti-sancionista, o periódico passa também a convocar os próprios italianos residentes no Brasil a aderir à essa campanha através de medidas práticas, exequíveis no próprio cotidiano dos cidadãos.

Publicando também as políticas de contra-sanções tomadas pela Itália aos países que as aderiram<sup>377</sup>, o periódico esforça-se para provar que as políticas sancionistas não serão eficazes contra os italianos. A ineficácia das sanções se deverá principalmente às medidas disciplinares tomadas pelo governo fascista, visando intensificar a busca pela completa autonomia de importações, valorizando, com isso, o próprio povo italiano, “*capaz de todos os esforços e todos os sacrifícios*”<sup>378</sup>. Em outro trecho, exaltando a estabilidade dos títulos italianos no mercado, não obstante às sanções, o periódico declara que “*o povo está todo unificado e corresponde generosamente ao apelo do governo*”<sup>379</sup>.

Pode-se observar com clareza a intenção do *Il Giornale dell'Agricoltore* de declarar o povo italiano e o governo fascista como unidos em torno do mesmo objetivo. Segundo o olhar do periódico, as sanções unificaram o povo italiano em torno dos ideais fascistas, e todos estão doando-se com disciplina e tenacidade à causa expansionista italiana. Dessa forma, não há espaços para dissidências, e esse sacrifício à causa fascista deve estender-se também aos italianos e seus descendentes habitantes de terras brasileiras. A campanha difamatória e ofensiva contra a Inglaterra parece ter o objetivo primordial de criar um inimigo comum ao qual os italianos devem combater em nome de sua pátria e de seu *Duce*. Essa mobilização, preocupada também em demonstrar todas as injustiças sofridas pela

<sup>376</sup> “a) *Acquistare solamente prodotti italiani, brasiliani o provenienti da Paesi non sanzionisti, colla spontanea ed assoluta esclusione dei prodotti di qualunque altro Paese. b) Eliminare dalla casa, dalla famiglia, dall'ufficio, dal negozio, tutti i prodotti che non siano italiano, brasiliani o provenienti dai Paesi non sanzionisti, e svolgere una tenace propaganda di queste norme nel circolo delle proprie relazioni. c) Non frequentare i cinematografi dove presentano films dei paesi sanzionisti. d) Formare così un fronte unico affinché anche nel Brasile, i paesi sanzionisti, sentano il valore morale ed economico delle nostre contro-sanzioni.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 19 dez. 1935. p. 1.

<sup>377</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 14 nov. 1935. p. 1

<sup>378</sup> “Il popolo italiano, accettando la dura disciplina che gli é imposta, è capace di tutti gli sforzi e di tutti i sacrifici.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 23 jan. 1936. p. 1.

<sup>379</sup> *Il Giornale dell'Agricoltore*, 05 mar. 1936. p. 1.

Itália, teria também a intenção de legitimar a invasão da Etiópia e irá servir como pretexto para convocar todos os italianos e seus simpatizantes a fazerem doações em ouro para a *Madre Italia*.

### 3.5 REPERCUSSÃO REGIONAL DO CONFLITO

O conflito ítalo-abissíneo gerou também repercussões locais, na serra gaúcha, e algumas delas foram dignas de registro pelo periódico. Porém, o grande destaque no qual *Il Giornale dell'Agricoltore* irá concentrar-se é o da mobilização regional pela doação de ouro à nação italiana em virtude do delicado momento vivido em função das sanções diplomáticas impostas pela Sociedade das Nações e a guerra em curso, que iria sugar parte considerável das economias italianas.

O jornal já publicava notas de doação de ouro à Itália em várias localidades do mundo onde houvesse uma coletividade italiana, como Nova York, Buenos Aires, e, é claro, na própria Itália, antes de aderir à campanha na região. A mais marcante dessas cerimônias de doação, foi, sem dúvida, a doação dos anéis nupciais do Rei e da Rainha da Itália. O periódico noticia o fato, transcrevendo também o telegrama que a Rainha Helena de Montenegro teria enviado a Mussolini:

Desejo comunicar-lhe que entre os numerosos anéis que as mulheres da Itália oferecerem para a glória da grande e cara Pátria, se encontrarão o anel nupcial do Rei, símbolo de afeto e de fé, e o meu, que doo como júbilo à Pátria. Este anel representa aquilo que tenho de mais caro, porque me lembra o dia em que tive a felicidade de me tornar italiana.<sup>380</sup>

Essas notícias de doação de ouro em várias localidades do mundo serviriam como estímulo para a campanha, que o próprio jornal iria ajudar a promover na região, de recolhimento de objetos de ouro em Caxias.

O periódico adere à campanha na região no final de dezembro do ano de 1935. Um texto publicado na capa, aparentemente de autoria de Adolfo Randazzo, intitulado “*Os deveres dos bons italianos para com a Pátria*”, fala sobre a iniciativa

---

<sup>380</sup> “*Desidero comunicarVi che fra i numerosi anelli nuziali che le donne d'Italia offrono per la gloria della grande e cara Patria, si troveranno l'anello nuziale del Re simbolo di affetto e de fede, e il mio anello che dono con giubilo alla Patria. Questo anello rappresenta ciò che ho di più caro, perchè mi ricorda il giorno in cui ho avuto la felicità di diventare italiana.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 26 dez. 1935. p. 1.

do *Comitato di Assistenza e Propaganda Pro Italia*<sup>381</sup>, destinada a recolher dinheiro e objetos de ouro e prata “*para contribuir e tornar nulo o assédio econômico com o qual a Liga das Nações, instigada pela Inglaterra, se iludiu de poder humilhar a Itália*”. O texto convoca os italianos a depositarem seus anéis nupciais no Altar da Pátria para cumprir um dever sagrado para com a nação: “*a nossa coletividade Caxiense não faltará ao sacrossanto dever de ajudar a Mãe Itália para que possa, sob a guia iluminada do Duce, sair vitoriosa sobre os que tentaram prostrá-la e humilhá-la.*”<sup>382</sup>

Na coluna *Quattro ciacole fra done* também é possível encontrar o mesmo tipo de discurso. Exaltando a unidade da Itália gerada pela mobilização da população na doação de objetos preciosos, ao mesmo tempo incentivam o leitor a fazer o mesmo, e ainda que não possua bens para doar, pode orar pelo país. Jone Randazzo escreve um diálogo entre dois de seus personagens:

- Quero dizer que na Itália há um entusiasmo geral, uma fé viva, um verdadeiro sentimento de patriotismo. Todos dão à Itália o que tem, todos dão ouro, prata, presentes preciosos, lembranças caras, sinal que a nossa querida Itália merece.
- E eu, que não tenho ouro, nem prata, nem dinheiro, o que posso fazer?
- Se não tens nada, não pode dar nada, mas és devoto de Nossa Senhora e de Santo Antônio de Pádua, e poderás ajudar com as suas preces.<sup>383</sup>

Novamente, a utilização do catolicismo pode ser percebida como um apelo importante no discurso do periódico e na sua relação com o fascismo.

Na última edição do ano de 1935 é publicado, finalmente, o anúncio do *Comitato di Assistenza e Propaganda Pro Italia*, onde há a convocação de fato da população para a cerimônia, com hora e local marcados:

<sup>381</sup> Não foram encontradas maiores informações sobre a entidade.

<sup>382</sup> “[...] *per contribuire a rendere nullo l'assedio economico coi quali la Lega delle Nazioni, istigata dall'Inghilterra s'è illusa di poter umiliare l'Italia. [...] la nostra collettività Caxiense non mancherà al sacrosanto dovere di aiutare la Madre Patria onde possa, sotto l'illuminata guida del Duce, uscire vittoriosa trionfando su quanti tentarono prostrarla ed umiliarla.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 19 dez. 1935. p. 1.

<sup>383</sup> “*Vogió dirve che in Italia ghe ze un intusiasmo general, uma viva fede, el vero sincero patriottismo. Tutti dà all'Italia quello che i gá tutti regala oro, argento, regali preziosi, memorie care, segno che la nostra Italia merita. [...] E mi, che no gó ne oro, ne argento, ne soldi, cossa posso far? [...] San Marco per forza caro Ninin – dize Giorgio – se no gavè gninte, no podê dar gninte, mas se tanto divoto de la Madonna e de Sant'Antonio de Padova che podarè aiutar con la vostra preghiera.*” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 19 dez. 1935. p. 10.

Aos italianos e descendentes de italianos:

Avisamos que no dia 1º de janeiro, ÀS 9 HORAS DA MANHÃ, na sede deste *Comitato* (Edifício da Sociedade Italiana “Príncipe de Nápoles”), com a presença do R. V. Cônsul Dr. Celeste Gobbato, do dirigente do *fascio* local Giovanni Cucchiari, e também dos encarregados deste *Comitato*, se efetuará a patriótica cerimônia de oferta do Anel Nupcial, em troca do Anel de Ferro, em lembrança da execrada data (18 de novembro de 1935) do declarado assédio econômico à Itália da Liga das Nações. Estamos certos de que todos entusiasticamente entenderão este sublime ato de patriotismo, para a grandeza da Pátria.<sup>384</sup>

A edição seguinte do periódico repercute o resultado da cerimônia<sup>385</sup>, destacando o “*magnífico exemplo da coletividade italiana de Caxias*”<sup>386</sup>, onde houve participação de pessoas de todas as idades e condições sociais. Pode-se observar presenças de nomes políticos importantes da cidade, como o de Rômulo Carbone e do prefeito Dante Marcucci.

O periódico calcula que foram levantados 40 contos de réis em objetos de ouro nesse primeiro dia de arrecadação. Esse é o único valor divulgado no periódico relativo às doações em Caxias. É possível fazer o exercício de comparação com São Paulo, onde o esforço em enviar dinheiro à Itália foi grande (6 mil contos de réis em dinheiro, 500 em ouro e mais 1.700 em mercadorias), totalizando mais de 8 mil contos, ou 9 milhões de liras.<sup>387</sup> Apesar da desproporção entre as duas cidades ser grande, parece evidente que o valor arrecadado em Caxias é baixo, e a mobilização provavelmente não teve a adesão esperada pelos seus idealizadores, mesmo com os mais de 160 nomes que aparecem listados como doadores nesse primeiro dia de cerimônia.<sup>388</sup>

---

<sup>384</sup> “*Agli Italiani e discendenti d’Italiani - Avvisiamo che il giorno 1.o GENNAIO, DALLE ORE 9 DEL MATTINO, nella sede di questo Comitato (Edificio della Società Italiana “Principe di Napoli”, alla presenza del R. V. Console, Dr. Celeste Gobbato, dei dirigenti il locale Fascio “Giovanni Cucchiari”, nonchè degli incaricati di questo Comitato, si effettuerá la patriottica cerimonia dell’offerta dell’Anello Nuziale, in cambio dell’Anello di Ferro, a ricordo della esecrata data (18 Novembre 1935) del dichiarato assedio economico all’Italia, dalla Lega delle Nazioni. Siamo certi che tutti entusiasticamente, compiranno questo sublime atto di patriottismo, per la grandezza della Patria.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 26 dez. 1935. p. 10.

<sup>385</sup> É importante notar aqui que essa edição do jornal é publicada em 2 de janeiro de 1936, apenas um dia após a realização da cerimônia. Dada a impossibilidade prática, devido ao maquinário da época, de escrever a notícia e imprimir os números do periódico tão perto da data de publicação, é razoável pensar que o texto tenha sido produzido (e impresso) antes da realização da cerimônia.

<sup>386</sup> “*Oro all’Italia – il magnifico esempio della collettività italiana di Caxias.*” *Il Giornale dell’Agricoltore*, 02 jan. 1936. p. 10.

<sup>387</sup> BERTONHA, op. cit., p. 255.

<sup>388</sup> *Il Giornale dell’Agricoltore*, 09 jan. 1936. p. 9.

Outra informação relevante constante no periódico é a de que, ao depositar o anel nupcial, de ouro, no Altar da Pátria, este era recebido por Aristide Germani, e trocado por um anel de metal, oferecidos pela Metalúrgica Abramo Eberle.<sup>389</sup> É uma forte indicação de que ambos eram dois dos principais nomes ligados ao movimento fascista regional, inclusive, no caso de Abramo Eberle, utilizando abertamente sua empresa como patrocínio ao mesmo.

O jornal oferece alguns indícios de que há uma continuidade nessas cerimônias de doação<sup>390</sup>, porém, não há mais notícias veiculadas sobre. Com esse silêncio, pode-se supor que não houve um número significativo de doadores como na primeira edição do evento. Também é importante observar a Sociedade Príncipe de Nápoles como sede dessas celebrações, o que indica um protagonismo da entidade em relação ao movimento fascista.<sup>391</sup>

Sem dúvida, a mobilização regional pela coleta de ouro foi o grande evento decorrente da repercussão regional do conflito ítalo-abissínio. Porém, aparte disso, o periódico ainda publica algumas outras notas relacionadas à questão. Uma delas é um manifesto anti-sancionista, enviado por uma senhora residente em Caxias à sua prima, residente na cidade italiana de Padova e que, segundo o jornal, foi difundido entre os italianos pelo *Comitato* local. O manifesto é transcrito na íntegra pelo jornal, e versa sobre a prepotência da Inglaterra em impor sanções à Itália e impedi-la de conquistar seu império no território africano. Com isso, exalta todos os italianos a boicotarem os produtos ingleses. A nota é concluída relatando justamente a grande adesão dos italianos residentes no Brasil às cerimônias de doação de ouro:

[...] é profundo nosso pensamento pela Itália! Esperamos e temos fé em Deus e no meu Santo Antônio de Pádua que a Itália obtenha a vitória. O Brasil está com nós, e por isso nós, italianos, façamos pela Itália o mais que possamos. Todos nós italianos doamos ao Cônsul o nosso anel matrimonial. A Itália é tão bonita quanto é maltratada.<sup>392</sup>

Por fim, o jornal notícia ainda a repercussão que a notícia da vitória italiana na Etiópia teve em Caxias:

<sup>389</sup> *Il Giornale dell'Agricoltura*, 02 jan. 1936. p. 10.

<sup>390</sup> *Il Giornale dell'Agricoltura*, 02 jan. 1936. p. 10.

<sup>391</sup> Ver GIRON (1994, p. 104 e seguintes).

<sup>392</sup> “[...] è maggiormente profondo il nostro pensiero per l'Italia! Speriamo ed abbiamo fede in Dio e nel mio Sant'Antonio di Padova che l'Italia abbia vittoria. Il Brasile é con noi, perciò noi Italiani facciamo per l'Italia piú che possiamo. Tutti noi italiani abbiamo consegnato al Console il nostro anello matrimoniale. Tanto bella é l'Italia e tanto maltrattata.” *Il Giornale dell'Agricoltura*, 05 mar. 1936. p. 2.

### O entusiasmo em Caxias

Quando, através da rádio de Roma, foi anunciada a entrada triunfal das nossas tropas na capital abissínia, se improvisou uma entusiástica manifestação à qual tomaram parte centenas de nossos co-nacionais e filhos de italianos, que, ao canto de hinos patrióticos, se direcionaram em cortejo à Sociedade Italiana Príncipe de Nápoles. Tomando a palavra e pronunciando um inflamado discurso de ocasião, o Ver. Pe. Andrea Zannetin, foi entusiasticamente aclamado. Foram elevados vivas entusiasmados ao Rei, a Mussolini, à Itália e ao Brasil, enquanto foram disparados centenas de fogos de artifício e bombas aéreas, anunciando a todos os nosso co-nacionais o glorioso acontecimento.<sup>393</sup>

A notícia da vitória italiana, segundo o relato, parece ter tido uma reverberação considerável junto à parte da população da cidade. Porém, a menção de “centenas” de adeptos à celebração e “centenas” de fogos de artifício parece soar um pouco exagerada. Sobre o fato, Mário Gardelin menciona apenas o “foguetório” ocorrido na Praça Dante Allighieri<sup>394</sup>.

Partindo do *Il Giornale dell'Agricoltore* enquanto fonte para analisar a repercussão do fascismo na região, fica evidente o papel do conflito ítalo-abissínio como o grande evento catalisador das manifestações fascistas locais. É a partir dele que se mobilizam os italianos no exterior a de fato contribuírem financeiramente com sua Pátria Mãe. As cerimônias organizadas por entidades locais ligadas à política fascista têm a participação de centenas de pessoas, que, ao que tudo indica, também inflamadas pela campanha posta em prática pelo periódico, depositam seus anéis nupciais e outros pertences de valor no altar da Pátria, num voto de fé feito ao fascismo.

Essa campanha em prol dos interesses italianos levada a cabo pelo *Il Giornale dell'Agricoltore* parece ser claramente orquestrada por algo maior. Como já discutido, ao que tudo indica, Adolfo Randazzo possuía relações estreitas com membros do Consulado Italiano em Porto Alegre, que por sua vez, tinha a seu

<sup>393</sup> “L’entusiasmo a Caxias - Quando, attraverso il radio di Roma venne annunciato l’entrata trionfale delle nostre truppe nella Capitale Abissina si improvvisò una entusiastica manifestazione alla quale presero parte centinaia di nostri connazionali e figli di italiani, che al canto di inni patriottici si recarono in corteo alla Società Italiana <<Principe di Napoli>>. Prese la parola pronunciando un infiammato discorso di occasione, il Rev. Padre Andrea Zannetin, che venne entusiasticamente acclamato. Vennero elevati evviva entusiastici al Re, a Mussolini, all’Italia e al Brasile, mentre venivano sparate centinaia di fuochi artificiali e bombe aeree, annunciando a tutti i nostri connazionali il glorioso avvenimento.” *Il Giornale dell'Agricoltore*, 07 mai. 1936. p. 9.

<sup>394</sup> In: HENRICHES, Liliansa Alberti (Org.). **Histórias da imprensa em Caxias do Sul**. Museu Municipal/Arquivo Histórico de Caxias do Sul/Pioneiro, 1988. p. 27.

encargo instruir, entre outros, órgãos de imprensa de acordo com as orientações vindas de Roma. Parece ser imperativo, portanto, pensar o papel do Consulado como responsável direto por essas manifestações organizadas de doação de ouro, onde o periódico teria servido como um dos principais instrumentos de auxílio para a efetivação prática de sua política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ascensão do fascismo ao poder na Itália, em 1922, levou a uma mudança na conjuntura política europeia, servindo de inspiração e modelo para outros governos e regimes autoritários que viriam a seguir. Os italianos tiveram, graças a Mussolini e a seu governo, um papel de destaque no cenário político internacional, algo que até então não havia ocorrido desde a unificação do país. Internamente, o fascismo buscava o alinhamento de todos os habitantes da península em torno de seu líder e de sua ideologia, ação que demandou um sistema de propaganda e coerção ideológica bastante apurado e, até certo ponto, inovador.

A imagem de uma nova Itália nacionalista, disciplinada, laboriosa, orgulhosa de si mesma e em comunhão com seu *Duce*, bastante explorada e idealizada pelos fascistas, mudaria também a visão que seus emigrados e descendentes tinham dela. Essa mudança, porém, não se deu de maneira unilateral: também o governo italiano alterou sua visão e sua política quanto a essa massa de imigrantes de origem italiana vivendo em outros países, agora considerados “italianos no exterior”. Mais do que procurar reatar os laços culturais com a sua pátria de origem, o fascismo imputava aos italianos no exterior uma missão política que obedecia aos interesses do partido fascista italiano.

Conforme os apontamentos de João Fábio Bertonha, os objetivos da rede de propaganda fascista no Brasil “implicavam na conquista da coletividade italiana e na instrumentalização desta para seus fins”. Para sua concretização, o governo italiano agiu em três níveis: “implantação no país de órgãos de socialização fascistas; [...] na potencialização do serviço consular e na conquista dos tradicionais foros da vida da colônia, ou seja, as escolas, as associações e os jornais”.<sup>395</sup> Este trabalho teve como foco principal essa última instância, especialmente no que tange a imprensa em circulação na região serrana do Rio Grande do Sul, buscando uma análise mais criteriosa de um desses periódicos – o *Il Giornale dell’Agricoltore* – supostamente ligado à propaganda fascista, porém, sem deixar de levar em consideração os demais níveis em que essa propaganda se deu.

---

<sup>395</sup> BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b, p. 87.

Ao terminar o trabalho, pode-se chegar a algumas conclusões que, se não em sua totalidade, respondem em boa parte as perguntas traçadas inicialmente.

O fascismo foi representado, noticiado e repercutido nas páginas do *// Giornale dell'Agricoltore* de modo a reforçar alguns elementos específicos da ideologia fascista. O primeiro deles é que aparece de forma bastante clara é a representação da imagem idealizada de uma Nova Itália, importante no cenário político global, em franco desenvolvimento econômico e intelectual, renovada e modernizada, militarmente forte, sem greves, socialmente organizada e disciplinada, e, mais importante, unida em comunhão com seu *Duce*. Também o compromisso em aproximar Itália e Brasil, procurando exaltar uma dupla fidelidade nacionalista no leitor foi um traço bastante característico, em função principalmente de pretensões nos campos econômico e cultural do governo fascista com relação à nação brasileira.

Outro traço bastante importante e ressaltado no periódico foi a associação do fascismo com italianidade. Ambos os conceitos estavam diretamente ligados entre si, e a italianidade passou a ter não apenas um significado cultural, mas também político. Dentro da proposta fascista de reatar os laços entre os “italianos no exterior” e sua pátria de origem, a aplicação desse conceito de italianidade encarregou a esses compatriotas a tarefa de também serem partidários do regime e tomarem parte da comunhão vivida entre os italianos peninsulares e seu líder fascista. Assim, a exaltação da “estirpe itálica”, parte da (re)construção identitária característica das décadas de 1920 e 1930, presente ao longo de todo o tempo de vida do jornal, mas especialmente no que tange à Festa da Uva, pode ser interpretada também por esse viés político ligado ao fascismo, tendo no *// Giornale dell'Agricoltore* um de seus agentes.

No âmbito desse processo em curso da exaltação da “estirpe itálica” entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul, promovido também pelo fascismo, é possível identificar um discurso que promove o agricultor ao posto de elemento ideal da sociedade, catalisador de todas as qualidades referentes à italianidade. Esse discurso é também bastante enfatizado no *// Giornale dell'Agricoltore* e parece indicar, de alguma forma, uma leve adaptação da ideologia fascista à realidade da serra gaúcha, predominantemente rural. Parece expressar também a necessidade em levar a ideologia fascista a esses colonos, que, distantes

do espaço urbano, tiveram pouco contato com as manifestações do fascismo ocorridas na região.

É possível observar por meio da imprensa regional, principalmente no *Il Giornale dell'Agricoltore*, a maior parte dos elementos de fascistização indicados por João Fábio Bertonha (2001b) e previstos pelo governo fascista, presentes, senão em toda região colonial da serra gaúcha, no município de Caxias: a existência de alguns representantes da imprensa mais ou menos direcionados pela propaganda fascista, *fascios* que reuniam membros da elite intelectual e financeira do município, ao menos uma escola responsável pela difusão da língua e dos ideais fascistas entre crianças e adolescentes, e grupos de socialização como o *Dopolavoro*, tendo o próprio Adolfo Randazzo, principal redator do *Il Giornale dell'Agricoltore*, como um dos membros mais ativos. Algumas dessas estruturas parecem ter sido mais influentes do que outras. O *Dopolavoro* foi a que mais exerceu atividades, que inclusive não se restringiam apenas ao núcleo urbano de Caxias, e parece ter sido a instituição com maior ressonância junto à população, apesar de seu conteúdo político ser menos explícito. Em contrapartida, os *fascios*, as escolas e as associações tiveram uma abrangência muito menor, limitando-se, em geral, às zonas urbanas.

Com exceção dos *fascios* e do *Dopolavoro*, a estrutura de divulgação do fascismo não foi revolucionária, utilizando-se de meios já existentes anteriormente, tanto na região como no país, e já relacionados aos governos liberais anteriores ao de Mussolini. A influência do Estado italiano junto a essas instituições parece apresentar uma continuidade com o fascismo, e não uma ruptura ou uma investida inovadora. A principal novidade aqui foi a associação direta entre italianidade, um conceito antes com significado sobretudo cultural, e o fascismo, passando, portanto, a ter um conteúdo também político. A ação do regime de Mussolini se deu, então, no sentido de “fascistizar” essas instituições já existentes, intensificando também sua atuação.

A ligação de todas essas entidades ao Consulado Italiano de Porto Alegre é ainda um tanto obscura, necessitando de mais estudos e pesquisas sobre a atuação do próprio Consulado e de seus agentes junto às comunidades e municípios do interior. No entanto, a leitura do periódico, como demonstrado ao longo da pesquisa, indica uma relação muito próxima entre membros importantes do Consulado, especialmente Celeste Gobatto, com as supracitadas entidades promotoras, em

maior ou menor grau, da ideologia fascista. Embora inconclusivos, vários indícios apontam nessa direção.

Com a chamada “questão ítalo-abissínia” deu-se o auge da veiculação do fascismo no *Il Giornale dell’Agricoltore*. Entre 1935 e 1936, o noticiário do periódico ocupou-se quase que exclusivamente, direta ou indiretamente, em tratar esse conflito. A legitimação pelo confronto em prol do fascismo deu-se pela representação da Itália fascista como portadora do estandarte da civilização e da cultura em contraponto à Etiópia, país habitado por bárbaros. Parte desse noticiário é oriundo de um boletim de informações emitido diretamente de Roma, sendo, portanto, orientado pelo partido fascista. Assim, pode-se observar aqui a utilização do periódico como uma ferramenta da propaganda fascista.

A questão ítalo-abissínia suscitou também considerável mobilização local, principalmente com a doação de objetos de ouro e outros pertences valiosos à pátria italiana a fim de financiar a expedição africana e reduzir os impactos das sanções comerciais impostas pela Liga das Nações. Cerimônias foram organizadas para a doação do anel nupcial, a ser depositado no “Altar da Pátria”, e que contaram com a participação e o patrocínio de grandes empresários e políticos de Caxias e região. O próprio periódico, em seu noticiário, estimulou e divulgou essas cerimônias, que, ao que tudo indica, eram ligadas ao Consulado Italiano de Porto Alegre, provavelmente o órgão responsável pelo recebimento e encaminhamento do montante de doações.

Ao final da pesquisa, algumas lacunas ficaram ainda a ser preenchidas. A ação e o papel da Igreja junto à movimentação fascista local foi um dos pontos em que as fontes consultadas não possuíam informações suficientes para qualquer conclusão. As fontes também não se mostraram conclusivas para um esclarecimento mais preciso quanto à repercussão do *Il Giornale dell’Agricoltore* e de outros órgãos de imprensa, principalmente nas zonas rurais. Não foram localizados dados referentes ao periódico enquanto empresa, número de funcionários, número de assinantes, locais em que o mesmo era comercializado, etc.

Porém, a principal lacuna não preenchida foi relativa à efetiva ligação entre o periódico e o Consulado Italiano de Porto Alegre. Embora os indícios levem a crer que, provavelmente, havia um diálogo entre as duas entidades, não foram localizadas informações sobre qual foi o teor desses diálogos, orientações, troca de material, patrocínios, financiamentos, etc. Não foi possível chegar a conclusões

sobre qual o grau de influência que uma entidade exercia sobre a outra, ou mesmo qual o grau de autonomia do *Il Giornale dell'Agricoltore* frente ao Consulado.

Essas lacunas, no entanto, mais do que limitações, devem ser pensadas como estímulos a novos estudos e a futuras pesquisas sobre o assunto. Por ora, acredita-se ter atingido o objetivo inicial de promover um maior entendimento sobre o papel da imprensa, e principalmente do *Il Giornale dell'Agricoltore*, como agente de divulgação e propaganda do fascismo, suas estratégias discursivas e suas motivações, especialmente em relação aos colonos, aqueles pequenos proprietários de terra com realidades e problemas muito distantes das propostas políticas apresentadas pela ideologia fascista.

## FONTES CONSULTADAS

Arquivo Histórico de Caxias do Sul João Spadari Adami – Fundo Manlio Randazzo e Coleção Studio Geremia.

Jornais:     *A Época* (1938)  
              *Caxias-Jornal* (1934)  
              *Correio Riograndense* (1998)  
              *Il Giornale dell'Agricoltore* (1934-1939)  
              *O Jornal* (1931-1932)  
              *O Momento* (1933-1945)  
              *Staffetta Riograndense* (1934-1938)

CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 2000.

SOCIETÁ ITALIANA DI MUTUO SOCORRO PRÍNCIPE DI NAPOLI. **Statuto della Società Italiana di M. S. Principe di Napoli.** Caxias do Sul, RS: [s.n.], [1933].

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKPAN, Monday B.. Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In: BOAHEN, Albert Adu (Org.). **História geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. Cap. 11, p. 281-318.
- \_\_\_\_\_. A Etiópia e a Libéria, 1914-1935: dois Estados africanos independentes na era colonial. In: BOAHEN, Albert Adu (Org.). **História geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. Cap. 28, p. 833-873.
- BARKER, A. J. **A conquista da Etiópia: sonho de um império**. Rio de Janeiro: Renes, 1979.
- BENEDUZI, Luis Fernando. Festa da Uva e política fascista: narrativa de operosidade e resgate da italianidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Simpósio Nacional de História, 2011a. p. 1 - 11. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300650832\\_ARQUIVO\\_BeneduziAnpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300650832_ARQUIVO_BeneduziAnpuh2011.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2012.
- \_\_\_\_\_. Uma aliança pela pátria: relação entre política expansionista fascista e italianidade na comunidade italiana do Rio Grande do Sul. **Dimensões**, Vitória-ES, v. 26, p.89-112, 2011b.
- BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXIV, n. 2, p. 247-268, 1998a.
- \_\_\_\_\_. Uma política exterior não estatal? Os *fasci all'estero* e a política externa do Partido Nazionale Fascista, 1919-1943. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 10, p.40-58, dez. 1998b.
- \_\_\_\_\_. **Sob a sombra de Mussolini**: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.
- \_\_\_\_\_. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**, 2001a, vol.21, n.40, pp. 85-104.

- \_\_\_\_\_. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b.
- \_\_\_\_\_. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRANDALISE, Carla. **O fascismo na periferia latino-americana: o paradoxo da implantação do Integralismo no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) – Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 1992.
- \_\_\_\_\_. O fascismo extra-europeu: o caso do integralismo no Rio Grande do Sul. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al (Org.). **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2004. p. 321-346.
- \_\_\_\_\_. Concepção de "italianidade" no Rio Grande do Sul: noções étnicas de pertencimento: mitos e conflitos. In: CAPPELLIN, Paola et al (Org.). **Entre mercado e memória: famílias e empresas de origem italiana no Brasil**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010. p. 109-136.
- BROWN, David. The case of the Brisbane fascio: the transnational politics of the Italia Fascist Party. **History Australia**, [Melbourne], v. 6, n. 1, p. 1-15, 2009.
- BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30**. São Luís: EDUFMA, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo"**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo"**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1992.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DALMÁZ, Mateus. **A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo: (1933-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DE BONI, Luís A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Riograndense, 1984.

- DE CAPRARIIS, Luca. "Fascism for export"? The rise and eclipse of the Fasci Italiani All'Estero'. **Journal of Contemporary History**, [New York], v. 35, n. 2, p. 151-183, 2000.
- ELMIR, Cláudio Pereira. Armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, dezembro de 1995, n. 13.
- GARDELIN, Mário. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**: fontes literárias. Porto Alegre: EST, 1988.
- GENTILE, Emilio. **Il culto del Littorio**: la sacralizzazione della politica nell'Italia fascista. Roma-Bari: Editori Laterza, 1994.
- GERTZ, René E. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.
- GIARDINA, Andrea. O mito fascista da romanidade. **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 22, n. 62, p. 55-76, abr. 2008. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/eav/article/view/10320>>. Acesso em: 08 fev. 2013.
- GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda, 1994.
- \_\_\_\_\_. Colônia italiana e educação. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 2, n. 4, p.86-106, 1998.
- GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Casas de negócios**: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vânia. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.
- GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. **100 anos de imprensa regional**: 1897-1997. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.
- HENRICHES, Liliana Alberti (Org.). **Histórias da imprensa em Caxias do Sul**. Museu Municipal/Arquivo Histórico de Caxias do Sul/Pioneiro, 1988.
- HEREDIA; Vânia Beatriz Merlotti; MACHADO, Maria Abel. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul**: cem anos de história. Caxias do Sul: Maneco, 2001.
- IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder**: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Imigração e poder**: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). Caxias do Sul: EducS, 2010.

- \_\_\_\_\_. Os estados brasileiro e italiano e a imigração italiana no RS. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, XVI, 2011, São Paulo. Anais... . São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1 - 11.
- JEANNENEY, Jean-Noël. Mídia. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**: volume 2. 3. ed. Lisboa: Mem Martins, 2002.
- LICHT, Henrique Felipe Bonnet. **Colônias de férias para escolares no Rio Grande do Sul**: subsídios históricos. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/78533>>. Acesso em: 7 out. 2013.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Educação e etnia: as efêmeras escolas étnico-comunitárias italianas pelo olhar dos cônsules e agentes consulares. **História da Educação**, Pelotas, v. 14, n. 30, p.227-258, jan/abr, 2010.
- LUCHESE, Terciane Ângela. Singularidades na história da educação brasileira: As escolas comunitárias étnicas entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (final do século XIX e início do XX)<sup>1</sup>. **Cuadernos Interculturales**, Valparaíso, v. 11, n. 6, p.72-89, 2008.
- \_\_\_\_\_. Difundindo ideais fascistas através de manuais didáticos: os 'italianos no exterior' e suas escolas (1922 – 1938). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 27., 2013, Natal. **Anais...** [natal]: ANPUH, 2013. p. 1 - 18.
- MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade**: história de Caxias do Sul 1875/1950. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.
- MARQUES, Alexandre Kohlrausch. **"A questão ítalo-abissínia"**: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. 2008. 263 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Programa de Pós-graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- \_\_\_\_\_. A invasão da Abissínia e o jornal A Alvorada. **História em Revista**, Pelotas, v. 16, p. 69-90, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/hr16/marques.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

- MÉNDEZ, Rubén Domínguez. Dos instrumentos en la propaganda exterior del fascismo: emigración y cultura. **Hispania Nova**: Revista de Historia Contemporánea, Madrid, n. 10, p. 238-264, 2012.
- MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. **Entre o vinho e a política**: uma biografia de Celeste Gobbato (1890-1958). 2011. 209 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Programa de Pós-graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- PAGANI, Marcos Fernando. **O nacionalismo na Região Colonial Italiana**. Caxias do Sul: Maneco Livr. & Ed., 2005.
- PARADA, Maurício. Estados autoritários e meios de comunicação de massa: Itália, Portugal e Espanha – 1922/1937. In: RIBEIRO, Ana Paula; HERSHMANN, Micael. (Org.) **Comunicação e História**. Rio de Janeiro: Maud X, 2008, v. 1, p. 205-219.
- PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PISTORELLO, Daniela. **"Os homens somos nós..."**: o integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. 2001. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, PUCRS, Porto Alegre, 2001.
- POSSAMAI, Paulo César. **"Dall'Italia siamo partiti"**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005
- PRETELLI, Matteo. Tra estremismo e moderazione: Il ruolo dei circoli fascisti italo-americani nella politica estera italiana degli anni Trenta. **Studi Emigrazione/migration Studies**, Roma, n. 150, p. 315-328, 2003.
- RELA, Eliana. **Nossa fé, nossa vitória**: Igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, p. 621-648.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

- VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus"**: uma identidade para os imigrantes e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945). 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado) - PUCRS, Porto Alegre, 2007.
- VALDUGA, Vander. **Raízes do turismo no território do vinho**: Bento Gonçalves e Garibaldi - 1870 a 1960 - (RS/BRASIL). 2011. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.